



**PROFHISTÓRIA**

MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA

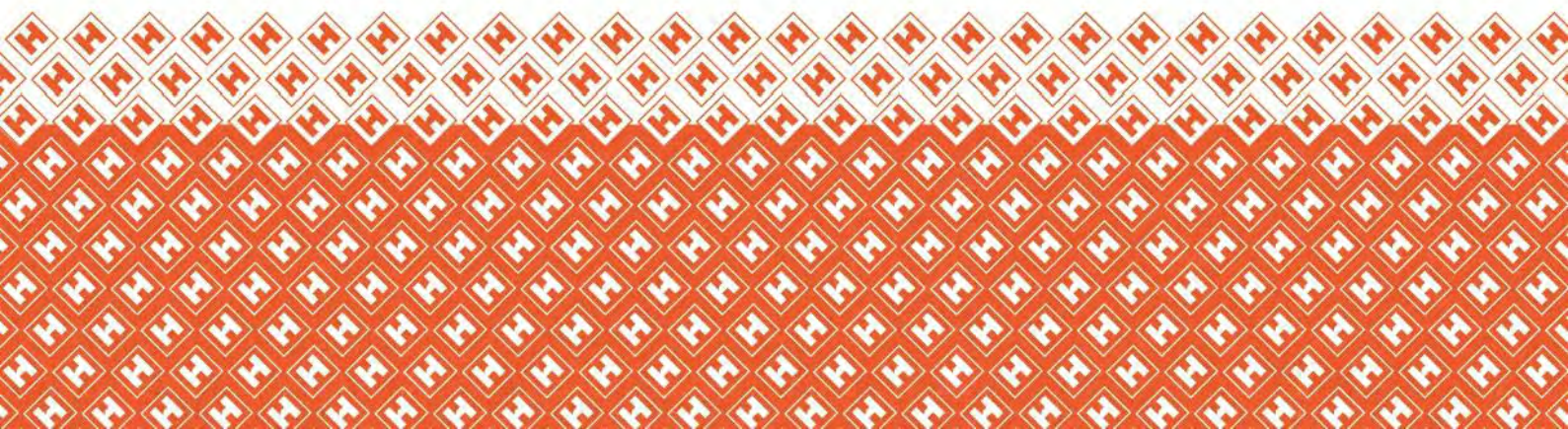
---

Elimar Machado de Souza

**“QUE HISTÓRIA É ESSA PROFESSORA?”**  
UMA REFLEXÃO SOBRE A HISTÓRIA DO  
TEMPO PRESENTE E SUA CONTRIBUIÇÃO  
PARA O ENSINO MÉDIO

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE  
JANEIRO

Junho / 2022



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA  
MESTRADO PROFISSIONAL - PROFHISTÓRIA

Elimar Machado de Souza

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino de História - Mestrado Profissional, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino de História.

Dissertação aprovada em 27/06/2022

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Rebeca Gontijo Teixeira  
PRESIDENTE – ORIENTADORA

---

Profa. Dra. Regina Maria De Oliveira Ribeiro  
MEMBRO INTERNO

---

Prof. Daniel Pinha Silva  
MEMBRO EXTERNO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE  
JANEIRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA



TERMO Nº 725 / 2022 - PROFHIST (12.28.01.00.00.00.79)

Nº do Protocolo: 23083.039529/2022-60

Seropédica-RJ, 28 de junho de  
2022.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE  
HISTÓRIA

ELIMAR MACHADO DE SOUZA

DISSERTAÇÃO submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de MESTRA, no Programa de Pós Graduação em ENSINO DE HISTÓRIA.

APROVADA EM 27 de junho de 2022

Conforme deliberação número 001/2020 da PROPPG, de 30/06/2020, tendo em vista a implementação de trabalho remoto e durante a vigência do período de suspensão das atividades acadêmicas presenciais, em virtude das medidas adotadas para reduzir a propagação da pandemia de Covid-19, nas versões finais das teses e dissertações as assinaturas originais dos membros da banca examinadora poderão ser substituídas por documento(s) com assinaturas eletrônicas. Estas devem ser feitas na própria folha de assinaturas, através do SIPAC, ou do Sistema Eletrônico de Informações (SEI) e neste caso a folha com a assinatura deve constar como anexo ao final da tese / dissertação.

Dr. DANIEL PINHA SILVA, UERJ Examinador Externo à Instituição

Dra. REBECA GONTIJO TEIXEIRA, UFRRJ Presidente e orientadora

Dra. REGINA MARIA DE OLIVEIRA RIBEIRO, UFRRJ Examinadora Interna

*(Assinado digitalmente em 08/07/2022 09:25 )*

REBECA GONTIJO TEIXEIRA  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DeptHRI (12.28.01.00.00.00.86)  
Matrícula: 1734363

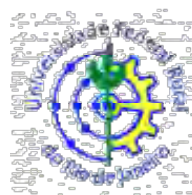
*(Assinado digitalmente em 05/07/2022 11:46 )*

REGINA MARIA DE OLIVEIRA RIBEIRO  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DeptTPE (12.28.01.00.00.00.00.24)  
Matrícula: 1809331

*(Assinado digitalmente em 11/07/2022 14:19 )*

DANIEL PINHA SILVA  
ASSINANTE EXTERNO  
CPF: 094.747.087-54

Para verificar a autenticidade deste documento entre em  
<https://sipac.ufrrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: 725, ano:  
2022, tipo: TERMO, data de emissão: 28/06/2022 e o código de verificação: 3662189bb4



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**PROFHISTÓRIA MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE**  
**HISTÓRIA**

**“QUE HISTÓRIA É ESSA PROFESSORA?” UMA REFLEXÃO SOBRE**  
**A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA**  
**O ENSINO MÉDIO**

**ELIMAR MACHADO DE SOUZA**

*Sob a orientação da Professora*  
**REBECA GONTIJO**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ensino de História**, no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória.

**Seropédica - RJ**  
**Junho de 2022**



Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S719q Souza, Elimar, 1980-  
Que História é essa professora: Uma reflexão sobre a História do Tempo Presente e sua contribuição para o Ensino Médio / Elimar Souza. - Nova Iguaçu, 2022.  
203 f.: il.

Orientadora: Rebeca Gontijo Teixeira.  
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Ensino de História, 2022.

1. Ensino de História. 2. História do Tempo Presente. 3. Ensino Médio. 4. ENEM. 5. Temas Sensíveis. I. Gontijo Teixeira, Rebeca , 1968-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Ensino de História III. Título.

Dedico esta dissertação

A minha orientadora Rebeca, pela paciência e pela ajuda imensurável. Sei que eu deveria ter sido mais transparente com relação a minha saúde mental. Mas se tem algo que eu aprendi no meio de toda a escuridão que vivi, é que nem sempre conseguimos pensar com clareza. Muito obrigada por esperar a conclusão desse texto.

Aos meus colegas de turma, que me fizeram lembrar o quanto é bom ser estudante

Aos meus professores e professoras, pela ajuda e pelo conhecimento abundante que me proporcionaram

Ao meu pai Eli, que talvez ficasse um pouco orgulhoso dessa minha conquista

À minha mãe Cida, pela força e pela paciência de sempre

À minha amiga e escritora Lucy Vargas, por ouvir minhas lágrimas e me incentivar a não desistir. Sei que foi duro ouvir minhas lamúrias e as minhas frustrações durante esse período, mas sem o seu apoio talvez eu não conseguisse (e sim, eu coloquei na mão de Lulu...rs)

Aos amigos Angelita e Thiago, que junto comigo, travaram uma batalha diária, tentando não esmorecer e se manter firmes para concluir esse mestrado

Aos meus sobrinhos (biológicos e de coração) Caio, Brendon, Duda e Lyncoln, pelo simples fato de existirem

E especialmente ao meu amigo Pedro, que não está mais aqui para ver essa conquista. Não há um dia em que não pense e sonhe com você. Eu sei o quanto você também desejou isso. Esse é o meu último presente para você. Te amo.

## AGRADECIMENTOS

*“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”*

É meu dever nesse momento agradecer todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a construção dessa dissertação. A conclusão dessa etapa da minha vida acadêmica demorou muito mais do que eu imaginava. E ela só pode ser concluída com êxito, porque eu fui cercada de pessoas incríveis, que me fizeram ver que eu era capaz. Antes mesmo da pandemia, me vi engessada e sem ânimo, tentando buscar sentido para a minha vida pessoal e profissional. Me vi sem saída e não busquei ajuda naquele momento, por acreditar, soberbamente, que seria forte o bastante para conseguir resolver tudo sozinha. Não pude. Mas mesmo paralizada, eu me via pensando no primeiro dia em que entrei na UFRRJ já como aluna, e como aquilo tinha me deixado feliz e realizada. Desistir não era de verdade uma opção. Agradeço a professora Rebeca pela imensa paciência que teve comigo, em perguntar sempre com firmeza e carinho sobre o meu progresso. As professoras Maria Angélica e Regina, me fizeram querer ser uma professora melhor. Ao professor Felipe, por mostrar que sempre existem novos caminhos para se ensinar, mesmo que a gente não consiga ver isso em um primeiro momento. Ao professor Daniel Pinha, pela grande ajuda que me proporcionou através das reflexões que trouxe na minha qualificação. Aos meus colegas de turma, André, Angelita, Anna Luiza, Janine, Moises, Ricardo, Rômulo, Saulo e Tuanny, que fizeram dois anos passar tão rápido, e mostraram, cada um ao seu jeito, como todos nós podemos ser professores melhores. A todos os meus alunos e ex-alunos, que fizeram com que eu sentisse o desejo de me tornar uma professora melhor. Cada dúvida e anseio que tive ao longo da minha carreira valeram a pena, pois me fizeram chegar até aqui. Agradeço também a minha família, que teve que lidar com a minha ausência e que tentou entender a situação pela qual estava passando. Peço perdão por não ter explicado o que se passava dentro de mim, pois nem eu mesma entendia. Agradeço a minha amiga Luciana Vargas, escritora, jornalista e psicóloga amadora, que ouviu tanto as minhas reclamações que deve ter ficado com dor de ouvido. E finalmente, agradeço as boas energias que me foram enviadas quando contraí COVID-19. Exatamente no dia em que seria a minha vez de me vacinar, me vi doente e sem forças para levantar. Acreditei mesmo que não consegueria vencer a doença. Mas quis o universo, Deus ou o que você quiser chamar, que eu ficasse mais um tempo aqui. Diante disso, eu só agradeço.

## RESUMO

SOUZA, Elimar M. de. “Que História é essa professora?” Uma reflexão sobre a história do tempo presente e sua contribuição para o Ensino Médio. Dissertação do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória). UFRRJ, 2022. 201 páginas.

Repensando sobre a minha própria prática docente, essa dissertação tem como intuito refletir sobre o uso da história do tempo presente nas aulas do Ensino Médio, pensando no ensino de história como algo voltado para as questões do tempo presente e dos temas sensíveis para a juventude da atualidade. Analisando as provas de Ciências Humanas do ENEM dos últimos 10 anos e propondo aulas em que esses temas são debatidos, pude verificar que o tempo presente não tem recebido o destaque que precisa para trazer uma reflexão mais assertiva para os alunos desse segmento. Ao defender uma educação que liberta, faço um paralelo sobre a aula de história, como o início de um processo, que vai além do currículo, o qual aluno se torna crítico dos acontecimentos, que os cerca, buscando explicações na História para a desigualdade social, o racismo, a homofobia, dentre outros assuntos que fazem parte do seu cotidiano. Ao propor a construção de uma revista pedagógica voltada para o Ensino Médio e que traga temas que suscitam as reflexões mencionadas acima, tento estabelecer uma ponte entre os alunos e esses temas, construindo uma narrativa que faça sentido e atinja esses jovens, fazendo com que o debate evolua, mostrando a importância da História para a construção de uma cidadania de fato.

**Palavras-Chave:** História do tempo presente – Ensino de História – Ensino Médio – ENEM – Temas Sensíveis – Memória

## RESUMEN

SOUZA, Elimar M. de. "¿Qué historia es esta maestra?" Una reflexión sobre la historia del tiempo presente y su aporte a la Educación Secundaria. Disertación del Programa de Maestría Profesional en Enseñanza de la Historia (ProfHistória). UFRRJ, 2021. 200 páginas.

Repensando mi propia práctica docente, esta disertación tiene como objetivo reflexionar sobre el uso de la historia del presente en las clases de secundaria, pensando la enseñanza de la historia como algo centrado en las cuestiones del presente y temas sensibles para los jóvenes de el presente. Analizando las pruebas de Ciencias Humanas de la ENEM de los últimos 10 años y proponiendo clases en las que se debatan estos temas, pude comprobar que la actualidad no ha recibido el énfasis que necesita para llevar una reflexión más asertiva a los estudiantes de este segmento. Al defender una educación que libera, hago un paralelo sobre la clase de historia, como el inicio de un proceso, que va más allá del currículo, en el que el estudiante se vuelve crítico con los hechos que lo rodean, buscando en la Historia explicaciones para la desigualdad social. . , racismo, homofobia, entre otros temas que forman parte de su cotidianidad. Al proponer la construcción de una revista pedagógica dirigida a la Enseñanza Media y que trae temas que suscitan las reflexiones antes mencionadas, trato de establecer un puente entre los estudiantes y estos temas, construyendo una narrativa que tenga sentido y llegue a estos jóvenes, haciendo que el debate evoluciona, mostrando la importancia de la Historia para la construcción de una ciudadanía de hecho.

**Palabras clave:** Historia del presente – Enseñanza de la Historia – Enseñanza Media – ENEM – Temas Sensibles – Memoria

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS .....</b>	<b>7</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>8</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1: A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE NO ESPAÇO ESCOLAR.....</b>	<b>22</b>
1.1. História do tempo presente e o Ensino de História: um breve balanço historiográfico. ....	23
1.2. Anacronismo e o passado recente: pode o professor ser anacrônico? .....	29
1.3. O interesse pelo passado recente: pode a história do tempo presente ajudar a construir criticidade?.....	34
1.4. O ENEM e a escola: como ambos ajudam nossos alunos a compreender a História do tempo presente .....	40
1.5. A questão do testemunho na aula de História: como equilibrar diferentes narrativas e tornar o testemunho um aliado para o professor .....	43
<b>CAPÍTULO 02: A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA NA SALA DE AULA – COMO APROVEITAR O QUE OS ALUNOS TRAZEM PARA A AULA DE HISTÓRIA .....</b>	<b>48</b>
2.1. A consciência histórica e a articulação de temporalidades – como entender o que nossos alunos pensam sobre o passado. ....	49
2.2. A aula faz sentido? Como a consciência histórica articula a experiência dos jovens alunos de hoje. ....	54
2.3. A memória e a aula de história: construindo uma ponte! .....	58
2.4. A consciência do outro: o peso do depoimento do avô! .....	66
<b>CAPÍTULO 03: “REVISTA HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE: PARA O ALUNO DO ENSINO MÉDIO” – JUSTIFICANDO A ESCOLHA DO PRODUTO FINAL.....</b>	<b>71</b>
3.1. Uma revista interativa: um diálogo com as novas mídias e as demandas da juventude.....	72
3.2. História do tempo presente e ENEM: uma justificativa para a construção da revista.....	75
3.3. Construindo juntos: como o processo de construção da revista pode ser benéfico para alunos e professores. ....	79
3.4. Colocando a mão na massa: a revista toma forma!.....	115
3.5. Sequência Didática: como professores de história podem construir sua própria revista com os alunos .....	125



	11
<b>APONTAMENTOS FINAIS .....</b>	<b>130</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>133</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>141</b>

“Toda a história é contemporânea, na medida em que o passado é apreendido no presente e responde, portanto, aos seus interesses, o que não só é inevitável, como legítimo”

JACQUES LE GOFF

## INTRODUÇÃO

A escolha por fazer um mestrado profissional em ensino de história se mostrou uma provocação muito maior do que eu imaginava a princípio. Cada passo dado rumo à sala de aula, novamente como aluna, me mostrava desafios que, em alguns casos, já haviam sido vivenciados, e em outros, se apresentavam como algo completamente novo para mim.

Sendo professora da Educação Básica, inúmeras são as dificuldades encontradas ao longo do meu percurso no magistério. Como professora de História, estas dificuldades, se não ampliadas, se tornam mais desafiadoras, pois exige-se de nós o tão sonhado aluno crítico, que se reconheça como cidadão, e que possa se articular com certa desenvoltura na realidade que o cerca. Ao escolher a história do tempo presente como motor para conduzir minha pesquisa, tive que refletir sobre a minha prática ao longo de quase doze anos de magistério, assim como os anseios e dúvidas de meus alunos ao longo desse período.

A escolha pela História do tempo presente e seu impacto nas aulas de história junto a alunos da Educação Básica, no caso dessa pesquisa, alunos que se preparavam para o ENEM, não veio tão facilmente. Por termos a chance de amadurecer, ainda que num tempo curto, nossa escolha de tema para a pesquisa / dissertação, minhas principais dúvidas giravam exatamente em torno do tema. Erroneamente, quis trazer questões que estavam inseridas na minha dificuldade cotidiana em lidar com turmas de alunos tão jovens – 10, 11 anos, - e em um primeiro momento, acreditei que esse seria o caminho que seguiria em minha pesquisa. Após algumas aulas, ouvindo as experiências de colegas e dos professores, pude perceber que minhas questões iniciais poderiam ser resolvidas de outra maneira, e que a escolha do tema poderia estar sim na minha zona de conforto, e que isso não significaria que o trabalho seria “mais fácil”, mas que poderia me dar um rumo mais acertado para a pesquisa que eu poderia vir a desenvolver. Por estarmos vivendo um momento “estranho”<sup>1</sup> em sala de aula, isso para dizer o mínimo, o interesse por uma história mais recente tomava uma forma diferenciada, trazendo novas discussões para a sala de aula, o que acabou por delinear minha escolha futura. Essa curiosidade pela história como um todo, veio para trazer novas reflexões, pois o que passava a ficar claro

---

<sup>1</sup> O início efetivo da minha pesquisa corresponde ao período que antecede as eleições presidenciais de 2018. Nesse momento, ganha cada vez mais força ideias como a Escola sem partido e o negacionismo, que acabou por empurrar professores a ter lidar com questões que, até então, não faziam parte do seu trabalho.

para nós professores é que a sala de aula não seria o único lugar onde nosso aluno aprenderia “História<sup>2</sup>”.

A História como disciplina desperta reações múltiplas em nossos alunos. Às vezes vista como antiquada, com temas de um passado inalcançável, também é vista como aquela que desperta um certo fascínio, exatamente por gerar uma curiosidade única, insuflando um desejo de saber mais sobre o que o professor fala em sala de aula. Se bem conduzida e planejada, a aula de História leva o aluno a percorrer outros caminhos, seja pesquisando de maneira despreziosa na internet, seja perguntando para parentes e colegas sobre o tema que conseguiu despertar sua atenção. Aqui, a bagagem trazida pelo aluno faz toda a diferença, pois é ela que vai nos mostrar como construir uma aula mais coerente com aquilo que ele é, e com aquilo que ele quer ser. Essa bagagem foi exatamente a responsável por me fazer chegar de maneira definitiva ao meu tema: como a história do tempo presente pode contribuir para a construção de uma aula mais coerente com a realidade que cerca nossos alunos? Vários são os desdobramentos dessa questão, mas ao tentar entender como a HTP entra na vida desses alunos, a aula de história passa a se apresentar como um espaço de debate, discussão e ganho pedagógico. Isso não só para nossos alunos, mas também para nós professores, que precisamos fazer uso desse diálogo para construir uma aula com mais sentido, como uma via de mão dupla, onde perdas e ganhos vão construindo essa ponte de conhecimento, onde a História como disciplina tem a chance de retomar seu lugar de importância na escola e na sociedade.

Ouvindo as experiências de colegas e professores, analisando e refletindo com os textos indicados e encontrados ao longo desse caminho que percorri, não sozinha, mas com todos os colegas que estavam no mestrado comigo, pude notar que todos estávamos em busca de algo semelhante: uma aula que fizesse sentido. Esse sentido talvez fosse diferente para todos os envolvidos. E não me refiro somente a mim e aos meus colegas, mas também os nossos alunos, jovens tão diferentes entre si, que possuem objetivos tão diversos, que acaba por se torna difícil de serem mencionadas aqui.

O que essa pesquisa me mostrou (e tem me mostrando, já que continuo estudando e pesquisando sobre o tema), é que se faz necessário perceber a relevância da história do tempo presente para o professor da educação básica. Por estarmos tão próximos desse tempo, podemos ser confrontados a todo momento por testemunhos trazidos por nossos

---

<sup>2</sup> Uso “História” com letra maiúscula de propósito, pois a partir do negacionismo que temos vistos em várias esferas da sociedade, a história disciplina tem perdido espaço, e a procura por uma “história verdade” tem colocado os professores em uma posição de fragilidade e desconfiança, o que faz com alunos busquem aprender / entender história em outros lugares, passando a olhar o professor e o conteúdo apresentado como algo a se questionar e desacreditar.

alunos, que acabam por adquirir um discurso originado de uma memória que não pertence diretamente a eles, mas que possui um peso que seria maior do que aquele apreendido em sala de aula. Por termos essa proximidade com os acontecimentos estudados pela HTP, devemos ter em mente que esse é um campo de confronto. Confronto exatamente por termos uma memória ainda viva, onde os testemunhos podem se apresentar como única verdade, pois “*podem vigiar e contestar o pesquisador, afirmando sua vantagem de ter estado presente no momento do desenrolar dos fatos*”<sup>3</sup>. Com isso, a história do tempo presente acaba por ocupar espaços que são instituídos “*pelos representações que os grupos, as redes, as comunidades fazem sobre si mesmos*”<sup>4</sup>, e que tais representações só poderiam ser analisadas no todo quando entrassem em atrito com outras representações. A sala de aula nessa dissertação, se apresenta como uma dessas representações, que entra em atrito com os espaços que nossos alunos frequentam, sejam eles reais e / ou virtuais.

Lecionando para o Ensino Médio, pude perceber que temas ligados a História do tempo presente sempre estavam na ordem do dia para meus alunos, e sempre originavam debates importantes no desenrolar das aulas. Quando finalmente cheguei a esse tema para essa dissertação, me vi obrigada a repensar práticas, atitudes, falas, escritas... Muito do que foi trabalhado ao longo de minha permanência em sala de aula, me foi guiado pelos questionamentos de meus próprios alunos, me dando uma tarefa extra em meu cotidiano como professora, mas desafiador e estimulante o suficiente para não me fazer desistir.

Os últimos anos em sala de aula têm sido bem difíceis, o que acredito não ser diferente para meus colegas, que já enfrentam os desafios ditos normais do magistério, e agora precisam buscar meios para mostrar que não estão “doutrinando” seus alunos, e sim tentando fazer com a mínima qualidade o seu trabalho. Hoje, o professor precisa tentar responder a seguinte questão: como fazer os alunos se pela história ensinada e pela escola, pelo conhecimento?

Mesmo que fosse essa minha vontade, não conseguiria responder tal questão. Mas a dissertação aqui apresentada, assim como o produto proposto, tem como intenção ajudar colegas professores a ter mais uma opção para que essa questão seja aclarada em um futuro próximo.

Ao longo dessa dissertação, pretendo levantar algumas questões que me ajudaram a compreender melhor sobre a HTP e sua inserção junto a Educação Básica. Tais questões

---

<sup>3</sup> DELGADO e FERREIRA, 2013, p. 22.

<sup>4</sup> O trecho citado foi retirado de uma fala do historiador Francisco Carlos Teixeira da Silva ao divulgar a 2ª Jornada de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde, que ocorreu em 2013, na Fiocruz. O historiador propôs uma comparação entre o Rio de Janeiro de 2013 e Berlim de 1938, pedindo cuidado com o microfascismo que a sociedade brasileira estava vendo surgir naquele momento.

me serviram não só como reflexão, mas também como uma maneira de guiar a construção do produto proposto pelo curso, que se apresenta como um instrumento pedagógico crível, que pode ser usado por colegas que atuam junto ao Ensino Médio. Entre os questionamentos feitos para essa pesquisa estão: A abordagem do tempo presente na escola é necessária? Como é possível lidar com o excesso de informações que circulam sobre o presente? Como selecionar o que pode e deve ser abordado na aula de história, diante da massa de informações sobre a atualidade que circula na Internet e na imprensa? As questões do ENEM servem como termômetro das questões do presente consideradas importantes em um determinado momento? Considerando que sim, como o aluno pode estudar tais questões? Quais são os obstáculos encontrados à abordagem do presente na escola? Essas questões aparecerão novamente ao longo desse trabalho, mostrando algumas das descobertas que fiz conforme o desenrolar da pesquisa.

Outro elemento a ser desenvolvido na dissertação é o incentivo em transformar aquilo que o aluno lê e / ou assiste em um problema a ser resolvido. Fazer com que ele questione o que escuta e vê. Nesse contexto, a criticidade tão almejada por nós professores, deve ser estimulada ao longo de todo o processo. Temos vivenciado retrocessos e mais retrocessos, e a escola talvez seja a instituição mais desacreditada, sofrendo ataques por parte daqueles que deveriam protegê-la. E a disciplina História tem sido obrigada a lidar com questionamentos absurdos, além de fazer com que o professor se torne um alvo da ignorância que tem crescido no Brasil.

As dificuldades em lidar com questões do nosso tempo nas aulas de história, equilibrar passado e presente e fazer ambos terem sentido para os alunos de Ensino Médio, lidar com uma série de informações que chegam de todos os lados, sem ter certeza de que estas são verdadeiras ou não, a pressão em torno de uma possível aprovação para o ENEM... todos esses desafios estão no horizonte dos alunos ao final do Ensino Médio, assim como estão também no caminho do professor de História, e têm se mostrado cada vez mais desafiadores. Somos levados a buscar saídas para que a aprendizagem ocorra, quando na verdade, o caminho ainda se tem mostrado nebuloso. Na dissertação buscarei abarcar qual a atuação do Ensino de História na compreensão de mundo que nossos alunos possuem hoje, e de que maneira pode se tornar auxiliadora na hora de apreender sobre os temas sensíveis. Por isso o tema escolhido para essa dissertação se apresenta como um tema de intervenção e sensibilização, tendo, portanto, um duplo potencial, tanto para os alunos quanto para mim, como professora de História. O potencial que esse tema apresenta para produzir um engajamento crítico, mas não necessariamente político, demanda um cuidado especial do professor, e já se apresenta como um importante recurso didático.



Mas qual seria o grande desafio que a história do tempo presente apresenta para o professor de História? Sabemos que as respostas para essa questão não muitas, mas a que nos interessa aqui é: fazer com que os alunos se interessem pela história que se passa na escola. Essa tarefa precisa caminhar juntamente com as possibilidades que precisamos criar / trabalhar para que o aluno perceba a história como uma ciência, que possui metodologias específicas, e por isso precisam ser compreendidas e analisadas nesse contexto. O que se quer, além de fazer com que esses alunos se percebam como parte da história que está sendo construída, é dar a eles ferramentas possíveis para que eles possam notar a história como sendo algo voltado para as questões da atualidade, usando-a como um importante instrumento de reflexão.

A necessidade de falar da HTP tocando em temas de sensibilização, é algo que tem se tornado cada vez mais presente para os alunos da Educação Básica. Esses temas chegam aos nossos alunos de maneiras diversas, e acabam por ser mobilizados a partir de uma perspectiva própria da juventude atual, que vive em um grande processo de aceleração da informação, trazido pelas redes sociais, principalmente. Nosso aluno não testemunhou os fatos<sup>5</sup>. Ele oraliza aquilo que vê e ouve da família, dos amigos, das redes sociais e no ambiente virtual como um todo. Cabe a nós usar isso como uma estratégia possível para aumentar o interesse desse aluno na história disciplinar. Por serem esses alunos absorvidos pelo clima de sua época, torna-se um desafio a mais criar um engajamento plausível para eles, tanto político quanto digital. Para esse aluno, influenciado de maneira tão intensa, o professor acaba por ser uma figura que recebe dele um olhar de desconfiança, já que ele também precisa lidar com as críticas feitas ao seu professor de História, que, segundo consta, deveria ser aquele que tem um “pacto com a verdade”. Esse pacto vem de encontro ao engajamento político que o professor demonstraria, principalmente em sala de aula, mas também fora dela, enfrentando desafios bem obscuros em sua trajetória, simplesmente por tentar fazer bem o seu trabalho.

Durante esse tempo de leituras e pesquisas, orientada por professores e aconselhada colegas, percebi que as questões sobre o tema se multiplicavam, exatamente porque naquele momento, eu sabia mais sobre o tema e, por isso, pude pensar com mais clareza nele, inserido na minha realidade e na realidade de meus alunos do momento. Esses novos questionamentos que surgiam, se apresentavam para mim como um exercício importante, que pretendo levar para a minha vida profissional, mas mais que isso: se

---

<sup>5</sup> Os fatos a que me refiro aqui são os estudados em sala de aula, e que estariam inseridos na chamada história do tempo presente.

apresentavam como mais pontos a serem considerados na pesquisa. A Educação Básica, por possuir essas especificidades tão particulares, exigem questionamentos pontuais sobre a História do tempo presente e sobre o papel desempenhado pelo aluno para uma melhor compreensão desse passado tão próximo a nós. Mas seria a proximidade da HTP uma desvantagem para o professor? Pode o depoimento de terceiros, trazido por nossos alunos, anular o que fazemos em sala de aula? Por ser uma forma de “*historiar o contemporâneo*”, a HTP se apresentaria como uma importante ferramenta para o professor da Educação Básica, pois colocaria o aluno em situação de vantagem, onde ele passa a ter contato direto com aqueles que viveram e vivem a História, assim como ele. Esse contato, ao ser possível, pode ser um importante auxiliador para a compreensão daquilo que o professor precisa, que é um aluno que pensa com criticidade, e usa de diversas fontes para compreender aquilo que estuda.

A aula de História é vista como uma longa abordagem sobre o passado. Alunos chegam já com essa ideia pré-concebida, que os leva a crer que o passado, e somente ele, é o que será abordado naquele espaço. O papel do professor, nesse contexto, é mostrar que aquele passado já foi o presente de um grupo, e que aquele presente teve um impacto na vida daqueles que o vivenciaram, e que seu eco pode ser sentido em nosso presente, se ele souber identificar a ponte que une tais “presentes”. Os conteúdos que estão no currículo atualmente servem para legitimar uma proposta política, onde se define previamente aquilo que se considera importante, e que os alunos devem guardar na memória e usar como elemento de orientação de sua atuação no mundo, sua cidadania, suas escolhas, valores, etc.

. Partindo dessa premissa, o ENEM seria uma das possíveis culminâncias desse projeto que é o Ensino Médio, onde os alunos ao final, mostrariam o que foi realmente assimilado durante os três anos que estiveram em sala de aula. O resultado seria mostrar o que, de todos os conteúdos trabalhados ao longo desse tempo, o aluno de fato conseguiu assimilar / aprender. Nossa proposta não é discutir o formato do exame, nem estabelecer comparações para verificar as mudanças ocorridas no formato da prova ao longo de sua existência. Sabemos que isso de fato ocorreu e acabou por obrigar a nós, professores, a nos adaptarmos e entenderemos como trabalhar essas mudanças com nossos alunos. Porém, nosso objetivo aqui é fazer uma análise das questões onde a história do tempo presente apareça, criando assim desdobramentos em cima dos temas abordados, aumentando as opções de assuntos a serem trabalhados / discutidos com os alunos. Os temas sensíveis nesse ínterim ganham destaque, exatamente por exigirem uma maior atenção, tanto por parte de nós professores quanto dos nossos alunos.

Durante o desenvolvimento dessa pesquisa, uma análise dos últimos dez anos de provas de ciências humanas do ENEN foi feita, tendo como foco questões que abordassem temas da HTP. Analisamos também os temas de redação, que nos ajudaram a contextualizar o período em que tais provas foram construídas, e os possíveis argumentos usados pelos jovens para escreverem seus textos dissertativos. Esses temas e as abordagens usadas em cada questão, foram pensadas como possibilidades de atividades e pesquisas juntos aos alunos do Ensino Médio, onde se propõe a construção de uma revista sobre a história do tempo presente. Aqui, faremos uma sequência didática, onde colegas professores poderão fazer uso, podendo assim construir sua própria revista também, de acordo com a sua realidade escolar. A construção da revista se coloca como ponto de partida para outras possíveis atividades, onde o uso do espaço físico da escola<sup>6</sup>, mostraria uma estratégia para além do virtual. Tal atividade também pode servir como uma importante ferramenta para que os alunos possam desenvolver a habilidade escrita e a organização de narrativas, argumentações, comparações, reflexões... Tornando essa revista não só um objeto de instrumentalização da escrita desses jovens, mas também instrumentalizar e dar sentido a produção escrita<sup>7</sup>.

Mostrarei que a construção da revista pode se tornar algo além da culminância de um trabalho pedagógico para o Ensino Médio, mas sim um processo que leve a outros ganhos, pedagógicos, teóricos e quem sabe, políticos. Com isso, a revista se apresenta como uma proposta teórico-metodológica, onde a narrativa histórica do professor, que tem sido colocada em segundo plano nos últimos anos, tenta encontrar saídas para ocupar novamente o seu lugar em sala de aula, assim como as narrativas dos alunos, a partir das aulas e outras atividades com o professor.

No primeiro capítulo da dissertação, pretendo fazer um breve balanço historiográfico sobre a história do tempo presente e sua inserção no espaço escolar, falando sobre a abordagem que usamos, o interesse que nossos alunos do Ensino Médio têm pelo passado e como eles constroem criticidade. Também pretendo falar sobre o papel desempenhado pelo anacronismo controlado, e como ele ajuda nosso aluno a compreender o passado mais recente. Falaremos também sobre o ENEM, sobre o papel que o exame desempenha ao longo do Ensino Médio, sua contribuição para um melhor e maior entendimento sobre o mundo que rodeia esses alunos, e como a HTP pode ser de

---

<sup>6</sup> Os desdobramentos são inúmeros: fazer uso do mural da escola, expondo os artigos e as sessões da revista em tamanho maior para que a comunidade escolar possa acompanhar a atividade; realização de entrevistas com alunos, professores e funcionários, onde a matéria seria colocada na revista, etc. A princípio, pensou-se em fazer um mural, que seria um completo da revista aqui proposta, mas a pandemia me obrigou a mudar meus planos, deixando essa atividade para um futuro que espero que seja próximo.

<sup>7</sup> Dar sentido aqui seria comunicar / compartilhar informações, ideias, pontos de vista.

fundamental importância para articular conhecimentos adquiridos ao longo de três anos. Pretendo abordar também sobre a importância do testemunho, e de como ele pode se tornar um aliado para o professor.

No segundo capítulo farei uma discussão teórica sobre o uso da consciência histórica e a articulação das temporalidades; o sentido que a aula de história tem para os alunos, e como eles articulam a consciência histórica com as suas próprias experiências cotidianas. Ainda nesse capítulo, pretendo fazer um breve balanço sobre ensino de história e consciência histórica, compreendendo como os alunos, juntamente com os professores podem construir uma ponte para entender o papel desempenhado por tal consciência, fazendo uso do ENEM e buscando seu apoio. Falarei também sobre o papel desempenhado pela memória na aula de história, e sua contribuição para uma abordagem que faça sentido para os alunos, mostrando como nossos alunos constroem suas opiniões a partir do que ouvem e absorvem de suas próprias realidades, mostrando assim como não desconsiderar a “memória do outro”, e sim sabendo lidar com o que chega até ele de maneira crítica.

Finalizando, no terceiro capítulo, descreverei a proposta de uma revista interativa, onde a história do tempo presente seja o destaque; mostrarei o diálogo existente entre as novas mídias e as demandas da juventude atual. Nesse capítulo, pretendo também mostrar como a construção de uma revista pode ser de grande benefício para alunos e professores, dando origem a outras possibilidades pedagógicas para o nosso alunado. Também pretendo apresentar uma sequência didática, onde professores poderão se guiar para construir sua própria revista. Mostrarei a importância de se trabalhar os temas sensíveis presentes nas questões, dando mais voz aos alunos. Pretendo mostrar como a construção da revista guiada pelo professor, ajuda na instrumentalização de uma escrita melhor por parte dos alunos, além de criar uma interação positiva e ativa entre eles. Por fim, apresentarei um protótipo da revista, mostrando assim o seu potencial pedagógico.

Ao defender uma educação que liberta, tento fazer uma análise sobre a aula de história como o início de um processo que vai além do currículo, onde os alunos possam criar uma atmosfera onde seja possível causar uma mudança significativa em suas vidas, onde eles possam pensar sobre o lugar que ocupam na sociedade. E é nesse contexto que acreditamos que a HTP possa fazer a diferença, já que acaba por criar um movimento que levaria à construção de novas representações sobre o presente. Inúmeras são as ocasiões onde os alunos são confrontados com esse “*movimento*”, seja na sala de aula, nas redes sociais, numa roda de amigos, e até mesmo em uma prova do ENEM. O que se espera é

que esse movimento mencionado seja o estopim que leve às estranhezas e dúvidas, pois são essas características que o professor deve saber gerar e identificar.

Por acreditar que a sala de aula deva ser um espaço democrático e de pensamento livre, a aula de História acabou se tornando um espaço adequado para discussões sobre diversas temáticas, como racismo, feminismo, homofobia..., e cabe ao professor indagar sobre como a História lida com esses temas tão “atuais” para a juventude de agora<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Apesar dessas questões terem surgindo a partir de 2014, que foi o ano em que comecei a lecionar para o Ensino Médio, elas se tornaram mais intensas e presentes em 2018, ano da eleição presidencial no Brasil, que acabou por fazer com que vários alunos passassem a se interessar por política e por temas “populares” nas redes sociais.

## CAPÍTULO 1: A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE NO ESPAÇO ESCOLAR

O presente impõe sua presença. Seja no cotidiano do indivíduo, seja na sala de aula, que é o objeto de nosso estudo. Ele dita os caminhos e quiçá, as regras que professores e alunos seguem. Regras essas que podem ser infringidas ou naturalmente postas pela realidade e pelo meio em que estamos. Dúvidas, certezas, questões... sejam elas do presente ou do passado e, até mesmo do futuro, são organizadas a partir da nossa relação com o agora, com o momento que estamos vivendo. Talvez por isso, quando estudamos a história do tempo presente, essa consegue construir um interesse diferenciado em nossos alunos, exatamente por ainda podermos “tocar” esse passado que se encontra logo “*na esquina*”. Nossos alunos estão acostumados a conhecer essa história<sup>9</sup> através de avós, parentes, vizinhos, amigos, e sabem confrontar o que é apresentado pelo professor com a história que “ouviu falar”. História essa que teria uma validade maior para ele, pois teria sido vivida por alguém que ele conhece, diferente da “história do professor”, que têm rostos e nomes que ele não conhece, e que parece muito distante da sua própria realidade. Por ser uma história de “*moradas provisórias*” (BÉDARIDA, 2002, p. 221), a história do tempo presente sofre mudanças de tempos em tempos, exatamente por passar por inserções ao longo desse tempo. Algo muito mais comum do que se imagina. Nas palavras de Ferreira e Delgado, (...) “*a noção de história do tempo presente está associada à ideia de um conhecimento provisório que sofre alterações ao longo do tempo. Isso significa dizer que ela se reescreve constantemente, utilizando-se do mesmo material, mediante acréscimos, revisões e correções*” (DELGADO; FERREIRA, 2013, p. 23).

Por estarmos tão próximos dessa história, podendo ver, ouvir e conferir os fatos que a constroem, o professor se vê diante de um desafio que pode se tornar um grande auxiliador em sua prática. Essa proximidade pode ajudar o aluno a perceber que a história não é feita apenas de uma única narrativa, mas sim de várias,<sup>10</sup> descobrindo isso com ferramentas que ele mesmo vai encontrar. Claro que, a partir desse caminho, o aluno precisa saber que a história trazida pelo professor / historiador, possui um rigor científico, uma metodologia, e que por ser uma Ciência com “C” maiúsculo, ela precisa ser confirmada / corroborada por documentos, pesquisas, análises, metodologia, etc.

---

<sup>9</sup> A história a que me refiro seria a história contada pelo avô, ou seja, o que o aluno recebe aqui são certas memórias sobre o passado; são as memórias do avô.

<sup>10</sup> Quando nos referimos a “*várias narrativas*”, estamos nos referindo aos meios pelos quais nossos alunos “aprendem” história fora do ambiente escolar, podendo ser através de conhecidos, parentes, etc., assim como filmes, séries, documentários, redes sociais, etc.



A intenção desse capítulo é trazer elementos que nos ajudem a compreender a história do tempo presente e os caminhos possíveis de sua aprendizagem para os jovens do Ensino Médio. Entender como eles entendem o presente e quais são os seus interesses sobre o passado; refletir sobre o que temos abordado sobre o passado recente ao ensinar esses alunos e como compreender como eles analisam esses acontecimentos; a relação estabelecida pelo professor entre o anacronismo e o passado recente em sala de aula, e como o ENEM tem contribuído (ou não) para entender o tempo presente.

### **1.1 História do tempo presente e o Ensino de História: um breve balanço historiográfico.**

Talvez não haja momento mais propício para se debater sobre o tempo presente do que agora. Temas com ditadura, nazismo, comunismo, socialismo, feminismo estão circulando com mais força pelas redes sociais e pelas ruas, exigindo uma reflexão mais assertiva, principalmente por nós, professores de história. A sala de aula tornou-se um campo de batalha, e o professor, um inimigo a ser combatido. Isso se dá graças a certas políticas autoritárias, que pretendem cercar, não somente a vida do indivíduo, mas também o ensino e a escola.

Com isso, a história do tempo presente ganha uma relevância particular, pois é a partir dela que novas narrativas surgem, fazendo com que a aula de história se apresente como um lugar de memória, onde professor e aluno passam a desempenhar um papel fundamental nessas discussões cotidianas.

(...). Ancorada em princípios que sustentavam a necessidade do distanciamento temporal do pesquisador frente ao seu objeto, os historiadores deveriam trabalhar com processos históricos cujo desfecho já se conhecia. A chamada história do tempo presente contraria exatamente esses pressupostos. Mas a despeito das resistências, que não são poucas, a escolha do tempo presente como campo de estudo e pesquisa de historiadores vem ganhando legitimidade crescente e sugere reflexões epistemológicas e metodológicas urgentes. (DELGADO, FERREIRA, 2013. p. 22).

História do tempo presente possui uma série de características que a diferenciam de outras modalidades da História. Carlos Fico diz que: (...) *“Uma das principais peculiaridades da História do tempo presente é a pressão dos contemporâneos ou a coação pela verdade, isto é, a possibilidade desse conhecimento histórico ser confrontado pelo testemunho dos que viveram os fenômenos que busca narrar e/ou explicar (...)”* (FICO, 2012, p. 44 e 45).

Para entender o propósito da história do tempo presente, é preciso observá-lo inserido em um movimento maior, de renovação historiográfica, que segundo Delgado e

Ferreira (2013), traz consigo uma série de mudanças, tais como: incentivo para o uso da história política, amplificação do uso de fontes, reconhecimento da interdisciplinaridade como um importante instrumento, um diálogo maior com as ciências sociais, renúncia de explicações deterministas e totalizantes, valorização de atores individuais e coletivos e relação dialética entre história e memória. Essas questões, quando pensadas no espaço da sala de aula, ganham uma dinâmica própria, exatamente pela multiplicidade de fontes que nossos alunos dispõem no momento em que estão aprendendo história. E nesse caso, nem sempre aprendem em sala de aula. O diálogo que a HTP sucinta, quando pensada para jovens do Ensino Médio, nos leva a conjecturar sobre o que nossos alunos pensam do presente, e como elaboram as dúvidas que tem sobre os temas que chegam até eles, seja pelas mãos do professor ou pelas fontes que têm disponíveis.

Por ser uma história que nos obriga a pensar no político, historiadores que se dedicam a HTP, por serem confrontados com temas “terrivelmente sensíveis” (ROUSSO, 2016), viram-se obrigados a pensar em novos métodos para lidar com tais temas, mostrando que o desafio seria muito maior, por ser uma história que ainda está em construção.

Pensando na História do tempo presente como “*um tema desafiador para os historiadores do ponto de vista ético e político*”, Marieta de Moraes Ferreira nos fala sobre o cuidado que estes devem ter, para não correr o risco de se tornarem “*juizes do passado*”. Fontes como entrevistas e narrativas podem servir como um importante apoio pedagógico para o professor, sem perder de vista que o envolvimento dos alunos com esse passado recente pode não levar a conclusões imediatas, considerando que eles esperam uma verdade final e absoluta sobre o que eles estão estudando. Uma dúvida nesse caso, pode ser mais interessante do ponto de vista pedagógico, do que uma aceitação cega daquilo que o professor expõe em sala de aula. Ao colocar temas da história como mutáveis, o professor constrói com seus alunos uma visão mais humanizada e real de como a História é feita, mostrando que dúvidas são bem-vindas, se acompanhadas de um trabalho de pesquisa e investigação.

Ao pensar no trabalho que fazemos em sala de aula, o conceito de História do tempo presente precisa estar bem claro para nós professores, pois precisaremos fazer uma série de reflexões, para entender o que está sendo feito e o que se pode fazer, pensando em como dar um bom uso a essa “*categoria histórica*”. Cabe refazer as reflexões feitas por Delgado e Ferreira, quando elas perguntam: (...) “*Em que consiste a história do tempo presente e como com ela trabalhar? Por que muitos historiadores ainda resistem em integrar os períodos recentes como objetos da história? Como lidar com essas demandas*

*sociais?*” (DELGADO, FERREIRA, 2013. p. 21). Dando um pequeno passo além, questionamos também se seria possível ensinar com qualidade a história de um passado mais recente, e se isso seria realmente necessário. Somos capazes de dialogar com esse passado recente de maneira que, nossos alunos percebam o fazer histórico como algo também feito por eles? Longe de tentar responder tais questões, pretendo refletir sobre as possibilidades que esse passado recente tem para contribuir para a tão sonhada criticidade que queremos em nossos alunos. Ao pensarmos sobre as teorias filosóficas da educação, duas são as possibilidades para se pensar a serventia da educação. Segundo Wesley Felipe de Oliveira:

(...) Por um lado, há perspectivas de que a educação deve servir aos fins econômicos de uma nação, isto é, qualificar os indivíduos para que estes sejam atuantes na economia através do trabalho, na produção de bens e de riqueza. Por outro lado, há perspectivas que não elegem como objetivos único e principal da educação o desenvolvimento econômico, mas enfatizam, antes de tudo os aspectos relacionados com o desenvolvimento de características e capacidades genuinamente humanas, como a inteligência, as habilidades artísticas, emocionais, o pensamento crítico, assim como os valores éticos e políticos, como a capacidade de empatia, os sentimentos morais, a autonomia, cidadania, etc. (OLIVEIRA. 2020, p. 2)

De acordo com a teoria da filósofa Martha Nussbaum, a chamada Teoria das Capacidades (*CAPABILITIES APPROACH*), o desenvolvimento humano e econômico podem andar juntos. Ela constrói uma abordagem que vai além do antagonismo de ambas as perspectivas, mostrando que é possível uma educação que contemple uma formação que não seja unicamente humanística, mas que também abarque a ampliação econômica. No meu caso, que trabalho com uma maioria de jovens pobres e pretos, essa teoria se mostra como um caminho possível, pois consegue enxergar as limitações econômicas pelas quais tais jovens passam e veem mais do que tudo, a importância dos estudos de humanidades para construir um enfrentamento intelectual para as violências as quais eles são submetidos, pois em muitos casos, esses jovens acabam reforçando comportamentos antidemocráticos, pois não possuem ferramentas para entender que eles são vítimas de um regime que os afasta de uma democracia de direito, os tornando parte de um problema ainda maior. Uma forma de “corrigir” isso, é uma educação que abarque o maior número de pessoas possível, sempre pensando em nossas diferenças como algo que nos aproxime,

(...) Toda democracia moderna é também uma sociedade na qual as pessoas se diferenciam bastante segundo um grande número de parâmetros, entre eles religião, etnia, riqueza e classe, incapacidade física, gênero e sexualidade, e na qual todos os eleitores fazem escolhas que têm um impacto significativo na vida das pessoas que discordam deles. Um modo de avaliar qualquer sistema educacional é perguntar quão bem ele prepara os jovens para viver numa força de organização social e política com essas características. Sem o apoio de cidadãos adequadamente educados nenhuma democracia consegue permanecer estável. (NUSSBAUM, 2016, p. 11)

Ainda pensando sobre a História do tempo presente, Paul Ricoeur (2007) diz que ela está em intenso conflito, pois escrita e testemunho vivo se esbarram a todo momento, obrigando o historiador a recolher “*os rastros documentários dos acontecimentos considerados*” (RICOEUR, 2007, p. 456), o que obrigaria historiador e professor a pensar em estratégias onde esse “esbarrão” fosse o fio condutor para a aprendizagem de seu aluno. O que talvez Ricoeur veja como um problema, pode ser visto como uma chance possível para a aula de história, pois mostraria ao aluno a importância de se confrontar as diversas fontes que se tem disponíveis para o trabalho do professor / historiador. (...) “*O Tempo Presente não é só uma passagem: é uma possibilidade inacabada entre o passado e o futuro.*” (Pereira, 2009, p. 230).

Por designar um passado mais próximo de nós, Amézola diz que a HTP seria “*uma forma de historiar o contemporâneo*”, sendo assim “*o estudo dos antecedentes imediatos do presente*” (AMÉZOLA, 2007, p. 143). Esses antecedentes estariam tão próximos de nós, que seríamos capazes de tocá-los, ver o que aconteceu, comparando relatos, notícias, depoimentos, etc, nos permitindo analisar as consequências próximas as nossas vidas, assim como nos ajudam a pensar como a história é feita.

Por estarmos vivendo um momento de grande aceleração da informação, a necessidade de “pensar a História” acaba sendo colocada de lado, pois as mídias sociais acabam por ocupar um espaço sem precedentes na vida de jovens e adolescentes, que lidam com o tempo voltados para as questões do agora, usando a história apenas como uma ferramenta para corroborar a “verdade” que se quer confirmar.

(...) “a aceleração do mundo atual, o avanço tecnológico, a globalização, o poder da mídia etc., modificaram as relações sociais, políticas, culturais e econômicas que eram características do mundo pós-guerra, provocaram a possibilidade cada vez maior, de produção de informação e de bens culturais, além de revolucionar a comunicação entre as pessoas, aproximando por meios eletrônicos territórios fisicamente muitos distantes” (FIORUCCI, 2011. P. 112).

Essa comunicação tão mais eficaz de hoje, leva nossos jovens estudantes mais longe e lhes entrega uma quantidade de informações que acabam não sendo objeto de reflexão por parte deles, obrigando-os a fazer escolhas no que devem acreditar de forma mais imediata. É nesse contexto que a HTP pode se apresentar como uma possibilidade mais viável, exatamente por ter um impacto mais sensível e pontual junto a nossos alunos, por estes estarem imersos nessa história, direcionando seu olhar para as implicações atuais dessa história tão recente.

Fiorucci acredita que somente o historiador seria capaz de criar explicações embasadas, elaborando análises com consciência histórica, sem se perder naquilo que ele

chama de “agitações ideológicas”, pois apenas ele, nesse sentido, teria condições de fazer uma análise mais assertiva, já que possui o domínio dos procedimentos e do método historiográfico. Pensando na sala de aula como o espaço onde o professor guia / orienta os alunos para que haja uma compreensão sobre o passado / presente, acreditamos que é possível construir ferramentas e instrumentos para que tais procedimentos sejam “replicados” pelos alunos, respeitando, logicamente, as limitações e o amadurecimento do público-alvo<sup>11</sup>. Nesse ínterim, a HTP apresenta-se como uma possibilidade importante para o professor, já que ao tentar disputar espaço com aplicativos e redes sociais, na maioria dos casos, ele acaba perdendo espaço, não só por causa do quesito “atenção”, mas também porque tais mídias acabam se mostrando mais atraentes visualmente, apresentando uma linguagem mais sedutora, que prende o aluno. Por isso a defesa de nossa parte em fazer uso dessas mídias e aplicativos, conhecendo a linguagem e as possibilidades que apresentam, construindo uma via de aprendizagem, não só possível como de grande ganho pedagógico.

Talvez o parágrafo sobre o uso dos aplicativos possa ser transferido para cá

Quando a pesquisa para essa dissertação começou, se sabia que a academia já possuía estudos da história do tempo presente como um campo consolidado, porém professores da Educação Básica precisam refletir bem sobre o conceito e suas implicações para com seus alunos, assim como a sua aplicabilidade, pois o passado nem sempre é algo claro para eles, o que acaba se tornando um desafio ainda maior, ao tentar fazê-los entender / refletir sobre um “passado mais recente”.

(...) “Ancorada em princípios que sustentavam a necessidade do distanciamento temporal do pesquisador frente ao seu objeto, os historiadores deveriam trabalhar com processos históricos cujo desfecho já se conhecia”. A chamada história do tempo presente contraria exatamente esses pressupostos. Mas a despeito das resistências, que não são poucas, a escolha do tempo presente como campo do estudo e pesquisa de historiadores vem ganhando legitimidade crescente e sugere reflexões epistemológicas e metodológicas urgentes” (DELGADO; FERREIRA, ANO, p. 22. 2013.)

Sendo o tempo presente aquele que se encontra “*em permanente processo de atualização*”, seu passado é mais atual, e pode ser visto no horizonte por alunos e professores, já que se apresenta como contemporâneo de nossa realidade: (...) “*Rouso e Hobsbawn parecem considerar que a História do tempo presente é aquela que corresponde ao tempo de vida do próprio historiador, isso é, ocorre quando o historiador*

---

<sup>11</sup> Sabemos que a metodologia de ensino considera o público a partir de diferentes referenciais: socioculturais, econômicos, interesses geracionais, etc. O uso termo “limitação” talvez não seja o mais apropriado para nos referir aos alunos desse segmento, mas o que quis dizer foi que devemos exigir do nosso aluno aquilo que ele é capaz de oferecer, segundo os diferentes referenciais mencionados nessa nota.

*escreve sobre um período que a sua memória viva alcança*” (NETO; RAMOS, 2014, p. 18).

Ao lidar com o passado mais distante em sala de aula, quando a situação permite que o protagonismo seja da HTP, o professor tem disponível uma das suas principais vantagens: a riqueza de detalhes que só sendo contemporâneo dos fatos é possível apresentar: (...) *“Assim como expõe problemas, a história do tempo presente apresenta virtudes não encontradas no estudo de tempos históricos passados, como a riqueza de realismo que o historiador pode empregar, pois não chega ao passado por meio de documentos, mas enxerga o presente vivo, com toda sua intensidade”* (FIORUCCI, 2012, p. 120).

O testemunho, algo que pode e deve ser aproveitado pelo professor, pode se tornar um importante ganho para professores e alunos, pois se pode confrontar a fala com outras fontes, tão ou mais importantes como essa. Vamos tratar desse assunto no próximo capítulo, mas deixo aqui apontado que para essa pesquisa, o testemunho e a memória caminharam juntos com a importância da HTP em sala de aula.

Sendo uma história recente, o cuidado e rigor epistemológico que precisa ser dedicado a HTP não é deixado de lado. Ao contrário. Concordando com Rousso, Fiorucci diz que: (...) *“a história do tempo presente não apresenta ruptura epistemológica nenhuma. Ainda que tenha aberto a discussão para novas possibilidades, age como inovadora sem desligar-se das garantias de confiança oferecidas pelas práticas tradicionais”* (FIORUCCI, 2011, p. 116).

Por estarmos vivendo um momento de grande agitação política, a atenção que professores e historiadores precisam ter para “fazer a História do presente” ganha uma nova luz, exatamente para que ela não seja feita *“sob desígnios ideológicos que comprometam a sua validade enquanto produção do campo da ciência histórica”*. (FIORUCCI, 2001, p. 118-119).

A aula de História possui desígnios específicos, que precisam produzir determinado tipo de saber que faça sentido, não só para o aluno, que é quem se quer atingir prioritariamente, mas também para o professor, que precisa se conectar com seus jovens alunos, pois, as indagações que surgirão, farão com que eles pensem sobre seus valores, crenças, família, comunidade e sociedade. Para chegar a esse ponto, o professor precisa investigar como se dá a construção do pensamento do seu aluno, assim como a capacidade que o mesmo tem de interpretar e compreender o passado, pois só assim ele teria condições de se orientar e, conseqüentemente, entender o seu papel no mundo. Esse processo que, longe de ser fácil, talvez seja um dos mais desafiadores para os professores



da Educação Básica, pois trabalhamos com um indivíduo em formação, que precisa se entender para se colocar no mundo, buscando referências que lhes são próximas para construir uma narrativa história que faça sentido.

## **1.2 Anacronismo e o passado recente: pode o professor ser anacrônico?**

Uma das primeiras lições que tive como estudante de história, mais especificamente, como alguém que estudava para se tornar professora de História, era evitar a todo custo o uso do anacronismo em sala de aula. Não importa a idade e a dificuldade que o aluno pudesse ter sobre algum tempo, cultura ou acontecimento. Era meu dever como professora da disciplina histórica, buscar um caminho que levasse para muito longe do tal anacronismo. Devo dizer que, durante muito tempo, como aluna esforçada e disciplinada que fui, deixei o anacronismo do lado de fora de minhas aulas. Busquei outros caminhos e saídas para ajudar meus alunos a entenderem e questionarem determinado fato histórico, sem precisarem recorrer ao malfadado exercício anacrônico.

Depois de algum tempo, lidando com alunos das mais variadas idades, me vi forçosamente usando aquele que deveria ser meu inimigo número um, mas que em mais de uma ocasião, havia me ajudado a sair de algumas “enrascadas”, que exigiam prontamente uma solução.

Para entender o que seria anacronismo, partimos da ideia proposta por Nicole Loraux, que diz que:

O anacronismo é o pesadelo do historiador, o pecado capital contra o método do qual basta apenas o nome para constituir uma acusação infamante, a acusação – em suma – de não ser um historiador, já que se maneja o tempo e os tempos de maneira errônea. Assim, o historiador em geral evita cuidadosamente importar noções que sua época de referência supostamente não conheceu, e evita mais ainda proceder a comparações – por princípio indevido – entre duas conjunturas separadas por séculos. Mas, com isso, o historiador corre inevitavelmente o risco de ser entravado, impedido de audácia, ao contrário do antropólogo que, em condições análogas, recorre sem perturbação de consciência à prática da analogia (LORAUX, 1992, p. 57).

Ser anacrônico é algo que todo professor de História deveria evitar, pois quando se estabelece uma relação entre dois tempos, o erro de cronologia aconteceria inevitavelmente. Para entender de maneira clara como o anacronismo atual, Sandra Regina Ferreira de Oliveira nos ajuda a identificá-lo, dando exemplos que tornam a questão mais simples de ser compreendida:

Identifica-se anacronismo quando se trata do uso de objetos da cultura material, como a utilização de um telefone celular em uma cena na qual d. Pedro entra em contato com d. João para comunicar sobre a independência do Brasil, ou quando se refere a costumes, valores, como questionar por que as

filhas dos senhores de engenho aceitavam casar com homens que não amaram ou sequer conheciam (OLIVEIRA, 2019, p. 19).

Partindo de uma compreensão mais direta sobre o termo, ser anacrônico seria ser dissonante entre um determinado período de tempo e de uma época, visto que, ao olharmos para um determinado período da história, com um olhar de julgamento do hoje, a compreensão sobre aquele passado estaria comprometida.

Ao pensar na Educação Básica, creio que a maioria dos professores de História, para não dizer todos, já passaram por alguma situação na qual o aluno fez uso do anacronismo para tentar explicar algo, sobretudo nos anos iniciais.

Jacques Rancière ao falar sobre o anacronismo, explica que é preciso ter uma noção mais ampla do termo, pois não se pode entendê-lo como um recuo de uma data para outra, pois a relação que existe entre os tempos, que o anacronismo menciona, está diretamente relacionada a percepção de diferentes noções de temporalidades. Para Rancière, o anacronismo não pode ser compreendido simplesmente como um deslocamento de estruturas sociais e de sujeitos para uma outra temporalidade diferente: (...) *“O anacronismo emblematiza um conceito e um uso do tempo em que este absorveu sem deixar traços as propriedades do seu contrário, a eternidade”* (RANCIÈRE, 2011, p. 25). Rancière acredita que não podemos simplificar o anacronismo como um recuo de uma data a uma anterior, pois: (...) *“o anacronismo mobiliza algo bastante distinto de uma simples questão de cronologia defeituosa. Ele é o conceito-emblema como o qual a história afirma sua especificidade e sua cientificidade”* (RANCIÈRE, 2011, p. 25).

O que fica claro é que o fazer anacrônico se coloca como parte importante do método de elaboração do fazer histórico, principalmente para professores e alunos, pois ao fazer uma análise do passado, não somos capazes de nos despir do presente. Estamos imersos nele, e somente com ele poderíamos compreender parte do passado que queremos reconstruir. Ensinar ou mediar conhecimento junto a alunos tão jovens, exige do professor que ele se dispa de algumas “certezas” que ele trouxe juntamente com a função do historiador. Uma dessas certezas seria exatamente evitar o anacronismo.

Ao pensar na prática do anacronismo e a crítica que se faz ao seu uso, principalmente pelas mãos do professor de história, é preciso refletir sobre seu papel para a compreensão mais assertiva sobre o passado, pois, ao escolher seguir aquilo que Lucien Febvre chama de *“pecados dos pecados”*, poder-se-ia perder uma importante ferramenta de compreensão histórica, principalmente para o público da Educação Básica, que o foco dessa pesquisa.

Diversas foram as ocasiões em que vi colegas professores fazendo uso do anacronismo em atividades propostas para seus alunos, que em alguns casos, eram meus também. Professores de Literatura, Língua portuguesa, Sociologia, Línguas Estrangeiras e até mesmo de Geografia e Educação física<sup>12</sup>, propunham atividades anacrônicas que se mostravam muito eficazes para os objetivos que eles tinham em mente, no entanto, por não ter uma visão mais flexível sobre a questão, me furtei durante muito tempo, em fazer uso da mesma, exatamente por não querer cometer o “*maior dos pecados*”, mencionado por Febvre.

Hilário Franco, por não acreditar nessa visão demonizada criada por Febvre, diz que a prática anacrônica por ser uma importante ferramenta para se compreender as diferentes temporalidades, já que por serem tão diferentes entre si, fariam do exercício do anacronismo, um instrumento que contribuiria para um melhor entendimento do passado que se quer “alcançar”. As mudanças ocorridas no ensino de história, mostram uma “evolução” no que diz respeito ao olhar que se tem para o anacronismo:

Em sala de aula, a preocupação com o anacronismo acentua-se progressivamente na esteira das transformações pela qual passou o ensino de história quanto ao que e como ensinar e quanto ao papel do aluno no processo de construção desse conhecimento. Um ensino pautado em conteúdos no qual o passado era apresentado de forma estática para o aprendiz, aliado a uma concepção de aluno receptor de informações, não remetia a problemas quanto à ocorrência de anacronismo” (OLIVEIRA, 2019, p. 21).

Ao refletir sobre as questões das temporalidades, o professor de História pensa em todas as suas possíveis potencialidades, já que, o olhar para o passado surge a partir do presente, e somente assim pode-se criar uma real expectativa sobre o futuro. Defendo uma aula de história construída mutuamente, com o aluno, onde a bagagem trazida por ele é respeitada e usada amplamente. Seu olhar carregado “*do hoje, do agora*”, o ajuda a pensar e refletir sobre o passado que tenta aprender. Ele não é mais o “ser sem luz”; a luz que ele traz consigo o ajuda a compreender o mundo que o rodeia, e por isso é necessário trazer o que ele sabe, para ajudá-lo a pensar sobre o que se quer que ele aprenda, pois hoje:

(...) ampliou-se a participação dos alunos que atuam como protagonistas no processo de construção do conhecimento trazendo para a sala de aula questionamentos que põem em movimento os saberes históricos apreendidos, relacionando-os com as vivências que elaboram sobre o tempo presente. Tais alunos lançam-se em direção a compreensão do passado, em direção à compreensão do passado, em direção a outras épocas, carregados de

---

<sup>12</sup> Inúmeras foram as vezes que vi atividades em que professores faziam analogias sobre o passado, estimulando a pesquisa e o conhecimento já adquirido por esses alunos. Ressalto aqui uma atividade feita por um colega de língua portuguesa que simulou uma conversa entre um militar brasileiro de 1974 com Napoleão Bonaparte. A atividade consistia em mostrar diferenças e semelhanças entre membros de forças armadas de diferentes épocas, assim como descobrir um pouco sobre cada período histórico, para tentar decifrar a mentalidade de cada um deles, a partir de um exercício de teatralização.

impressões e compreensões que são elaboradas a partir da leitura que têm do mundo (OLIVEIRA, 2019, p. 21-22).

Nicole Louraux (LOURAUX, 2009) e Nicole Lautier (LAUTIER, 2011) concordam com o uso controlado do anacronismo, pois ele se apresenta como um recurso didático que não precisaria ser descartado, se o mediador entre o conhecimento e aquele que aprende estiver preparado para assumir os possíveis riscos que esse deslocamento temporal envolve. A intenção do professor é fazer o aluno compreender um determinado recorte temporal, fazendo uso das referências que esse aluno tem do presente, não perdendo de vista a dinâmica delicada de comparações entre passado e presente, abrindo espaço para que o aluno note aquilo que é familiar a ele. Nesse caso, é evidente o jogo anacrônico, mas ele ocorre às vistas do professor, que deve manter sob suas rédeas seu uso e seu controle.

Sendo os historiadores (e professores de História) indivíduos que pertencem ao seu tempo, eles estão sujeitos a tudo que está vinculado a essa temporalidade específica, e por isso, buscam atribuir sentido aos seus objetos de análise, explicando-os mediante o recurso de aproximação com o mais próximo possível do passado ao qual eles pertencem.

Ana Maria Monteiro (MONTEIRO, 2012) diz que a função da história é, sobretudo, a construção de conhecimentos ajustados à experiência humana no tempo e, exatamente por isso, o exercício anacrônico feito pelo professor de História seria uma ferramenta essencial para a construção do conhecimento histórico pelo aluno da Educação Básica, pois ela se apresenta com um leque de possibilidades e utilizações, dando ao aluno instrumentos necessários para o aprender histórico.

Quando pensamos em um passado mais recente, é preciso ter uma atenção especial naquilo que nossos alunos apresentam em sala de aula, pois nesses casos o anacronismo não seria tão evidente, tão claro, exatamente por causa da grande proximidade que se tem com os fatos estudados / pesquisados. A abordagem que se busca nesse caso, visa proporcionar uma compreensão do ontem pelo hoje, sem projetar nossos valores e realidades sobre o assunto que estamos pesquisando.

Segundo Didi-Huberman, a ideia de que todo historiador rejeitaria veementemente toda forma de anacronismo, tiraria dele um importante instrumento de análise. Não somente dele, mas principalmente dos professores e alunos, que precisariam disso para fazer seu trabalho. Para este autor, o anacronismo não seria “o defeito do historiador, mas sim uma ferramenta metodológica” (HUBERMAN, 2015, p. XX).

Quando se analisa a crítica que se faz ao anacronismo, podemos dizer que ela é datada, pois foi no início da formação da Escola de Annales que Lucien Febvre e Marc

Bloch iniciaram o movimento que passou a repensar os rumos até então seguidos pela historiografia. Os ganhos nesse momento foram inúmeros, mas foi também aí que o anacronismo foi colocado de lado. Diante dos inúmeros caminhos que poderiam ser seguidos, os Annales não veem com bons olhos o exercício anacrônico, pois parar eles, seria o encerramento do pensar do historiador e também do seu leitor, que não conseguiriam sair desse movimento, que segundo eles, seria inútil.

Mas, e o professor de história? Seria inútil para ele também? Se o fazer histórico significaria o fazer não anacrônico, de que maneira seria possível voltar o passado, se só podemos fazer isso no presente? Ao dizer que “*a incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado*” (BLOCH, 2001, p. 65), Bloch, mesmo sem querer, e já com uma crítica conhecida ao anacronismo, defenderia uma dialética anacrônica, já que, ao se pensar o presente a partir do passado, e vice-versa, o exercício do anacronismo acontece. Cabe indagar: é impossível para nós apagar o olhar atual que possuíamos e colocarmos o ponto de vista dos fatos que estamos estudando / pesquisando?

Com nossos jovens alunos do Ensino Médio, é possível fazer o jogo anacrônico com um passado tão próximo deles? Como comparar um período como o golpe militar de 1964, com o golpe sofrido pela presidente Dilma Rousseff sem ser anacrônico? <sup>13</sup> É possível fazer esse exercício, se os testemunhos estão tão vivos e podem confrontar os fatos a todo momento? Seria esse um exercício anacrônico ou, em casos assim, a proximidade livraria o professor de ter que lidar com o maior pecado do historiador?

O passado, seja ele próximo ou distante, ainda é passado. Essa proximidade, que em teoria, deixaria o professor / historiador mais confortável, pode ser um problema maior do que ele espera, exatamente por ser uma história que se encontra “na esquina”, e que nos assombra a todo momento. Exige-se um cuidado ainda maior, com toda certeza. Mas cabe ao professor estabelecer as regras desse jogo difícil de ser jogado, mas que tem se mostrado satisfatório e com bons resultados. Nesse interim, o anacronismo

---

<sup>13</sup> Um golpe de Estado ocorre quando um governo eleito democrática e constitucionalmente é derrubado de maneira ilegal, o que desrespeita os processos democráticos e as leis de um país. Um golpe não acontece necessariamente através do uso de força, mesmo que esse caso seja mais comum quando nos referimos a América Latina, que foi alvo de golpes militares. Importante frisar que existem outros tipos de golpe que são possíveis, como por exemplo, o uso indevido da Justiça. Seria uma força de golpe mais sutil, mas que surtiria o mesmo efeito que um golpe que acontece pela força: a destituição de um governo eleito democraticamente por vias que excedem as normas de um Estado Democrático de Direito. Usamos o termo “golpe” por concordar que, diante dos fatos apresentados e das leituras feitas para a realização dessa dissertação, foi de fato o que ocorreu no Brasil. Entendemos que não existe uma concordância entre acadêmicos sobre ter acontecido um golpe em 2016, mas amparamos nosso argumento nos estudos de Ivana Jinkings (Porque gritamos golpe, Editora Boitempo, 2016), Mara Regina do Nascimento, Gilberto César de Noronha, Idalice Ribeiro Silva Lima (O golpe de 2016 e a corrosão da democracia no Brasil, Editora Pacco e Littera, 2021), Fernando Cassio (Educação contra a Barbárie, 2019) e Hebe Mattos (Historiadores Pela Democracia: o Golpe de 2016: a Força do Passado, 2016).

possibilitaria a criar o aluno com senso de criticidade, que o próximo tema que irei abordar.

### **1.3 O interesse pelo passado recente: pode a história do tempo presente ajudar a construir criticidade?**

A busca pelo aluno crítico sempre<sup>14</sup> foi uma das principais missões do professor de História. Não que esta seja uma missão somente dele, entre todas as disciplinas, mas talvez História seja uma das disciplinas mais cobradas quando nos referimos a esse quesito. O fato é que, quando a HTP entra em sala de aula, o político e o testemunho entram com ela. Segundo Reinaldo Lindolfo Lohn (LOHN, 2019), exatamente pela História do tempo presente demarcar temporalidades que ainda estão em construção, somos levados a fazer uma revisão historiográfica, onde o retorno ao político é quase uma conclusão automática.

(...) uma escrita da história voltada ao tempo presente tem como significado básico uma atitude política na qual a historiografia se expõe ao debate político em um momento em que diferentes narrativas buscam reescrever o passado com vistas a utilizá-lo como arma política. Mais do que nunca, uma história comprometida e interpelada pelo presente está diante de questionamentos, que envolvem a interação entre narrativa histórica e campo político (LOHN, 2019, p. 11).

Por estarmos imersos no nosso tempo, a HTP apresenta-se como um campo de possibilidades, já que o aluno busca referências que lhe são próximas a todo momento, conseguindo visualizar / consultar temas que, normalmente ele não consegue alcançar nas aulas de História. Mas como podemos mensurar aquilo que faria com que nossos jovens pensassem com mais criticidade? O professor é capaz de perceber o que chama a atenção do aluno, e que gere nele um certo anseio que o leve a questionar sobre aquilo? O professor estar atento para a natureza daquilo que seu aluno pensa sobre o mundo, assim como a bagagem de sua realidade, pois esses elementos ajudam na tarefa de perceber como esses jovens articulam passado e presente.

(...) para nós professores, tanto é importante pensar na natureza da informação que nosso aluno vai se tornar capaz de mobilizar quanto na condição de olhar sobre o passado. Mas, sobretudo o passado. Mas, sobretudo, é fundamental avaliar o processo de construção de sua capacidade de se posicionar de modo pertinente e fundamentado em relação à problematização do presente e do futuro (MIRANDA, 2019, p.15).

---

<sup>14</sup> Aqui me refiro ao professor da atualidade. Nem sempre isso foi de fato uma missão dos professores de História. Ao estudarmos a história da disciplina, podemos perceber que esse seria um objetivo relativamente novo no Brasil. Isso aparece nos anos de 1980 e nas propostas curriculares a partir do fim da ditadura no Brasil.

Ao contrário do que pensa o senso comum, o passado não é o único material com o qual o professor de História faz seu trabalho. Por ser o caminho pelo qual obviamente, fazemos nossa trajetória profissional, é preciso deixar cada vez mais claro que o presente é o que dá rumo para que professor e aluno consigam responder suas inquietações, pois *“o passado deve ser interrogado a partir de questões que nos inquietam no presente (caso contrário, estudá-lo fica sem sentido). Portanto, as aulas de História serão muito melhores se conseguirem estabelecer um duplo compromisso: com o passado e presente”* (PINSKY, 2010, p. 23).

Diante de um mundo cada vez mais conectado, onde professores disputam atenção com mídias sociais, aplicativos, filmes e séries, faz-se necessário compreender ainda mais aquilo que interessa aos nossos alunos, pois o que se constata é que, com o caráter democratizador que a internet possui, ela pode levar a um maior interesse pela disciplina História, exatamente por aqueles que devem aprender história, assim como pode guiar novos caminhos para o professor que estiver disposto a aprender essa “nova língua” que as mídias sociais representam, pois, por mais que tenhamos certa habilidade e fluência, a todo momento algo nos lembra que aquela não é nossa língua nativa: (...) *“o ciberespaço ainda é um país estrangeiro para parte significativa dos historiadores que, em lugar de nativos, são antes imigrantes digitais e, por mais que se esforcem para dominar a linguagem, sempre falarão com certo sotaque”* (MAYNARD, 2016, p. 79).

Quando a História do tempo presente “entra na jogada”, Maynard nos alerta também como a inclusão dessas mídias não pode se tornar “o papel de fiel da balança”, embora não haja como negar o tamanho da sua influência sobre o campo.

(...). Quando nos dispomos a pensar o mundo em que vivemos e a realidade dos adolescentes a quem ensinamos e com quem aprendemos, percebemos que eles e elas estão imersos em um cotidiano midiático, imagético, marcado por um tempo rápido, em que as informações são muitas e, por diversas vezes, descartáveis. (PRANTO, 2020, p. 103).

Mesmo diante de tantas informações descartáveis e falsas, a internet mostra-se para nós professores como um instrumento de grande valia, pois nos proporciona uma interação que aproxima professor e aluno, dando um dinamismo nunca visto em sala de aula de aula

(...) A internet é uma importante ferramenta pedagógica que oferece diversas formas de comunicação que proporcionam a inter e a pluridisciplinaridade da educação. Ela também estimula a socialização do conhecimento entre alunos e professores, aproxima os docentes dos estudantes, torna a educação mais dinâmica, o ensinar mais interativo e cria uma espécie de memória compartilhada (MERCADO, 2002, p. 05).

Quando pensamos em mudanças para serem aplicadas em sala de aula, é preciso ter em mente a resistência que professores e alunos têm, pois, qualquer coisa que se difere

daquilo que eles estão acostumados e fazer, gera tamanha estranheza que, em muitos casos, acredita-se que a aula não está sendo dada. Quantas foram as vezes que, ao planejar e executar uma aula mais dinâmica, com atividades que tirassem os alunos do lugar (literalmente, em muitos casos), fui questionada por colegas e coordenação, que não entendiam que tais tarefas faziam parte do meu planejamento, e por tanto, faziam parte da aula. E não foi somente em profissionais da educação que observei resistência: muitos alunos não querem participar de algo que não seja aquilo que ele conhece e que, portanto, considera mais fácil. O tão criticado “cuspe e giz” acaba se apresentando como algo cômodo ao aluno, e por isso, é sempre invocado quando as coisas começam a se mostrar distintas daquilo que ele conhece e vivencia.

A sala de aula, lugar “confortável” aos agentes já mencionados, tem mostrado o tamanho da dificuldade que se têm ao sugerir mudanças, mesmo que essas sejam benéficas para a prática do ensino. Esse suposto conforto, vem exatamente de um sistema que não vê com bons olhos algo que saia do lugar comum, e que tire profissional e aluno do lugar em que se encontram.

Pensar “escola” sem pensar em “cultura escolar”, é não problematizar algo que está além da percepção que o senso comum tem sobre o que se passa na sala de aula. Professores e alunos estão envolvidos nessa cultura, estabelecida como uma rede de significados próprios e partilhados por todos que participam e interagem naquilo que constrói do dia a dia do cotidiano escolar.

Entendemos como cultura escolar o

(...) “Conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização)” (JULIA, p. 10, 2001).

Complementando aquilo que Julia (1997) diz, Chervel (2005) acredita que esta seria a “*capacidade da escola produzir uma cultura específica, singular e original*” (CHARVEL, 2005, p. 26). Não vamos aprofundar essa questão, pois não é o intuito dessa dissertação, no entanto, queremos deixar aqui registrado que existem fatores que interferem diretamente naquilo que o professor, de modo geral, faz em sala de aula. O professor de história talvez seja um dos mais afetados. Na minha experiência como docente da disciplina, presenciei inúmeros momentos em que colegas e eu tentávamos “fazer diferente”, e raramente conseguíamos o apoio da escola para isso. Atividades mais



dinâmicas, até mesmo as mais simples,<sup>15</sup> eram interpretadas como “bagunça e desordem”, o que não fazia com que desistíssemos, mas sempre tirava um tempo precioso, pois éramos obrigados a explicar mais de uma vez os objetivos das atividades.

A disciplina história, vista como aquela que teria a obrigação de formar cidadãos críticos e conscientes da realidade que os cerca, possui muito mais responsabilidades<sup>16</sup> do que essas e se encontra sempre no olho do furacão quando as questões políticas tentam, de alguma forma, diminuir ou colocar em dúvida o papel, que ela exerce junto aos nossos jovens. É certo dizer que o professor de História não é o único a sofrer tais ataques. Professores, de modo geral, têm sentido o peso de políticas educacionais regidas por avaliações internacionais que procuram metrificar o aprendizado, deixando pouco ou nenhum espaço para o pensamento crítico. O que Nussbaum pontua é que:

(...) Tanto no ensino fundamental e médio como no ensino superior, as humanidades e as artes estão sendo eliminadas em quase todos os países do mundo. Consideradas pelos administradores públicos como enfeites inúteis, num momento em que as nações precisam eliminar todos os elementos inúteis para se manterem competitivos no mercado global, elas estão perdendo rapidamente seu lugar nos currículos e, além disso, nas mentes e nos corações dos pais e dos filhos. De fato, o que poderíamos chamar de aspectos humanistas da ciência e das ciências humanas – o aspecto construtivo e criativo, e perspectiva de um raciocínio crítico rigoroso – também está perdendo terreno, já que os países preferem correr atrás do lucro de curto prazo por meio do aperfeiçoamento das competências lucrativas e extremamente práticas adequadas à geração de lucro. (NUSSBAUM, 2016, p. 04)

Nesse contexto, o trabalho que fazemos com nosso aluno ganha muito mais importância, pois ele

(...) tem que se perceber como um ser social, alguém que vive numa determinada classe social, contemporâneo de determinados acontecimentos (...). Sua vida é feita de escolhas que ele, com grau maior ou menor de liberdade, pode fazer, como sujeito de sua própria história e, por conseguinte, da História Social do seu tempo. (...). Quanto mais o aluno sentir a História como algo próximo dele, mais terá vontade de interagir com ela, não como uma coisa externa, distante, mas como uma prática que ele se sentirá qualificado e inclinado a exercer. O verdadeiro potencial transformador da

---

<sup>15</sup> Pontuo aqui uma atividade com músicas, onde uma colega da disciplina e eu fizemos uma espécie de festival, onde os alunos faziam releituras de canções sobre a ditadura militar brasileira. Ouvíamos a canção original e os alunos precisavam mostrar suas releituras, podendo ser de forma cantada, recitada, etc. Por estarmos com o som ligado, inúmeras foram as reclamações, vindas até mesmo de colegas, que diziam que estávamos atrapalhando o andamento de sua aula. Transferimos a atividade para a quadra, onde os alunos que apresentavam a atividade no momento, ficavam de pé, enquanto os outros ficavam sentados no chão. Ouvimos mais reclamações, dessa vez do professor de Educação Física, que mandou nos avisar que usaria a quadra, e que não queria ninguém que não fosse da turma que ele daria aula naquele espaço. Por fim, resolvemos fazer a atividade em sala de aula mesmo, arcando com todas as reclamações que vieram.

<sup>16</sup> O que chamo de “responsabilidades” seriam as inúmeras demandas que, não só a escola, mas a sociedade exige do professor. Não vou me ater a essas questões com profundidade nessa dissertação, mas um dos motivos de reflexão e pesquisa desse trabalho, nasceu de uma demanda que eu acredito que precisava de uma maior atenção da minha parte: a realização da prova do ENEM pelos meus alunos. Durante meu tempo de magistério, vi a prova como apenas mais uma etapa que meus alunos deveriam realizar. Essa visão mudou graças ao mestrado e as reflexões que meus colegas de turma me fizeram ter.

História é a oportunidade que ela oferece de praticar a “inclusão histórica” (PINSKY, 2010, p. 28).

Ao pensar no aluno crítico, penso naquele que consegue notar a mudança que ocorre ao seu redor. Notar que tais mudanças, sejam elas na esfera pessoal, social ou até mesmo mundial, acabam por determinar as relações que ele passa a ter como indivíduo e cidadão, assim como faz com que ele se entenda melhor, e também o outro. Janice Theodoro diz que, diante de tantas mudanças, é nosso dever perguntar se esse mundo moderno conseguiu criar condições para que aprofundássemos a consciência que teríamos de nós mesmo e também do outro. Mas para que isso aconteça “*ele precisaria criticar as premissas, precisaria aprender a ver*” (THEODORO, 2010, p. 50).

O mundo no qual nossos jovens alunos estão inseridos possui inúmeras variáveis. Tais variáveis, às vezes distantes da realidade que eles conhecem, extrapolam o convívio da sala de aula, nos mostrando que o alcance do professor é limitado, infelizmente. Então, como fazer com que nossos alunos se percebam como alguém capaz de se colocar no mundo e de criticar aquilo que vê? O ensino de história é capaz de cumprir tal missão? Concordo com a ideia de que “*O ensino de história deve contemplar o ser humano na sua plenitude histórica, valorizar o viés social e cultural da sociedade e proporcionar o uso de diferentes fontes históricas*” (MULLER, 2012, p.02). Por isso faz-se urgente para o professor estabelecer um laço efetivo com aquilo que os alunos “consomem”. No caso da pesquisa feita para essa dissertação, tanto a história do tempo presente quanto as demandas da juventude estão sendo levadas em consideração, pois tanto uma quanto a outra precisariam estar de acordo com as necessidades que o Ensino Médio exige. Nas palavras de Ana Maria Monteiro:

(...) os professores ensinam História do tempo presente, a partir de demandas emergentes que estão registradas nas diretrizes e propostas curriculares vigentes, exames vestibulares, avaliações sistêmicas, questionamentos dos alunos, traduções escolares, e que emergem dos debates políticos da sociedade na qual estão inseridos. Produzem o currículo ao articular os vários saberes que eles e seus alunos dominam com referências culturais que circulam no contexto em pauta e os fluxos do conhecimento científico – conteúdos que são mobilizados a partir de sua interpretação. (MONTEIRO, 2015, p.168)

Por acreditar que a História do tempo presente para o Ensino Médio se apresenta como um tema de intervenção e de sensibilização, o duplo potencial que ela apresenta, beneficiaria tanto alunos quanto professores. Por ter um potencial para produzir um engajamento tanto crítico quanto político, pode ser um bom caminho para fazer com que os alunos se interessem pela história que se passa na escola, ou seja, a História disciplinar.

Ao fazer uma escolha de falar da HTP tocando em questões de sensibilização, o professor precisa estar preparado para o testemunho que o aluno traz para a sala de aula, mesmo não sendo ele que tenha testemunhado os fatos. Mobilizado pela família, pelos

amigos, pelas redes sociais, esse aluno vê-se envolvido pelo clima de sua época, e parte desse princípio para formular suas opiniões e seus argumentos.

Cabe aqui uma pequena reflexão sobre o papel exercido pelo professor na hora de avaliar aquilo que o aluno fala e sabe. Ao partir da ideia de que nosso aluno possui uma bagagem intelectual, e que devemos levar a mesma em consideração na hora de estabelecer um diálogo construtivo com ele, nos aproximamos daquilo que Paulo Freire acredita, pois, nosso aluno é alguém dotado de saber, e esse saber, se bem utilizado por nós, pode dar origem a uma aula com maior sentido, tanto para ele, quanto para nós. (...) *“Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber”*. (FREIRE, 2006, p. 87).

Mas, além desse respeito que se deve ter pela autonomia e a identidade de nossos alunos, que conteúdos devemos aplicar para estimular essa criticidade tão desejada? Que critérios devemos levar em consideração na hora de fazer essa escolha? Circe Bittencourt (2011) chama a atenção para o saber que se constrói com nossos alunos dentro da escola (“um saber próprio”), que seria um conhecimento histórico próprio da escola, que possuiria um caminho distinto daquele produzido pela História acadêmica. Conteúdos vistos por nós como engessados, precisam dialogar com a experiência e com os conhecimentos desses jovens alunos, que precisam sentir que eles, assim como seus familiares, amigos e comunidade, também fazem parte da história: (...) *“A educação só faz sentido para nós se atende às demandas sociais da comunidade a quem serve”*. (BITTENCOURT, 2011, p. 217).

Tendo em mente que precisamos dar o máximo possível de ferramentas para que nossos alunos possam fazer escolhas que venham a leva-los a abrir seus horizontes, no caso da pesquisa feita para essa dissertação, a entrada desse aluno em uma universidade – de preferência pública, acreditamos que o melhor caminho seja a independência e a liberdade adquiridas ao longo de todo o Ensino Médio, onde o aluno, guiado pela mediação do professor, possa percorrer caminhos que o façam questionar o que aprende e o que deixa de aprender. Minha experiência na Educação Básica tem mostrando que os alunos que possuem mais autonomia, que são ouvidos e respeitados em suas opiniões, conseguem com mais facilidade se abrir para outras possibilidades. Essa autonomia, se bem planejada, com uma metodologia que faça sentido para os alunos e também para o professor, acaba por dinamizar a aula, tornando-a mais coerente para o aluno, que consegue articular melhor suas dúvidas e opiniões.

#### **1.4 O ENEM e a escola: como ambos ajudam nossos alunos a compreender a História do tempo presente**

Quando o Ensino Médio passou a fazer parte da minha trajetória profissional,<sup>17</sup> uma mensagem me foi passada desde o início: preparar adolescentes para o ENEM. Naquele momento, ainda inexperiente, querendo buscar meu lugar ao sol em meio a uma concorrência grande de professores, tentei seguir ao pé da letra essa missão, e passei a sair em busca de todas as possíveis ferramentas que me ajudariam a fazer com que meus alunos se concentrassem nessa missão comigo: a tão sonhada aprovação no ENEM. Sendo professora do estado do Rio de Janeiro, o vestibular da UERJ também se apresentava com parte dessa missão, no entanto, os colégios onde trabalhei possuíam um interesse muito maior em relação ao ENEM. Creio que esse interesse residia em um suposto *status* que essas aprovações trariam para as instituições, já que ambas sofriam do mesmo “mal”: após o final do Ensino Fundamental II, os melhores alunos saíam em busca de escolas consideradas de ponta no Rio de Janeiro, deixando os colégios onde eu lecionava, com os alunos que “sobravam”, e que possuíam uma dificuldade pontual em aprendizagem. Longe de fazer uso das dificuldades que esses alunos possuíam, tentando saná-las de alguma forma, tais escolas começavam uma batalha insana pela aprovação do ENEM, pressionando alunos e professores a fazer algo semelhante ao que, supostamente, as tais escolas de ponta faziam: exercícios inesgotáveis, simulados semanais, aulas expositivas e mini provas todos os dias. A exaustão e desânimo estavam sempre presentes, pois alunos e professores já não sabiam como motivar uns aos outros. Muitos alunos mostravam sua insatisfação trocando de escola. Outros pediam para os pais intercederem, falando com direção e coordenação. Nada fazia a diferença. Hoje tenho mais clareza dos objetivos que tais colégios tinham com essa tentativa desenfreada em aprovar seus alunos no ENEM, não se importando com o esgotamento físico e mental de seus profissionais e alunos. Alguns desses objetivos são maiores do que a própria escola, já que dizem respeito a interesses neoliberais, que colocam como “inovadoras” as supostas mudanças que nos vendem, quando nos pedem (exigem) mais dinamismo e eficiência. Chistian Laval (2019) chama a atenção para o chamado “neoliberalismo

---

<sup>17</sup> Minha experiência no Ensino Médio começou logo após a morte prematura de um colega. Assumi todas as turmas desse professor, em um colégio particular no bairro de Campo Grande, Rio de Janeiro. Já nos encontrávamos no segundo bimestre do ano letivo, e as turmas de terceiro ano estavam em um ritmo mais acelerado, com aplicações de simulados, duas provas semanais e exercícios diários das matérias consideradas “problemáticas” pelo colégio: Português e Matemática. Uma conversa já havia acontecido entre coordenação e eu, sobre a possibilidade de assumir as turmas desse professor, pois de acordo com o que tinha sido dito a mim, ele não estava conseguindo “manter o ritmo”, assim como não conseguia supostamente captar as necessidades dos alunos naquele momento. Pedi que o assunto fosse tratado primeiramente com ele, para depois tomarmos uma decisão. Ele acabou falecendo dias depois.

escolar”, que tem influenciado sistemas educacionais pelo mundo todo, fazendo com que órgãos como o Banco Mundial, Organização Mundial do Comércio e a Organização para a Cooperação o Desenvolvimento Econômico e tantos outros, acabem por pressionar instituições educacionais, assim como professores e demais profissionais da escola, fazendo com que fiquemos “vendidos” para os interesses do capitalismo econômico.

As escolas onde trabalhei eram vistas como prestadoras de serviços, e os alunos seriam o material humano. Segundo Paro:

(...) Aí, o aluno, não é apenas o beneficiário dos serviços que ela presta, mas também participante de sua elaboração. É evidente que essa matéria-prima peculiar, que é o aluno, deve receber, um tratamento todo especial, bastante diverso do que recebem os elementos materiais que participam do processo de produção, no interior de uma empresa industrial qualquer. (...). (PARO, 2005, p.126).

Como professora de instituições particulares, sempre soube que era uma prática priorizar os interesses do mercado, algo que era falando abertamente em reuniões pedagógicas. Aqui, a aprendizagem não era a prioridade, mas um caminho para dar mais visibilidade e *status* as escolas, que tinham que receber mais material humano, já que perderiam um número considerável de “clientes” ao final do ano letivo. Enquanto empresa, a escola existiria para atender aos interesses de uma política que tem como prioridade as demandas do mercado, que nesse caso, estaria atrelado ao universo do trabalho. Cada vez mais, as escolas particulares se vendem para o seu público como modernas e dinâmicas, supostamente capazes de acompanhar a velocidade da informação e da transformação da sociedade que as cerca. Essa visão coloca o professor no centro do problema, pois se ele não acompanha tais “mudanças hipotéticas” na mesma velocidade que a escola, ele corre o sério risco de perder seu emprego. Obrigado então a se submeter a uma pseudomodernização, que “enfia goela abaixo” provas, testes e simulados padronizados, o professor vê-se cada vez mais acuado, seguindo um modelo pedagógico e metodológico que não acredita, e que só pensa em atender aos interesses do mercado, sem pensar de verdade na formação de nossos alunos. O que Laval (2019) diz, citando Bernard Charlot, é que estamos vivenciando atualmente é uma sociedade de mercado, que acaba por determinar diretamente as transformações pelas quais a escola passa. Inserimos esse modelo educacional no contexto neoliberal, onde uma série de regras, funcionamentos, restrições, leis, tratados e tudo mais que for preciso e necessário, existem para tornar o neoliberalismo sistêmico, levando governos a funcionar e agir dentro desse quadro geral. Ao fazer um diagnóstico geral das mudanças nos sistemas de ensino da atualidade, Naval nos diz que esses são influenciados pelo o que ele chama de neoliberalismo escolar. Esse neoliberalismo mira, desde sua expansão, a educação básica

e a universidade, por serem espaços de formação de um certo tipo de subjetividade, ou seja, é o lugar de criação de um tipo de “capital humano”, pensado como tal, para alimentar um sistema produtivo baseado na concorrência generalizada. Essa política neoliberal seria uma estratégia que visaria modificar a sociedade, transformar o homem enquanto tal, transformando seus valores e as relações de cada indivíduo consigo mesmo. Chamando esse fenômeno de “neoliberalismo escolar”, Laval diz que ele difunde um modo de relação capitalista do indivíduo consigo mesmo, fazendo com que cada indivíduo se considere um capital. Por isso seria necessário começar muito cedo, e se considerar os estudos como um investimento que deve ser rentável. Desse modo a “escola neoliberal” teria como principal alicerce a eficiência, juntamente com o desempenho e a rentabilidade, por isso cada indivíduo (leia-se, aluno) de ver a si mesmo como um empreendedor de si mesmo. Em resumo, para obter um melhor desempenho da escola, e alcançar a tão sonhada igualdade social <sup>18</sup>, seria necessário estimular a concorrência e a competição entre os alunos, com testes e avaliações sistemáticas, mas também fazendo os professores e as próprias escolas competirem entre si.

Diante desse contexto, será que se exigiria da aula de história muito mais do que ela seria capaz de entregar? É de responsabilidade da disciplina guiar os alunos a um caminho crítico, onde eles possam criar situações concretas para aquilo que lhe foi ensinado / aprendido? Apesar de esse não ser um papel único e exclusivo da história, o professor da disciplina sabe o tamanho da cobrança que se faz em torno daquilo que ele oferece em sala de aula. Ao longo dos anos, as cobranças em torno da disciplina mudaram, principalmente por conta do novo Ensino Médio, colocando a disciplina histórica como aquela que levaria os alunos a compreender o meio que os cerca, sendo, portanto capaz de dar a eles um arcabouço intelectual necessário para vida.

(...) as aulas de história enfrentam exigências novas que decorrem da necessidade de novas formas de aprendizagem mais complexas, isto é, mais totalizadoras e integradoras que permitam aos estudantes a aquisição de determinados conhecimentos, não somente no nível cognitivo enquanto ‘saber histórico’, mas também em situações concretas sociais, isto é, esse saber deve ter significado para a sua vida política, social e cotidiana. (SCHMIDT, 2009, p. 01).

Além das questões que são próprias ao ensino de história, nos últimos anos, os professores do Ensino Médio precisam pensar nas mudanças ocasionadas pela lei nº 13.415 de 2017, que altera toda a estrutura do Ensino Médio brasileiro. A retirada da obrigatoriedade do ensino de Filosofia e Sociologia trouxe grandes preocupações ao professor de História, pois ambas disciplinas são de suma importância para criar uma

---

<sup>18</sup> Os neoliberais têm um discurso estratégico sobre como mudar a sociedade e o homem. Segundo eles, a igualdade em nossa sociedade seria um objetivo progressista antigo. Eles creem que se o indivíduo levar suas capacidades o mais longe possível, a igualdade seria alcançada.

atmosfera crítica, onde as Ciências Humanas se mostram como de fato elas são: interligadas e com a capacidade de designar uma atmosfera onde o aluno possa entender que papéis cumpre em sociedade. Sabemos que tal mudança atinge com muito mais força os alunos de escolas públicas, deixando alunos e professores vulneráveis e pressionados, já que, ao tentar cobrir as lacunas deixadas por disciplinas tão importantes,<sup>19</sup> o professor de História ficaria ainda mais sobrecarregado, não conseguindo dar conta daquilo que já seria a sua obrigação.

### **1.5 A questão do testemunho na aula de História: como equilibrar diferentes narrativas e tornar o testemunho um aliado para o professor**

Existe um diálogo contínuo entre a memória, a História e o testemunho. Podemos dizer que a memória é a fonte da história, e o testemunho é a caminho pelo qual ambas se encontram. Quando pensamos no conceito de história, estabelecemos uma análise crítica sobre a memória que ajuda na construção desta, que se torna possível com o testemunho. A memória seria um conhecimento que nasce do passado, mas que só existe quando tem o presente como guia. Tal conhecimento é oriundo de lembranças individuais do sujeito, e também dos jogos de interesse e poder de esferas mais altas, que não teriam necessariamente o compromisso de fazer uma pesquisa e / ou uma análise das fontes, já que o que interessa é interpretado de acordo com a vontade e a importância que determinado grupo dá para aquilo que se quer lembrar (ou não). Podemos então definir a memória, grosso modo, como a reconstrução<sup>20</sup> do passado que serve aos interesses de determinados grupos no presente. Por possuir um elemento afetivo, seria a maneira pela qual o indivíduo constrói um sentido do próprio passado, compartilhando lembranças e discursos de uma memória por vezes compartilhada, e que o ajuda a compreender e dar sentido a realidade que o cerca. A memória seria um olhar para o passado, ancorado nos interesses do presente; a história faz uso da memória, mas não é a história em si.

De acordo com Fernandes (2012), “*a memória conta uma narrativa: o testemunho. O testemunho de uma lembrança que pretende uma ‘autoridade’ sobre a verdade que é narrada*”. O que se entende é que ao narrar um acontecimento vivenciado por ele, o

---

<sup>19</sup> Ouvei relatos de colegas cuja direção e coordenação sugeria que eles se preparassem para “assumir” tais disciplinas, mesmo que não oficialmente. Isso, se eles quisessem que seus alunos tivessem contato com o conteúdo das disciplinas de Filosofia e Sociologia. Trabalhando em um colégio particular, ouvi de professores que seria “mais fácil” para o professor de História assumir essas disciplinas, podendo inserir o conteúdo que delas advém na sua programação, não deixando assim os alunos sem contato com tais matérias.

<sup>20</sup> Reconstrução política, afetiva, ressignificação do passado pelo/no presente.

indivíduo não possui preocupações com as “*verdades históricas*”, pois o que ele quer é ser ouvido no presente, criando assim “*a ação da lembrança que age como fio que costura o ontem ao hoje, tornando tudo parte de uma só coisa*” (FERNANDES, 2012, p. 87).

Segundo Michael Pollak, existem elementos constituintes da memória, que nos ajudariam a compreender o porquê de se lembrar (ou não) determinado evento: 1) Eventos do passado que teriam sido vividos ou valorizados por interesses do presente. Um exemplo seriam pessoas que pediram a volta da ditadura, alegando que “aquele que era um tempo bom”; 2) Eventos vividos “por tabela”, que seriam de pessoas que não viveram determinados acontecimentos, mas se sentem parte desse passado. Um exemplo seria a chamada “memória nacional”, que consegue conectar as pessoas; 3) Indivíduos que personificam a memória, e que fazem com que grupos reconstruam memória de acordo com os seus interesses. Para dar um exemplo atual, podemos citar a ex-presidente Dilma Rousseff, que ora personifica para alguns grupos uma mulher forte e honesta, que enfrentou seus algozes de cabeça erguida, ora uma mulher agressiva, descontrolada e incompetente; 4) Lugares de memória, como arquivos, cerimônias públicas, datas comemorativas, museus, etc. Todos esses elementos acabam aparecendo durante as aulas, especialmente a de história, onde a memória se confunde com a própria história.

Le Goff (2007, p. 419-476) classifica memória como a competência ou empenho que as pessoas têm de lembrar através do indiciário, fragmentário retirando o essencial para solucionar as situações de tudo aquilo que compõe suas experiências.

Quando pensamos no debate para as questões que são trazidas para a sala de aula, outros elementos vão surgindo, isso porque, quando a memória é evocada nessa situação, geralmente ela não pertence a aquele que a apresenta, e sim a algum terceiro próximo a ele (seriam os “eventos vividos por tabela”), que no afã de fazer que “no seu tempo era tudo diferente”, vende um discurso valorizando um evento do passado, pois ele ajuda a construir uma narrativa que contribui para os argumentos que se quer elaborar no presente. Lembrando que (...) “*a testemunha não é somente aquela que viu com os próprios olhos, a testemunha direta, mas aquele que consegue ouvir a narração insuportável do outro*”. (GAGNEBIN, 2006, p. 93). Lembrar, nesse caso, significa dar uma maior atenção ao presente, pois o ato de não esquecer, de rememorar o passado, é criar meios de se atuar sobre o tempo presente, pois assim se poderia visar de fato uma possível transformação do agora. Aqui, cabe também fazer o que chamamos de problematização da escrita da história. Alunos e professores precisam fazer esse exercício juntos, pois alguns acontecimentos precisam ser revisitados e explicados com mais apreço. Não que a capacidade interpretativa daqueles que estudam a história esteja



defasada ou que caminhe para o erro, mas porque, segundo Montysuma (2020), existem casos que sobressaem os silêncios, os apagamentos, os esquecimentos da memória. Montysuma crê que, todo debate discussão que se faz sobre a escrita da história se torna possível porque: (...) “uma réstia do que foi fez-se memória, preservando dado conteúdo, por onde é possível problematizar todo um passado apontando outros devires. A memória é, portanto, a vitória efêmera porque é memória, e por ser memória está sempre sob a ameaça de sucumbir no Lete, como ocorrera com os demais conteúdos nela inscritos”. (MONTYSUMA, 2020, p. 49).

Minha intenção nessa pesquisa sempre foi fazer um caminho onde reflexão e prática pudessem caminhar juntas, usando o testemunho como uma possibilidade de ação junto a prática pedagógica, onde os alunos pudessem entender o poder daquilo que se fala, assim como os questionamentos que precisam surgir daquilo que eles “ouvem falar”. Ao abordar a questão do uso da memória e do testemunho, estou levando em consideração a narrativa nascida a partir do "trauma vivenciado"<sup>21</sup> por aquele que narra o acontecimento a alguém. Nesse caso, nossos alunos. Não podemos perder de vista toda a complexidade que o processo histórico exige, então, o que se faz aqui é problematizar, sempre que possível, juntamente com os alunos, a utilização do testemunho na aula de história, mostrando como isso pode afetar o andamento do nosso aprendizado e da percepção de mundo que eles possuem sobre determinados temas.

O conceito de testemunho diz respeito a uma voz que quer ser ouvida, que geralmente chega até nós sob a forma de um tom de lamento, de sofrimento<sup>22</sup>. Esse lamento dá lugar a uma fala cheia de curiosidade e de demandas<sup>23</sup>, que assim que chega em sala de aula, já traz consigo toda a experiência adquirida através de outros meios, que no nosso caso seriam, além da família, comunidade e amigos, as redes sociais, amplamente usadas e, porque não dizer, “abusadas”. Todas essas camadas que compõe e ajudam a construir as aulas de história, devem ser vistas com ponderação pelo professor, visto que “*Ao ensinar, o profissional deve levar em conta os inúmeros meios de comunicação que contribuem para desenvolver formas de entender o passado e o presente entre as novas gerações*”. (ROVAI, 2019, p. 91). Acredito que para nós

---

<sup>21</sup> Quando digo “trauma vivenciado”, me refiro não somente àquele que de fato vivenciou um acontecimento traumático na História, mas também aquele que o presenciou de alguma forma, e com isso construiu (e constrói) uma narrativa sobre o tema.

<sup>22</sup> SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 79.

<sup>23</sup> As demandas a que me refiro dizem respeito a vontade de determinados indivíduos de serem ouvidos, de contarem suas versões da história. Em mais de uma ocasião, pais e avós de alunos pediram participarem de minhas aulas, para contar “o que de fato aconteceu”. Relaciono essas demandas ao conceito de “carências de orientação”, que segundo R., surgem no cotidiano, mas se impõem em determinados momentos chave, de busca de compreensão / transformação.

professores, o mais importante é (...) “*Promover a aprendizagem é compreender a importância da relação ao saber, é instaurar formas novas de pensar e de trabalhar na escola, é construir um conhecimento que se inscreve numa trajetória pessoa (...) é dizer que o conhecimento escolar tem de estar mais próximo do conhecimento científico*”(…) (NOVA, 2009, p. 13).

Cabe aqui dizer que o aprendizado histórico deve ser compreendido como algo apropriado para gerar uma série de envergaduras para que o aluno possa ter clareza para enxergar os eventos do passado com um olhar mais críticos, sabendo reconhecer que este é remorado a partir dos interesses e das questões do tempo presente.

Ao considerar os depoimentos em primeira pessoa feitos pelos nossos alunos, devemos pensar de forma coletiva sobre o papel desempenhado pelo testemunho nesses casos. Como podemos entendê-lo? Segundo Rovai (2019), devemos entender o testemunho de duas maneiras: analisando aquele que vivenciou de fato a experiência e que a viu acontecer, e aquele que não a vivenciou diretamente, mas nos ajuda a construir novas narrativas e memórias sobre o acontecimento. Os anos de 1980 ajudaram a construir uma visão mais valorizada da memória, que passou a resgatar a relevância das experiências individuais. Segundo Ferreira (2019), o que ocorreu foi uma “*obsessão pela memória*”, que levou ao desenvolvimento de uma cultura memorialista, ou uma inflação de memórias. O acontecimento responsável por isso teria sido o Holocausto, que trouxe para o debate noções até então adormecidas, mas que ganharam os holofotes naquele momento, e são surpreendentemente atuais: identidade, memória, testemunho, genocídio, etc. O que se percebe é que grandes traumas agora seriam conhecidos também através dos relatos daqueles que vivenciaram o acontecimento. O trauma social seria “*experimentado*” por outro meio: a voz do indivíduo comum. Aqui nos fica claro que o papel do testemunho passou a ser visto com mais respeito e importância, pois a partir dele pode-se analisar determinados fatos sob um novo ângulo, que pode nos fazer confirmar ou questionar algo. Mas mesmo diante dessa valorização, Ferreira nos alerta para os cuidados que precisamos ter com seu uso, pois “*o abuso das políticas memorialistas (...), teria transformado as lembranças em armas políticas e garantido uma sacralização para os testemunhos, o que conduz à valorização de uma representação do passado a partir essencialmente de destinos individuais*”. (FERREIRA, 2019, p. 218).

Para Fink (2008), o uso do testemunho é fundamental como prática pedagógica, pois “*possibilita a desconstrução do discurso e de suas modalidades de construção*”, pois isso acarretaria uma maior interação do aluno com a memória, ocasionando uma percepção em relação à ligação entre memória e história.

A narrativa da memória possui uma inclinação para sensibilizar as pessoas. Essa sensibilização, segundo Le Goff, a memória seria “a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite o indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas”. (1990, p. 371)

Ao perceber a narrativa da memória com a capacidade de afetar o outro, busca-se a sensibilização que levaria o indivíduo a um caminho de empatia, onde a aprendizagem ocorreria por uma via mais humanista. Segundo Seixas (2001, p. 45), a memória “(...) é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite o indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas”. A memória individual é a “memória e a tradição vivida, ‘a memória é a vida’, e sua atualização no presente é espontânea e afetiva, múltipla e vulnerável”. (SEIXAS, 2001, p. 45).

Muitos autores discutem a questão dos testemunhos de catástrofes históricas e as especificidades que se encontram ao longo do processo de construção dessas narrativas. De acordo com Márcio Seligman Silva, nos eventos traumáticos “a memória do trauma é sempre uma busca de compromisso entre o trabalho de memória individual e outro construído pela sociedade” (SILVA, 2008, p.65). O autor também entende o testemunho como parte de uma política de memória, mas sobretudo, como uma condição de sobrevivência, “uma atividade elementar no sentido de que dela depende a sobrevivência daquele que volta de uma situação radical de violência” (SILVA, 2008, p. 66). Nesse sentido, a narrativa teria o desafio de estabelecer uma ponte com os “os outros”, pois possibilitaria a saída do sobrevivente deste limbo do trauma. Ao pensarmos nessa narrativa junto aos alunos do Ensino Médio, vemos o quanto isso ganha um grande peso, pois para eles, esse testemunho seria “mais real” do que está escrito no livro didático. Teria mais valor do que aquilo que o professor fala em sala de aula. Eventos como ditadura, Segunda Grande Guerra, Guerra Fria, redemocratização, se contados por um parente, um vizinho, ou um avô, teria mais relevância para eles, pois seria dita / contada por alguém que de fato “viu o que acontece”. Discutiremos melhor essa questão no próximo capítulo, mas adianto que esse talvez seja o maior desafio na hora de “ensinar” assuntos do tempo presente. Como fazer os alunos analisarem esse discurso sem abandonar as outras fontes disponíveis e disponibilizadas pelo professor, pela internet, pelos livros, etc.? Uma questão que precisa ser pensada com mais cuidado.

## **CAPÍTULO 02: A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA NA SALA DE AULA – COMO APROVEITAR O QUE OS ALUNOS TRAZEM PARA A AULA DE HISTÓRIA**

A intenção desse capítulo é examinar e apresentar algumas questões que me levaram a pensar e repensar minha prática de ensino, levando em consideração a consciência histórica de meus alunos, a maneira como eles veem a história do tempo presente, a articulação que eles fazem sobre suas próprias temporalidades, e de que maneira as suas experiências de vida os fazem elaborar as narrativas que trazem para a sala de aula.

Talvez não haja momento mais propício para se discutir sobre o ensino de história do que o momento atual. Os debates que acontecem hoje têm mostrado o quão é importante considerarmos as relações com o tempo presente e suas demandas no conhecimento histórico escolar.

Houve uma certa demora em minha parte em decidir sobre qual embasamento teórico me ajudaria a refletir sobre minhas inquietações e dúvidas para essa dissertação. Isso porque o material humano com quem trabalhei (e trabalho) me fez questionar a todo momento o papel e a função real e necessária do professor de história. Depois de ouvir alguns colegas que possuíam inquietações semelhantes as minhas, percebi que compreender melhor como o historiador-professor pensa, entende e “ensina” sobre o tempo, me ajudaria a apurar meu olhar sobre essas mesmas dúvidas e questões, quando elas partissem desses alunos. Nesse capítulo, optei por mesclar essas questões e dúvidas, tentando entender o papel da consciência histórica a partir das indagações trazidas pelos alunos durante a construção da revista que propus a eles.

Mesmo não sendo amplamente mencionado em nossos estudos e apontamentos nessa dissertação, é preciso conceituar o significado de Didática da história e entender a sua relevância para o ensino de história na educação básica. Vejo essa necessidade exatamente como o início de uma reflexão que me levou a buscar o mestrado, pois durante a realização do nosso trabalho em sala de aula, algumas das ponderações que fazemos se perdem em meio as nossas atividades cotidianas, e pensar esses conceitos nos ajuda a melhor direcionar nossos objetivos pedagógicos.

O principal objetivo da Didática da história é analisar a metodologia que leva ao aprendizado histórico, dando ferramentas para compreender o domínio da cultura escolar e o papel de mediador exercido pelo professor. A Didática da História estuda os usos e funções do aprendizado histórico, que tenha ligação com a vida prática do indivíduo,

assim como a formação de identidades. Uma das principais referências no estudo da Didática da história é o historiador e filósofo alemão Jörn Rüsen, que muito contribuiu para as questões e dúvidas que permearam toda essa pesquisa, e que também fizeram surgir algumas demandas que me levaram para outros caminhos. É seu também um dos conceitos de consciência histórica que contribuíram para as análises e observações que fiz sobre a aula de história e as impressões dos alunos.

Além dos estudos de Rüsen, as leituras que fiz do trabalho do historiador Luis Fernando Cerri reafirmaram algumas convicções que adquiri ao longo de minha presença em sala de aula, assim como também colocaram em dúvida tantos outros temas, graças as indagações e observações feitas por meus alunos.

Ao longo desse capítulo, ficará claro o apoio que utilizei de alguns autores que, a princípio, não dialogam entre si, mas que me ajudaram a estabelecer novos objetivos e ações para a minha prática futura. Sendo o capítulo que senti mais dificuldade em escrever, o vejo como um exercício pedagógico e histórico, que mais questiona do que responde, mas que me auxiliou a compreender um pouco mais sobre o que meus alunos trazem de contribuição para a aula de história e também para a vida.

## **2.1 A consciência histórica e a articulação de temporalidades – como entender o que nossos alunos pensam sobre o passado.**

Ao pensar sobre como a teoria poderia me fazer entender melhor não só os objetivos que eu tinha (e ainda tenho) com a aula de história que venho ministrando ao longo de minha carreira, me vi pensando sobre as questões que meus alunos trazem, mas principalmente sobre a principal pergunta que me fazem todos anos, assim que a primeira aula de história do ano letivo está para acontecer: para que serve a história? Por que aprender história? Não sei dizer exatamente quantas vezes essa pergunta foi feita, mas todas as vezes que a escuto, a maneira que encontro de responde-la é sempre um pouco diferente da anterior. Não que minha “opinião” mude com o passar do tempo, mas os alunos do ano anterior acabam por influenciar a resposta que dou para os alunos mais recentes. Entender para que serve a história é um exercício que venho fazendo desde que me tornei aluna da graduação, e creio que continuarei a fazê-lo como professora por muito tempo. Esse questionamento dos alunos não aparece somente no início do ano letivo, apesar de ser o momento mais propício para isso acontecer, mas também ocorre quando atividades ditas “diferentes” surgem durante as aulas. Foi assim com a proposta da revista pedagógica que permeou a construção dessa dissertação.

Ainda durante a construção do projeto de pesquisa, quando as leituras sobre consciência histórica haviam avançado um pouco mais, pensei que esse poderia ser o ponto de partida para as principais reflexões que surgiriam durante o processo de construção da revista. A resolução das provas do ENEM, juntamente com o debate que os temas suscitariam, levariam alunos e a professora que vos fala a pensar sobre a importância da história em suas vidas, dando um sentido mais palpável e real para aquilo que eles estudavam. É importante frisar que entendemos consciência histórica como a capacidade humana de dar sentido ao tempo, de representar o tempo. Como não temos a opção de pará-lo, somos confrontados a todo momento com forças que tentam de alguma forma “manipular” esse tempo, seja tentando fazer com que ele passe mais devagar, que ele pare, ou até mesmo que ele retroceda. Sabemos que o tempo é algo impossível de ser contido, então, o que resta é tentar fazer algo com relação às mudanças trazidas por esse tempo. Isso nos fica evidente se analisarmos a onda conservadora que tem devastado o país, que tem tentado frear as mudanças ocorridas nos últimos anos. Não só frear, mas também fazer com que várias delas deem passos para trás.

(...) A consciência histórica expressa-se a si própria narrativamente nas representações do passado. Estas representações não aparecem isoladas como um discurso objetivo, mas também através de imagens concretas como símbolos ou monumentos. Narrar é uma operação cognitiva que dá sentido atendendo a uma ética orientadora do agir e que pode ajudar na superação do sofrimento. Existe a conjugação do empírico, do normativo e do emocional numa lógica de construção de significado (s) e sentido(s) do todo – do humano. A narração permite a interpretação de si e do mundo em contração com a contingência do ser humano no tempo, que tem necessariamente de se confrontar com a temporalidade do ser humano e a sua incontornável finitude. (GAGO, 2016. P. 78)

Pensar em consciência história é pensar na necessidade que temos de atribuir sentido ao tempo, de representar o tempo. Sendo a História do tempo presente “*o estudo dos antecedentes imediatos do presente*” (AMÉZOLA, 2007, p. 143), isso obrigaria o professor / historiador a ter um cuidado especial durante sua aula, por ele e seus alunos estarem tão próximos aos acontecimentos que serão possivelmente, narrados pelo professor, assim como postos em discussão, à luz dos materiais didáticos utilizados.

(...) No processo formal de aprendizagem escolar, a CH de docentes e discentes interagem numa comunicação intergeracional substantiva da convivência cultural e da produção de conhecimento histórico, mediante apropriação individual por todo aprendiz, em ambas as relações: a de interação intergeracional e a subsistente entre docentes e discentes. Há efeito reflexo desse aprendizado sobre o docente, para quem o aprendizado continua no exercício profissional e na vida sociocultural. (MARTINS, 2019. P. 57)

Nesse caso, ao serem confrontados com os temas que levariam à elaboração dos artigos da revista aqui proposta, pude perceber que muitos não se entendiam como pertencentes “aquele passado”, mesmo sendo um passado “mais recente”. Muitos diziam

que nunca tinham ouvido falar nos temas, questionando se alguns deles haviam de fato acontecido no Brasil e no mundo. O processo de resolução das questões me mostrou que muitos assuntos, mesmo tendo sido trabalhados por mim ou por outros professores de História (e não somente eles), caíam logo no esquecimento, deixando apenas um número mínimo de alunos iniciando a discussão, gerando um debate entre poucos. Mesmo tendo acesso a uma quantidade imensa de informações trazidas pela internet, o que vemos é um aproveitamento pífio desse “conhecimento”, já que a compreensão que se tem de tais conteúdos acontece de maneira limitada.

(...) É comum se observar em ambientes virtuais de interação social, tal qual redes sociais, microblogs, blogs, vlogs, aplicativos de mensagens, entre outros, que a disseminação indiscriminada de conteúdos variados tem provocado alguns “efeitos colaterais”, entre os quais se podem destacar a dificuldade de entendimento acerca das noções de temporalidade, bem como as diversas dimensões temporais, fato que muitas vezes contribui para a elaboração de ideias baseadas apenas em senso comum, não levando em conta o caráter metodológico da História na constituição de suas concepções. (BORGES, 2019, p.18)

Pensando ainda em consciência histórica, os estudos de Jörn Rüsen foram grandes auxiliares na reflexão sobre o que percebemos que é trazido para sala de aula pelos nossos alunos. Sendo a consciência histórica “um fenômeno do mundo vital”, que seria eternamente ligado à vida prática de nossos alunos, percebe-se que todas as pessoas possuem consciência histórica, visto que todas são capazes de se orientar no tempo, tendo como base a realidade que as cerca, uma experiência e sua intencionalidade. Ou seja, presente, passado e futuro, respectivamente. Para Rüsen, a consciência histórica está relacionada com a capacidade que temos de articulação de tais temporalidades, e de como nos orientamos no tempo com a intenção de resolver nossas demandas do presente e alcançar (novas) situações/lugares sociais em um futuro projetado por nós (RÜSEN, 2001, p. 56). Para Rüsen, nós aprendemos e ensinamos história para compreender o quanto estamos próximos ou afastados de um evento, ou seja, consciência histórica seria uma espécie de dilatação do tempo, sendo que, quando abordamos o ensino de história, podemos entender a nossa relação com o mesmo, além de nos adequarmos tanto ao presente quanto ao passado. Utilizamos a expressão “consciência histórica” para indicar: *(...) a consciência que todo agente racional humano adquire e constrói, ao refletir sobre sua vida concreta e sobre sua posição no processo temporal da existência. Ela inclui dois elementos constitutivos: o da identidade pessoa e o da compreensão do conjunto social a que pertence, situados no tempo.* (MARTINS, 2018, p. 55).

Luis Fernando Cerri (2011) diz que existe uma necessidade constante em se atribuir sentido ao tempo, às origens do mundo e ao grupo ao qual pertencemos, compreendendo assim a humanidade como um todo, não se restringindo somente ao passado, mas também

às projeções do futuro. Cerri define consciência histórica como: (...) *uma das estruturas do pensamento humano, o qual coloca em movimento a definição de identidade coletiva e pessoal, a memória e a imperiosidade de agir no mundo em que se está inserido.* (CERRI, 2011, p. 13).

Perceber como os alunos pensam a história e o tempo, e como constroem a sua consciência histórica, me mostrou a necessidade de mudar a abordagem que eu vinha executando até então. A falta de maturidade<sup>24</sup> e o não entendimento da importância da história para a vida é algo que acompanha esses adolescentes em boa parte do tempo em que passam na escola<sup>25</sup>. Durante a resolução das questões, percebi que alguns alunos se esforçavam para lembrar alguns termos que haviam lido ou ouvido em suas redes sociais, buscando assim referências do seu “cotidiano digital” para fazer os simulados. Uma observação que percebi de alguns deles é que eles faziam contas para saber quanto tempo havia se passado desde que determinado acontecimento tinha ocorrido. Ao tentar saber quanto tempo havia passado, eles mostravam que tipo de compreensão do tempo eles possuíam<sup>26</sup>. Segundo Rösen, entender esse senso de alargamento do tempo, ou seja, entender o quanto estamos próximos ou afastados de determinado conhecimento, no caso desses alunos e dos acontecimentos presentes nas questões presentes no ENEM feitas por eles, estamos tentando compreender o quanto estamos próximos desses acontecimentos. *“Ele está próximo ou distante do presente? Eu já havia nascido quando isso aconteceu? Minha mãe já era nascida? E minha avó”*. Essas perguntas foram feitas por uma aluna, ao refletir sobre a distância temporal entre ela e os assuntos presentes nas questões. Um exercício que achei bem interessante e que incentivei outros alunos a fazerem. Essa noção do tempo que eles me mostraram, me fez notar que cabe a nós professores apresentar aos nossos alunos diferentes noções de temporalidades, que precisam ser vistas sob essas óticas plurais, já que essas noções contribuem para uma melhor efetivação das atividades que serão realizadas por eles. Concordando com Borges, acredito na *“importância de os professores apresentarem as noções de temporalidade e as ideias de consciência história a seus alunos, e como isso pode ser um agente catalizador no processo de compreensão*

---

<sup>24</sup> Sobre essa questão, fizemos uma breve leitura dos trabalhos de Hallan (1970), indicados no livro “O ensino de história em questão” (2015), onde ele determina que existem determinados estágios de conhecimento, e que o pensamento abstrato necessário para se entender história seria mais tardio do que os estágios necessários para compreender matemática e ciências naturais. A conclusão a que se chega é que história seria uma disciplina mais difícil de ser entendida, visto que ela estaria fora da realidade e da temporalidade dos alunos.

<sup>25</sup> Essas conclusões de Hallan foram refutadas pelas pesquisas da Educação Histórica, que, entre outros resultados, aponta que a “forma” como a história é ensinada na escola e o quanto ela atribui sentidos ao vivido, se relaciona com o vivido, interfere nesse aprendizado, nessa compreensão. Incluo essa nota de rodapé após a defesa dessa dissertação, buscando essas novas leituras para um futuro próximo.

<sup>26</sup> Mostravam sua preocupação com a duração, categoria lógico-matemática importante no estudo histórico.



sobre as diferentes temáticas a serem trabalhadas em sala de aula”. (BORGES, 2019. P. 19). Mas, pode o professor de História intervir no entendimento da consciência histórica de seus alunos? Seria seu papel interferir? É possível executar tal função junto aos seus alunos? Acredito que seja papel do professor de História buscar promover diferentes possibilidades<sup>27</sup> de orientação para a vida, dando ênfase naquilo que foi vivenciado<sup>28</sup> pelo aluno, criando assim uma aula que faça sentido.

As discussões e debates que se seguiram durante a resolução das questões e também na busca dos temas selecionados para a revista, notei que alguns temas já tinham sido percebidos de alguma forma por eles. Um exemplo foi a “*Discriminação contra as religiões de matrizes africanas*”, tema esse trabalhado por T.M. e E.S.<sup>29</sup> e que já havia aparecido em inúmeras ocasiões durante as aulas. As falas dos alunos demonstravam o seu pouco conhecimento sobre essas religiões, que no seu imaginário, ainda são demonizadas e cheias de outros estereótipos tão negativos quanto esse. O debate que se seguiu mostrou o quanto é difícil para alguns alunos se colocarem no lugar do outro e serem empáticos sobre um tema tão delicado. Alunos católicos e evangélicos tentavam a todo custo chamar a discussão para si, dizendo já terem sofrido preconceito e discriminação por serem cristãos. Por sugestão de uma aluna, eles fizeram uma rápida pesquisa no Google, onde buscaram relatos e notícias de preconceitos sofridos por cristãos e por candomblecistas. Mesmo depois de lerem inúmeros casos de intolerância contra terreiros de umbanda e candomblé, alguns alunos permaneciam céticos em relação a isso, alegando que os meios de comunicação não noticiavam o preconceito sofrido pelas religiões cristãs. Mas de onde vem essa insistência? Porque esses jovens são tão relutantes em perceber determinados tipos de privilégios? Essa questão se mostrou por demais complexa para ser respondida nessa dissertação, mas pude perceber os claros sinais dos efeitos dos últimos anos políticos do Brasil, que deixaram marcas que precisam ser melhor compreendidas para serem combatidas. Essa seria uma das motivações para se apresentar diferentes noções de temporalidades, mesmo sendo uma tarefa tão difícil. Ao serem apresentados a essas noções, os alunos podem fazer novas conexões com o tempo em que vivem, fazendo com que eles percebam algumas permanências e mudanças no tempo em que estamos. (...) “*torna-se um desafio aos educadores destrelar as noções de*

---

<sup>27</sup> O professor de história tem responsabilidade em promover boas experiências temporais, o acesso as experiências das pessoas do passado, via narrativas plurais dos acontecimentos, por meio de fontes variadas sobre os eventos, também por meio das diferentes linguagens... (cartas, filmes, HQ).

<sup>28</sup> Ampliando o que foi vivenciado (dilatação do tempo) para além do vivido em 17 anos e até do que irá viver como humano - 30, 60, 80 anos.

<sup>29</sup> Para não atrasar, optei por dar anonimato aos alunos que participaram dessa pesquisa. Por isso seus nomes aparecerão apenas com suas iniciais, visto que seria necessário obter autorização de seus responsáveis. Por isso também omiti dados sobre a instituição escolar a qual os alunos pertencem.

*temporalidades simplesmente à cronologia, tomando como um de seus objetivos apresentar a seus alunos outros aspectos envolvendo as noções de temporalidades e as relações com tempo histórico*”. (CRUZ, p. 23, 2019). Talvez, esse seja o primeiro passo para fazer com que uma reflexão mais assertiva e empática apareça para esses alunos tão irredutíveis em suas ideias.

## **2.2 A aula faz sentido? Como a consciência histórica articula a experiência dos jovens alunos de hoje.**

A aula de História é vista como uma longa abordagem sobre o passado. Alunos chegam já com essa ideia pré-concebida, que os leva a crer que o passado, e somente ele, é o que será abordado naquele espaço. O papel do professor, nesse contexto, é mostrar que aquele passado já foi o presente de um grupo, e que aquele presente teve um impacto na vida daqueles que o vivenciaram, e que seu eco pode ser sentido em nosso presente, se ele souber identificar a ponte que une tais “presentes”. Os conteúdos presentes no currículo servem para legitimar uma proposta política, onde se define previamente aquilo que se considera importante, e que os alunos devem guardar na memória. Partindo dessa premissa, o ENEM seria uma das possíveis culminâncias desse projeto que é o Ensino Médio, onde os alunos ao final, mostrariam o que foi realmente assimilado durante os três anos que estiveram em sala de aula. O resultado seria mostrar o que, de todos os conteúdos trabalhados ao longo desse tempo, o aluno de fato conseguiu assimilar.

Ao discutir / debater as questões do ENEM dos últimos 10 anos, os temas sensíveis estão quase sempre presentes, o que faz com que as discussões sobre incluir tais temas no currículo ganhem mais força.

“A justificativa para a inserção dos temas sensíveis no currículo pauta-se, fundamentalmente, no princípio de criar condições para o exercício da empatia e da alteridade. Mediante a persistência das violências do racismo, do machismo e o fascismo, junto a suas implicações como feminicídio, a homofobia, a transfobia e a constante dizimação de povos afrodescendentes, ameríndios, palestinos ou ainda as crescentes manifestações de ódio relacionadas tanto à classe quanto a posicionamentos políticos, torna-se urgente rever as formas de educação escolar no Brasil com o objetivo de ampliar práticas educacionais que despertem em um contexto amplamente individualista a consciência e o respeito diante do Outro”. (SANTANA; PINHEIRO; 2018, p. 24).

Ao pensar no ENEM e nos temas considerados sensíveis, é preciso trabalhar com uma perspectiva decolonial,<sup>30</sup> onde os temas são pensados e revistos sob uma nova ótica<sup>31</sup>. O que se conclui é que (...) *a instrumentalização dos temas sensíveis no ensino de História demanda uma abordagem transnacional, de modo a correlacionar as experiências traumáticas vivenciadas por diversas culturas em condições históricas divergentes.* (SANTANA; PINHEIRO; 2008, p. 25). Os próprios alunos que vivenciam a violência sob as suas diversas formas estão sujeitos a repensar suas próprias experiências traumáticas mostrando como suas vidas são afetadas, ou não, por tais eventos. Ao escutar os alunos que participaram da atividade que descrevo nessa dissertação, muitos não se percebiam como cidadãos e nem acreditavam que tinham algum poder para mudar suas realidades. No início, se questionou a importância e relevância da revista para a disciplina. Alguns questionaram se seria algo de fato importante para eles, afirmando inclusive que seria melhor fazer prova do que fazer a atividade proposta. (*“Esse negócio tá dando muito trabalho tia. Melhor fazer prova que é de uma vez e acabou”*). Esse “fazer prova” demonstra uma postura já alertada por Nussbaum: (...) *Ensinar para a prova* é uma postura cada vez mais predominante nas salas de aula das escolas públicas, produz um ambiente de passividade para os alunos e de rotina para o professor. A criatividade e a individualidade, marcas da educação e da aprendizagem humanista da melhor qualidade, têm dificuldade de encontrar um espaço para desabrochar. (NUSSBAUM, 2016, p. 135). Talvez o que surpreenda no nosso caso, é que isso seja manifestado pelos alunos.

Ainda falando sobre consciência histórica, Jorn Rüsen e Luis Fernando Cerri concordam que ela é algo inerente ao homem, e pode ser percebida fora do saber histórico adquirido em sala de aula. Dessa maneira, a consciência histórica fica sendo a responsável por articular presente, passado e futuro, o que permite que os alunos percebam que as

---

<sup>30</sup> Entendemos “decolonial” como o conceito que faz uma crítica a hegemonia da visão de mundo e de narrativas que sejam eurocêntricas; o pensamento decolonial visa dar espaço e voz aos povos que foram colonizados, valorizando finalmente suas próprias manifestações e saberes. Esse conceito surge na primeira década do século XXI, com pensadores latino-americanos, e tem como objetivo problematizar a manutenção das categorias colonizadas da epistemologia, buscando enfim a emancipação absoluta da opressão e dominação infringida pelos povos europeus. Ao fazer uma articulação interdisciplinar economia, cultura e política, tenta construir um terreno onde os elementos epistêmicos dos povos colonizados possam novamente florescer. Importante salientar que (...) “O pensamento decolonial reflete sobre a colonização como um grande evento prolongado e de muitas rupturas e não como uma etapa histórica já superada (...) Deste modo quer salientar que a intenção não é desfazer o colonial ou revertê-lo, ou seja, superar o momento colonial pelo momento pós-colonial. A intenção é provocar um posicionamento contínuo de transgredir e insurgir. O decolonial implica, portanto, uma luta contínua” (COLAÇO, 2012, p. 08).

<sup>31</sup> Para um maior aprofundamento do tema, recomendamos a leitura de *A Situação Colonial: abordagem teórica*, de Georges Balandier (2014); *Novas perspectivas para a antropologia jurídica na América Latina: o direito e o pensamento decolonial*, Thais Luzia Colaço (2012).

questões do presente podem ser entendidas mediante a compreensão do passado, assim como se pode vislumbrar um futuro, a partir da análise do presente.

Por estar ligada diretamente à vida prática das pessoas, a consciência histórica acaba se tornando uma balança onde se equilibra a experiência do tempo do indivíduo, com o agir desse mesmo indivíduo no tempo. Seria algo comum a todos nós sendo, portanto, um fenômeno humano.

(...) A historicidade é um pressuposto fundamental da condição existencial de todo ser humano. Refletir sobre essa condição é um procedimento histórico, necessário a todos e a cada um, a que se procede sempre e a todo momento, em toda e qualquer circunstância, ao longo de toda a vida. Historicidade e temporalidade coincidem”. (MARTINS, 2019, p.55)

Ao pensar no papel que tal consciência tem no ensino de história, este pode ser o responsável por aprimorar os caminhos pelos quais nossos alunos seguem para se orientar no tempo. Cabe ressaltar que, não foi uma pretensão dessa dissertação criar uma consciência histórica nos alunos, pois eles já chegam à vida escolar com tal consciência. O que se quis foi levar tais alunos a uma reflexão que os orientaria para a vida e também para o ENEM, estabelecendo assim uma postura mais crítica e analítica sobre o mundo que os cerca. Ao escolher questões do tempo presente, optei por tentar aproximar os alunos de uma história que fosse mais recente, onde eles pudessem encontrar mais referências, principalmente na internet, que foi a única fonte de pesquisa que eles utilizaram para a realização do trabalho.

A utilização da internet pôde me mostrar como eles estão imersos no presente, tentando compreender o passado, mas sem de fato acreditar nele. Aqui, pude notar a crítica feita por Fernando Catroga ao que ele chama de “culto do presente”, onde o passado deixa de ser importante e o futuro é algo distante, que eles não conseguem vislumbrar. Ao resolver as questões do ENEM dos últimos anos os temas sensíveis estão quase sempre presentes, o que faz com que a discussão sobre incluir tais temas no currículo ganhe mais força. (CATROGA, 2015)

Ao fazer a escolha pela História do tempo presente para as questões que os alunos resolveriam, fez-se necessário falar sobre o papel desempenhado pela memória, interligada com a consciência histórica, que segundo Jörn Rusen, não diz respeito fundamentalmente ao passado, mas a uma reflexão possível sobre o futuro (RUSEN, 2000, p.333). Segundo Amézola, é importante que nós professores pensemos “tanto *na natureza da informação que nosso aluno vai se tornar capaz de mobilizar, quanto na condição de olhar sobre o passado, mas sobretudo, é fundamental avaliar o processo de construção de sua capacidade de se posicionar de modo pertinente e fundamentado em relação à problematização do presente do futuro*” (AMÉZOLA, 2007, p. 145).

Quando pensamos na História do tempo presente, pensamos em testemunhos vivos. Testemunhos esses que teriam um grande peso na hora de se “pensar História”, já que, ao trabalhar com História Contemporânea e HTP, podemos ser expostos a esses testemunhos em sala de aula, estejamos prontos ou não. Trabalhar com um passado recente junto a jovens que estão cursando o Ensino Médio, se torna um desafio, na medida em que eles possuem uma ferramenta muito eficaz e veloz para averiguar a “veracidade” dos fatos, podendo confrontar com muita “certeza” o que ele acredita ser verdadeiro ou não: a internet. Essa ferramenta, ainda jovem e utilizada com certa parcimônia pelos historiadores e professores de história, exige de nós um cuidado diferenciado, exatamente por ainda termos muito que aprender com ela. Ao citar Cohen em seu trabalho, Maynard diz que “*se toda história humana fosse condensada em 24 horas, as mídias como nós as conhecemos hoje, teriam aparecido nos 2 minutos antes da meia-noite*” (MAYNARD, 2016, p. 78), porém, professores que atuam na educação básica hoje, lidam com uma geração que nasceu conectada, e que não conhece uma realidade diferente daquela onde a internet “reina”.

(...) nossos alunos, em sua maioria, são agora do tipo *digital born* (nativos digitais): devotados ao repetitivo exercício de responder, sempre rapidamente, a dezenas de mensagens de textos e e-mails durante as aulas, atualizar redes sociais, encontrar informações sobre eventos, mas também sobre a vida privada dos seus professores na Internet. Os estudantes, jovens em sua maioria, dispensam muito tempo “cutucando”, curtindo, postando, comentando e principalmente compartilhando. Mesmo assim, o ciberespaço ainda é um país estrangeiro para parte significativa dos historiadores que, em lugar de nativos, são antes imigrantes digitais e, por mais que se esforcem para dominar a linguagem, sempre falarão com certo sotaque (MAYNARD, 2016, p. 79).

Por seu caráter democratizador, a internet propicia um caminho que interessa a historiadores e professores, exatamente por ser um instrumento de pesquisa e estudo que, quando bem utilizado, se torna mais que um auxiliar na construção de uma criticidade que almejamos para nossos jovens. A cultura do compartilhamento, responsável, em parte, pela propagação de *fake news* e meias verdades, pode ser combatida com ferramentas que a própria internet proporciona, porém, cabe entendermos que, a inclusão de novas mídias não substitui a aula de história, assim como também não supre o debate alçado pelo professor. Tais ferramentas mudaram de forma clara a produção e a disseminação de conhecimento como o concebemos hoje, mas elas não substituem o papel desempenhado pelo professor de História, que mesmo não sendo nativo na língua digital, tem adquirido uma fluência que o tem ajudado a construir as pontes necessárias para chegar até seus alunos, que ganham nesse contexto um papel ativo na elaboração e compreensão do conhecimento que se aprende e reaprende durante esse movimento que a rede de computadores proporciona. Por ser uma ferramenta pedagógica de grande valor,

mesmo que ainda não tenhamos controle sobre ela, a internet tem o poder de proporcionar a inter e a pluridisciplinaridade na educação, assim como também estimular a socialização de conhecimento entre professores e alunos, criando um ambiente mais interativo dentro do processo de ensino-aprendizagem, criando o que Mercado (2002) chama de uma espécie de memória compartilhada.

Vários são os aspectos que o professor de história leva em consideração na hora de dar sua aula. Esses aspectos, como a comunidade escolar, planos de aula, currículo, realidade dos alunos, são de grande pertinência na hora que tentamos entender como eles percebem o presente. Na aula de história onde, a princípio, não se pensaria necessariamente no presente, vemos um embate importante sobre aquilo que se tenta ensinar, com aquilo que eles de fato aprendem, não só em sala de aula, mas em todos os lugares que esses alunos frequentam, tanto real quanto virtualmente. Portanto, acredito numa perspectiva de História abordada pelos PCNS<sup>32</sup>, que diz que os conteúdos estudados de História deveriam abarcar uma *“perspectiva de questionamentos da realidade organizada no presente”* (Brasil, 1997, p. 57).

### **2.3 A memória e a aula de história: construindo uma ponte!**

Ao pensar nas aulas de Humanidades para os alunos do Ensino Médio, cabe uma reflexão sobre algumas questões sobre o passado e o presente que chegam em sala de aula, e como os alunos passam a perceber que possuem essa tal de consciência histórica. Quando confrontamos (e somos confrontados) com aquilo que o currículo orienta, vemos que o espaço dedicado ao presente carece de uma maior atenção, o que acaba ficando sob a responsabilidade do próprio aluno, sem orientação do professor. Sendo o presente algo tangível e próximo do professor e dos alunos, é possível fazer com que este tenha uma maior compreensão da realidade que o cerca, mostrando assim que o presente pode ser um importante caminho para o entendimento do passado, e vice e versa: (...) *“a história do tempo presente constituiu um lugar privilegiado para uma reflexão sobre as modalidades e os mecanismos de incorporação do social pelos indivíduos de uma mesma formação social”* (FERREIRA; AMADO, 1996, p. 218).

Considero que o ensino de História está diretamente relacionado com a formação da consciência histórica, segundo aquilo que Rüsen defende: (...) *“o processo mental da*

---

<sup>32</sup> Sabemos que existem questões sobre os PCN's que significam um imenso retrocesso, mas não nos aprofundaremos nessas questões aqui. A leitura do texto “PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Ensino como pesquisa: um novo olhar sobre a história do ensino fundamental – como e porque aprender/ensinar História, História e Perspectivas, Uberlândia, v. 53, p. 37-70, 2015”, indicada na Coleção História do tempo presente, é fundamental para entendermos melhor esse debate.

*consciência histórica pode ser rapidamente descrito como o significar da experiência do tempo interpretando o passado de modo a compreender o presente e antecipar o futuro*” (RÜSEN, 2009, p. 68). Ainda segundo Rüsen, a consciência histórica abarcaria determinados processos mentais, entre eles, a orientação da ação humana pela interpretação histórica, promovendo a motivação para a ação que uma orientação oferece. Sendo a função do ensino de História formar a chamada consciência histórica, a pergunta que se faz é qual seria então a função da consciência histórica? Sua principal função seria a de munir o aluno de instrumentos que lhe permitam compreender o passado como uma construção histórica que consiga guia-lo no tempo e espaço. Rüsen diz que:

(...) A consciência histórica serve como elemento de orientação chave, dando à vida prática um marco e uma matriz temporais, uma concepção do ‘curso de tempo’ que flui através dos assuntos mundanos da vida diária. Essa concepção funciona como um elemento nas intenções que guiam a atividade humana, nosso ‘curso de ação’. A consciência histórica evoca o passado como um espelho da experiência na qual se reflete a vida presente, e suas características temporais são, do mesmo modo, reveladas. (RÜSEN, 2011, p. 58).

Alunos da educação básica passam a atribuir significado ao passado através da consciência que “ganham”<sup>33</sup> sobre a História, o que acaba refletindo no presente. Nesse contexto, a narrativa ganha relevo, pois seria através dela que os alunos construiriam a consciência histórica: (...) *“Essa competência pode se definir como a habilidade de consciência histórica humana para levar a cabo procedimentos que dão sentido ao passado, fazendo efetiva uma orientação temporal na vida prática presente por meio da recordação da realidade passada”*. (RÜSEN, 2011, p. 59). Para Rüsen, o aluno precisa desenvolver sua consciência histórica com a ideia de que o passado também é mutável<sup>34</sup>, mostrando na prática o desenvolvimento de um olhar crítico sobre os acontecimentos que o cercam. Para Patrícia Rodrigues da Silva (2019):

(...) “mais importante do que aprender os fatos históricos e conceitos históricos, é atribuir significado ao passado, tendo em vista que esta atribuição de significado ao passado é o próprio conhecimento sobre ele, na medida em que é impossível apreendê-lo em sua totalidade e que as explicações sobre ele são relativamente produzidas sob uma série de fatores que influenciam nas relações de poder que envolvem a produção do conhecimento histórico.

A consciência histórica tem, portanto, uma importantíssima função cultural, que é a de contribuir para a formação da identidade. Assim, ela é expressiva no processo de formação da identidade e é capaz de orientar o indivíduo e a sociedade (esta quando se considera uma consciência histórica coletiva) no tempo. (RODRIGUES; 2019, p. 1995)

<sup>33</sup> Usei o verbo “ganhar”, mas é importante frisar que os alunos não ganham consciência; o que ocorre é que o conhecimento histórico deles amplia suas experiências temporais, a capacidade narrativa / explicativa do presente e com isso, o fluxo da consciência histórica temporal. Eles ganham em autoconhecimento (identidade) e também em capacidade de agir, e se ver e perceber como sujeito / agente histórico do presente.

<sup>34</sup> O passado seria mutável pois é resultado de diferentes experiências (pessoas do passado) e de diferentes perspectivas (interpretações) dessas experiências.

Nossos alunos, por estarem imersos em seu próprio tempo, são capazes de perceber as estruturas do passado que movimentam o presente? O professor de História consegue, através daquilo que os alunos trazem, fazer com que a aula tenha sentido<sup>35</sup>?

Quando trabalhamos com jovens do Ensino Médio, cabe também refletirmos sobre aquilo que ensinamos e a experiência vivida por eles. A memória aqui ganha uma dimensão interessante, por podemos observar aquilo que nossos alunos absorveram fora de sala de aula, aquilo que lhes chama atenção quando a aula é ministrada, e aquilo que é reinventado por eles, a partir dessas experiências que ele acumula, até formar aquilo que chamamos de “opinião”.

Jacques Le Goff diz que a memória costuma se manifestar de maneira diferente no cotidiano, o que faz com que a História apreendida em sala de aula seja, se não diferente, mais complexa do que aquela que nossos alunos aprendem fora dela, como na televisão, internet, no cinema etc. Com isso, nossos alunos passariam a ser também produtores de conhecimento, pois ao fazerem uso daquilo que aprendem na escola (História escolar), o que se tem é algo novo, reinventado a partir das experiências desses alunos. Por isso uma aula de História sempre é diferente para cada aluno, mesmo para aqueles alunos que assistem a mesma aula, no mesmo momento. Com isso, é preciso que o professor reavalie o que tem feito em sala de aula, estabelecendo objetivos claros para o que deseja de fato que seus alunos conquistem. Nas palavras de Lucena:

“Desmistificar conceitos e posturas pré-estabelecidas nas diversas disciplinas, construiu uma visão de Homem como um ser concreto, manifestação de uma totalidade histórico-social através de análises sucessivas que partem do empírico em direção ao indivíduo concreto, social e histórico. Trabalhar a ideia de unicidade do conhecimento através da abordagem interdisciplinar, revendo a convicção que os alunos compartilham de que cada campo do conhecimento se constitui num todo acabado e intocável (LUCENA, p. 126, 1994).

Pensar memória é também pensar a maneira como essa memória é elaborada por nossos jovens. Em tempos de mídias sociais, que história está sendo contada para eles? Que memória eles estão de fato guardando para contar a próxima geração? Que influência as mídias (tradicional e independente) desempenham na construção dessa memória? Como lidar com o excesso de informações que circulam sobre o passado e sobre o presente na atualidade?

Por estarmos vivendo uma época em que ocorre a proliferação do anti-intelectualismo,<sup>36</sup> que promove um abalo das certezas e a memória entra em conflito com

---

<sup>35</sup> Aula ser espaço-tempo de construção de sentidos, de compartilhar sentidos (prévios), de debate-los, etc.

<sup>36</sup> Entendemos Anti-intelectualismo como (...) “O conceito de Anti-intelectualismo, ou seja, o que se opõe ao que é intelectual, hostilizando e negando diretamente o cultivo do saber, surge no contexto brasileiro atual, em um momento conjugado de crise política e econômica, assim como, disputas partidárias,



a história, acontece também uma abertura para novas possibilidades de abordagens na aula de História, onde o presente ganha destaque, criando pontes para esmiuçar temas que nos ajudem a criar conexões narrativas com elementos do passado. Aqui, história e memória precisam ser compreendidas em conjunto, para que possamos identificar junto aos nossos alunos, aquilo que o presente impõe sobre o passado, seja através de memórias trazidas por aqueles que estão ao seu redor, ou pelo excesso de informação que tem assolado o seu cotidiano como um todo.

(...). No momento em que a história almeja uma cientificidade e singularidade, acentua-se a diferenciação entre história e memória. A primeira seria fruto de um trabalho metódico, conceitual, investigativo, reflexivo, pautada em métodos ditos científicos; já a memória seria uma atividade espontânea, pré-reflexiva, contínua, quase natural e inerente aos indivíduos. Se a memória carregaria indelevelmente a afetividade dos sujeitos, a história traria consigo a imparcialidade, a objetividade dos fatos; uma se aproximaria do passado para revivê-lo, ao passo que a outra se distanciaria para analisa-lo. Em nome da Ciência, ergueu-se um muro para separar história e memória (CATROGA, 2015, p. 10).

Passado e presente estão unidos por um caminho de reflexão de duas vias, pois da mesma maneira que o passado não é imutável, em virtude das memórias que vão sendo resgatadas e reescritas pelo sujeito, o presente ganha uma interpretação móvel, que exige de professores e alunos um julgamento mais justo e equilibrado, pois ele também vai se transformando diante de nossos olhos, seja através das mídias sociais as quais temos acesso, ou das memórias (ou da falta delas) adquiridas em nosso cotidiano.

A história, tal como se defende atualmente por um número significativo de historiadores, se define menos por um estudo do passado que por uma reflexão cada vez mais dinâmica sobre as relações entre passado e presente. A veracidade buscada não se vale mais de uma busca de um passado imutável, mas sim aquela que se forja na relação dinâmica entre o que se escreve/descreve/narra e o presente de quem o faz (SANTOS, 2007, p. 83).

A princípio, podemos pensar em memória através de uma perspectiva halbwachiana, onde o passado passa a ser reconstruído a partir de demandas do presente, fazendo com que os indivíduos estabeleçam novos pontos de vista sobre a maneira que lidam com o passado e, assim, acabam por projetar o futuro. Diferentes grupos lutam para manter / construir uma memória que faça sentido diante do presente que se apresenta,

---

denúncias de corrupção, um impeachment e uma enxurrada de ataques a ciência, configurando o pensamento anti-intelectual no país. A pesquisa se atém a esse recorte do fenômeno no país. Considerando os possíveis impactos da disseminação desse pensamento que esta pesquisa surge. Emerge do anseio pessoal de desvelar o pensamento anti-intelectual como tóxico a uma sociedade que vivencia uma democracia frágil e pueril, correndo um sério risco nas mãos de líderes autoritários e negacionistas. Demonizando a figura do intelectual, utilizando da moral religiosa, de um pseudopatriotismo, do populismo, da apologia à ignorância, fatos que também conduzem a discussão sobre o papel da ciência e do intelectual em uma sociedade que vivencia um abismo social entre a academia e a população, sendo o academicismo ainda presente em muitas instituições, fato também utilizado pela extrema direita, na desacreditação do intelectual e da ciência.” (REIS, K.F.M., SENRA, R.E.F., 2020, p. 752).

pois essa memória será o apoio que eles precisam para suas ações, justificando aquilo que se quer e aquilo que se necessita. Diante do quadro que temos observado, essas justificativas trazidas pela memória mostram a importância de se estabelecer uma aula que faça sentido, onde o professor apresente opções de memórias, não descartando e nem desconsiderando aquela que é trazida pelo aluno, mas apresentando diferentes caminhos por onde essa memória pode nos levar.

(...) O passado ganha uma efervescência que responde a desafios não dele em si, mas do tempo presente, pontuado por disputas colocadas ao sujeito pelo meio social. Daí que nessa abordagem da memória seu caráter político-afetivo não pode ser descartado, mas sim apreciado como possibilidade de expressão de subjetividades e sensibilidades que têm importância nas ações dos sujeitos e, claro, na história passível de ser construída a partir da vivência dos mesmos. (SANTOS, 2007, p. 86).

Em sala de aula, precisamos levar em consideração o que Halbwachs chama de memória individual, que se refere à memória das percepções, e a memória coletiva, que ganha destaque em sua obra. Ambas se cruzam nas memórias semelhantes que possuímos e compartilhamos sobre determinado evento, mas que ganham características diferentes quando são reelaboradas pelo indivíduo, e que precisam ser analisadas sob o olhar do testemunho. Segundo ele, ainda não estamos habituados a falar da memória de um grupo, pois costumamos relacionar memória com um corpo, um cérebro. Memórias poderiam se organizar através de um indivíduo e / ou de uma sociedade:

(...) Há, portanto, memórias individuais e, como vimos, memórias coletivas. Em outras palavras, o indivíduo participa dos dois tipos de memórias. Mas, frequentemente, o indivíduo participa de uma ou de outra, ele adota duas atitudes muito diferentes e até contrárias. Por um lado, as recordações tomariam lugar em contextos dentro de sua personalidade individual ou de sua vida pessoal: elas, que são comuns a outros, só serão vistas pelo indivíduo no aspecto que lhe interessa, distinguindo-se assim dos outros. Por outro lado, o indivíduo seria capaz de se comportar simplesmente como membro do grupo que contribui para evocar e manter recordações, para as melhor precisar e mesmo para preencher algumas de suas lacunas, se apoiar na memória coletiva, se recolocar nela, se fundir momentaneamente com ela e não é por isso que a memória individual deixará de seguir seu próprio caminho e todo esse aporte exterior é assimilado e incorporado progressivamente a partir de suas próprias leis e algumas recordações. (HALBWACHS. 1997, p. 98)

Essa perspectiva nos ajuda a pensar em como nossos alunos e o universo que os cercam constroem suas próprias memórias, levando-nos ao trabalho que Pollak (1989) desenvolveu, partindo de um ponto de discordância com Halbwachs, que diz que o social se definiria em oposição ao individual. Para Pollak, a constituição de memória envolveria não só a participação ativa do indivíduo nos acontecimentos, mas também o acesso a memórias do grupo do qual ele faz parte, ajudando assim na edificação de recordações que esse grupo cria, mostrando que a constituição de memórias não envolve somente as experiências vividas diretamente pelo sujeito, mas também as experiências que são

transmitidas pelo grupo, através da socialização. Sendo a escola um dos primeiros espaços de socialização fora do meio familiar, através dela pode-se ver a formação de uma identidade comum entre os indivíduos que fazem parte dela, fazendo com que múltiplas memórias sejam apresentadas, e nos ajudem a perceber como elas dialogam com o presente. Como explica Rios,

Memória e identidade têm sempre um caráter relacional, o que pode resultar em conflitos. Ao invés de serem tomadas como essências, Pollak as define como construções sociais – a memória é uma reconstrução do passado realizada a partir dos interesses e preocupações dos grupos e indivíduos no presente. Isso lhe confere um caráter circunstancial e mutável, pois ela se encontra sempre num processo de reinterpretação e mudança. A memória pode variar, mas deve haver sempre algum nível de concordância das novas representações com aquelas já existentes. Uma vez constituídas, as lembranças tendem a realizar um trabalho de conservação em prol da manutenção das representações do grupo. Caso essa continuidade entre o novo e o velho seja rompida bruscamente, uma crise de identidade pode vir a se instalar (RIOS. 2013, P. 09).

Nesse debate sobre memória, Beatriz Sarlo assume o papel de apontar o valor que é preciso ser dado para o rigor metodológico na hora de lidar com memória e os testemunhos. Ela procura apontar os limites da subjetividade como fonte de conhecimento, para que a História como ciência seja respeitada. As ciências sociais criaram uma abertura para que essa subjetividade possa ser melhor compreendida, vendo agora o indivíduo como alguém dotado de uma certa liberdade, que contribui para a construção da vida social, tirando dele uma suposta passividade, graças a qual ele receberia influência do meio externo, sem muito poder de ação. Nesse interim, o testemunho, dotado como algo individual e subjetivo, ganha uma grande relevância, pois mostraria ao historiador aspectos de determinados acontecimentos que outros documentos não revelam. Ao se mostrar carregado de memórias e experiências (principalmente as traumáticas), o testemunho se apresenta como algo a ser considerado pelo historiador, pois ele nasce exatamente daquilo que foi vivido / vivenciado pelo indivíduo. Sarlo entende a importância do testemunho, ao dizer que:

(...) “Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ao de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no comum. A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepitível), mas a de sua lembrança. A narração também funda um tempo-realidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar”. (SARLO, 2007, p. 24-25).

Ao fazer uso do fim da ditadura militar na Argentina para construir sua crítica, Sarlo fala da importância que o testemunho tem para o resgate da memória<sup>37</sup>, assim como

---

<sup>37</sup> Importante frisar que não é apenas um resgate, mas uma construção, uma outra narrativa da memória sobre o passado, portanto, amplia ou muda o passado frente ao que se sabia ou se pensava saber.

a condenação do terrorismo de Estado. Porém, ela mesma questiona e provoca sobre a possível controvérsia sobre o passado e o fato de se transformar o testemunho em protagonista, apresentando assim as dificuldades que o historiador teria diante dessa situação. Ao acumular uma série de testemunhos, que tipo de reflexão / análise se torna possível fazer? Podemos confiar irremediavelmente na memória e “esquecer” a crítica historiográfica e o método? Sarlo pensa que, a narração, na atualidade, seria a libertadora da experiência através da comunicação, trazendo à tona aquilo que o indivíduo guardou na memória. Para ela, a dimensão questionável do testemunho é anulada na atualidade em favor de uma veemente subjetivação, onde se veria, com certa ingenuidade, a superioridade do testemunho frente a outros documentos que serviriam como fonte para o historiador. Seria preciso contrapor a operação histórica capaz de abolir a ilusão da narração e a pressuposição da totalidade. É preciso entender que nem sempre (...) “o retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente” (SARLO, 2007, p.9).

No campo da história, passou-se a olhar com mais interesse comunidades, pequenos grupos, minorias, considerando que as vontades individuais e as emoções, ou seja, aquilo que é subjetivo passou a ser também fonte de conhecimento.

Toda reflexão que se faz do passado só é possível por que o presente é o seu lugar de produção. O que isso significa? Que ao se ter uma lembrança, o fazemos a partir de uma demanda que é atual, de agora, o que demonstraria o seu caráter não inteiramente confiável. Sarlo crítica exatamente o exagero da valorização do testemunho, onde o indivíduo, por ter presenciado diretamente os acontecimentos do passado, teria um suposto aval da verdade. Por isso ela afirma que, se por um lado, não há testemunho sem experiência, não há experiência sem narração, ou seja, a narração inscreveria a experiência numa temporalidade que não é a sua de origem, mas sim a da lembrança. A narração inauguraria uma temporalidade que a cada nova repetição, se transforma, se atualizando e se tornando algo novo. Em resumo, o objetivo de Sarlo é questionar o uso do testemunho como um ícone da verdade, ou no recurso mais importante para se reconstruir o passado. (...) “*A confiança no imediatismo da voz e do corpo favorece o testemunho. O que proponho e examinar as razões dessa confiança*”. (SARLO, 2007, p.19).

Importante contextualizar aqui que o trabalho de Sarlo foca em fazer sua reflexão no que fiz respeito a Ditadura militar na Argentina, onde os relatos de suas vítimas ganharam força para denunciar o terrorismo de Estado que ocorrera nesse período, dando ao relato um importante peso. Ela diz também que: (...) “*para além de configurar-se na*

*base probatória dos julgamentos e condenações ao terrorismo de Estado na Argentina, o testemunho se transformou num relato de grande força e penetração que não se restringiu ao âmbito do judiciário, mas que se disseminou para outras instâncias da sociedade, operando “cultural e ideologicamente”* (SARLO, 2005, p. 24). Ao não se “desconfiar” dos testemunhos, algo que Sarlo considera compreensível, até certo ponto<sup>38</sup>, não se faz uma crítica acertada dessa fonte, pois ao dizer que a pessoa estava lá e vivenciou os fatos, nada mais precisasse ser provado.

A memória aqui passa a ser valorizada pelo relato do indivíduo que teria vivenciado a história e, por isso, teria mais “gabarito” para falar dela, já que a “verdadeira história” teria sido observada diretamente por ele, o que daria uma maior veracidade na hora de reconstituir o passado. Halbwachs também concebe memória – até certo ponto – como o resultado de experiências diretas, valorizando as lembranças e interpretando-as como fruto da experiência dos indivíduos nos grupos aos quais pertence. Porém, para ele, as lembranças fariam parte do coletivo, não tendo em seu bojo qualquer tipo de dimensão subjetiva.

A preocupação de Sarlo se encontra nos exageros que essa guinada subjetiva traria, ao colocar a memória e o testemunho como supostamente infalíveis, supondo que fossem capazes de guardar em si uma verdade inquestionável. Ela acredita que os relatos e lembranças pessoais possam, sim, contribuir para a construção do conhecimento histórico, porém, é preciso que estejamos atentos para os contextos em que tais fontes serão utilizadas, assim como a metodologia aplicada para tal fim. Longe de depreciar o testemunho, Sarlo o percebe como uma importante fonte alternativa, que se contrapõe às visões oficiais de grupos que se encontram no poder, e tentam a todo custo apagar e / ou distorcer fatos históricos. Ela chama atenção para o cuidado que devemos ter na hora de usar esses relatos e memórias, analisando tais fontes com a mesma atenção e rigor que damos a outras fontes, não ignorando a subjetividade oriunda delas, mas entendendo que elas podem ser alvo de críticas mais duras por parte daqueles que querem desacreditar tais relatos, exigindo de nós uma preparação metodológica mais assertiva e pontual. Para ela, memórias e relatos são importantes, mas não são o único meio de se levar ao passado.

Ao pensar nos relatos trazidos pelos alunos, onde eles pouco contestam o que escutam de seus parentes e / ou vizinhos, passo a compreender melhor a prática que Sarlo

---

<sup>38</sup> Sarlo salienta que não se desconfiava dos relatos por vários motivos, entre eles os jurídicos, já que os crimes teriam sido cometidos pelo Estado, e a palavra da vítima teria um peso maior, dado a ausência de provas; os motivos políticos, já que exemplificariam como foi viver sem um regime democrático; e os motivos morais, que talvez tivessem mais peso dado as circunstâncias, já que desconfiar do testemunho dessas pessoas a inibiria de falar o que havia vivenciado.

propõe ao falar sobre o “exercício da desconfiança”, quando tratarmos de relatos que vem da “rememoração da memória”. É necessário que o historiador / professor aplique ao testemunho o chamado “princípio da dúvida metodológica”, pois assim o testemunho “sacralizado” passaria a ser analisado com o rigor necessário, não deixando de lado todo o caráter sensível que ele carrega, mas fazendo com que sua credibilidade não seja colocada em dúvida tão facilmente.

Estamos vivenciando um período onde a memória tem se tornado conflituosa, exatamente porque grupos conservadores estão deslegitimando documentos históricos, negando fatos do nosso passado recente, como golpe militar de 64. Como não soubermos lidar com esse trauma, esse passado não digerido tem se voltado contra nós, onde se nega o relato e as fontes, fazendo com que o professor se veja em busca de novos caminhos para pensar como trabalhar a memória e a história. Além disso, o testemunho daqueles que viveram experiências históricas recentes tem sido usado como referência para contrapor a historiografia que analisa essas mesmas experiências sob perspectiva crítica, alimentando negacionismos.<sup>39</sup>

O ensino de história talvez seja um dos campos cuja trajetória tenha se mantido mais fiel ou estável ao longo do tempo. Não que isso seja algo positivo no primeiro instante. Dando ênfase a uma história branca, europeia, heteronormativa e cristã, as mudanças chegam de forma lenta. Mas observa-se certo esforço por parte daqueles que buscam apresentar uma aula mais diversa e múltipla. Sendo atribuído à disciplina História o papel de “formar cidadãos”, o caso brasileiro exige de nós uma atenção maior, exatamente por conta do momento que vivenciamos agora. Por estarmos presenciando uma perseguição maciça aos professores, com a criação do inimigo “professor doutrinador”, em uma conjuntura de produção de ódio e medo, sobretudo da educação pública, o professor de história acaba por se tornar o alvo favorito de fundamentalistas.

#### **2.4 A consciência do outro: o peso do depoimento do avô!**

Uma pergunta que fiz ao longo dessa pesquisa foi “*qual a noção de história trazida pelo aluno?*”. Imaginar que eles trazem apenas ideias do senso comum, e que basta confrontá-los com tais ideias e nosso trabalho será realizado, acaba sendo simplista

---

<sup>39</sup> Os negacionismos estão presentes na atualidade e constituem um desafio para historiadores e professores. É importante que o professor os conheça e saiba como desconstruí-los com base em conhecimento histórico crítico e na compreensão do modo como a memória e os testemunhos são construídos e o passado é utilizado no tempo presente, em meio a disputas pela memória. Remeter ao dossiê da Revista Brasileira de História sobre negacionismos.

demais. O que percebi é que, quando o assunto é história recente (às vezes, nem tão recente assim), é que eles sempre têm uma narrativa de um terceiro, que acaba entrando em sala de aula, colocando a narrativa do professor de história em segundo plano, obrigando o professor a repensar suas abordagens. Ao trazerem uma narrativa diferente daquela que o professor apresenta em sala de aula, os alunos acabam por criar uma situação diante da qual, em muitos casos, nós professores ainda mostramos um certo despreparo, exatamente por não saber lidar com um discurso que traz consigo aquilo que foi vivido ou sentido por alguém que presenciou o acontecimento, e que por isso, teria mais legitimidade do que aquilo que nós professores apresentamos para os nossos alunos. Talvez esse seja um dos maiores problemas enfrentados por aqueles que estudam e trabalham com a História do tempo presente: ser confrontado com testemunhos vivos, que acabam por exercer uma pressão enorme sobre suas pesquisas / aulas. No caso do professor de História, a necessidade de estarmos preparados para confrontar esse discurso, encontra-se hoje na ordem do dia. A disciplina História tem sido colocada contra a parede e o professor de História (porque não dizer todos os professores?) é levado ao limite, ao ter a sua aula “invadida” pelos mais diversos absurdos (“*Nazismo é de esquerda*”; “*Hitler era comunista*”; “*História não serve para nada*”).

Nesse caso, quando o aluno traz um discurso que se apresenta como “a verdade” (na maioria dos casos, como a única verdade aceita por ele), o professor será obrigado a fazer escolhas diferentes, deixando talvez o conteúdo presente no livro didático de lado, e apresentando outras fontes e discursos para o seu aluno, para que ele possa ter opções, sempre sendo estimulado a comparar com o depoimento inicial trazido por ele.

(...) “para esse conhecimento da História mais recente a experiência dos familiares dos alunos não devesse ser confrontada com o conhecimento histórico produzidos na academia, já que os relatos e opiniões podem ser muito distintos. É sabido que o aluno não pode ser considerado com um quadro em branco, ele traz para a sala de aula suas experiências e o conhecimento histórico hoje chega por várias fontes”. (LOURENÇO; RAMOS. 2014, p. 19)

O que a princípio pode parecer uma dificuldade (o que de fato é), esse confronto criado por uma narrativa que, a princípio, vemos como questionável, pode se tornar um aliado quando estamos trabalhando com a História do tempo presente. Professores no momento atual, estão aprendendo a lidar com a descrença e desconfiança que nossa disciplina ganhou nos últimos anos no Brasil. Esse aprendizado tem nos levado a aumentar nosso repertório, pois o aluno e a família querem ser convencidos de que aquilo que o professor ensina é mesmo verdade. Não vamos nos ater a essa questão, mas cabe refletir sobre as novas dificuldades que os professores de História da Educação Básica

têm enfrentado, o que o acaba “forçando” a estar mais planejado e organizado diante das questões que se apresentam a todo momento, e mostram que não vão acabar tão cedo.

Através da minha pouca experiência como estagiária e professora da Educação Básica<sup>40</sup>, posso dizer que pude ver de perto o esforço de alguns profissionais para apresentar uma Educação Histórica que visava trazer um cenário sobre o tempo presente, principalmente para o Ensino Médio. Como aluna, pude presenciar o esforço do meu professor de História, que sempre precisou se desdobrar para nos fazer perceber que a História não era algo onde deveríamos olhar somente para o passado, mas sim para o presente, vislumbrando o nosso futuro. Constantemente éramos levados a fazer um exercício sobre “*o impacto dos acontecimentos históricos nos dias de hoje*”, palavras que ouvíamos exaustivamente. Seu esforço na época, fazia com que chegássemos no máximo a Segunda Guerra Mundial, e se fosse do nosso interesse aprender além disso, só tínhamos acesso ao nosso livro didático e alguns poucos filmes emprestados por nosso professor.

Deixo aqui registrado o empenho por parte desse professor, em nos oferecer saídas para que os conteúdos não vislumbrados e ligados ao presente, chegassem a nós de alguma forma, seja através de revistas, que ele fazia circular pelas nossas mãos; filmes em VHS que, se ele não conseguisse exibir em sala de aula, ele nos emprestava; além de trabalhos sobre personalidades que nunca tínhamos ouvido falar, como Stálin, Hitler, Mussolini, Churchill, Roosevelt, Kennedy, Fidel Castro, Che Guevara... Alguns seminários também entravam na ordem do dia, onde falávamos sobre Guerra do Vietnã, Ditaduras latino americanas, Golpe de 64... Mas mesmo com essas iniciativas louváveis, o tempo que tivemos para debates e para assimilar tais assuntos foi pífio. Hoje, como professora, me vejo em uma situação muito semelhante a essa do meu professor. Mais de vinte de anos depois, ainda sou confrontada com os mesmos problemas que ele teve quando lecionava: me desdobrando para chegar ao presente.

Quando me tornei professora do Ensino Médio, assumindo turmas do 3º ano, a pressão para uma aprovação desses alunos no vestibular sempre foi muito grande. Fazer com que direção e coordenação pedagógicas entendessem a relevância de se refletir sobre o presente e sobre a importância de abordar temas sensíveis foi um desafio que tive que enfrentar; desafio esse que se tornou maior quando, ao dividir a disciplina com outra professora<sup>41</sup>, me vi debatendo sobre a real importância do presente nas aulas de história. Pelassi Filho diz que: “*Dois grandes obstáculos se apresentam à Educação Histórica sob*

---

<sup>40</sup> São quase 12 anos de formada e 11 anos de profissão. Considero que ainda estou início de uma jornada que deve durar muito tempo ainda.

<sup>41</sup> Nessa ocasião, a escola optou por separar a disciplina em História do Brasil e História Geral. A professora e eu revezávamos. Na situação mencionada, eu lecionava História Geral.



*a perspectiva do tempo presente no Ensino Médio brasileiro: a relutância por parte de alguns professores de História do Ensino Médio em apenas abordar o passado em suas aulas e a pouca ou quase nenhuma pesquisa realizada por esses professores acerca do tempo presente”*. (PESSALI, 2015, p. 83).

O professor de História da Educação Básica tem em seu horizonte de expectativas uma série de desafios, sendo que a História do tempo presente se apresenta no olho do furacão. Como aluna, lembro-me que, ao estudar sobre Ditadura militar brasileira, o que mais me gerou curiosidade, foi saber que inúmeras personalidades brasileiras sofreram, em certa medida, com o regime. Foi durante essas aulas que ouvi pela primeira vez nomes como Vladimir Herzog, Frei Tito, Stuart Edgar Angel Jones... Nomes esses que sempre fiz questão de mencionar em minhas aulas. Por se tratar de um período tão próximo a nós, é mais fácil e comum receber alunos que tenham um discurso sobre “os bons tempos da Ditadura”, e que duvidam que esse tenha sido mesmo um período tão ruim. Esse momento pode ser um divisor de águas nas aulas onde a HTP se faça presente, onde o professor pode confrontar o discurso trazido por seu aluno com uma série de novos discursos, fazendo com que esse aluno possa ter um leque de opções para pensar e repensar o tema. A memória trazida por ele se torna um elemento constitutivo da História que ele passa a conhecer pela voz de um ente próximo, porém, não se torna apenas a única. Ao ter em mãos discursos diversos, esse aluno tem a chance de compreender a importância de se ter / procurar inúmeras fontes, compará-las, saber sua origem, entender a realidade que a constrói, descobrir que não existe “uma História”, e sim “várias Histórias”, e que é preciso ter a mente aberta quando o assunto remete a realidades que são diferentes daquelas que ele conhece.

Como professora de adolescentes, percebo, assim como outros colegas também o fazem, como nossos alunos parecem “vazios de passado”<sup>42</sup>, quando o assunto é História do tempo presente. Por ser uma História que se desenvolve a partir de um grande trauma da sociedade, podemos acreditar que, em algum momento, esses jovens seriam tocados por tais temas, levando-os a uma curiosidade que faria com que eles procurassem mais informações para entendê-lo melhor. Talvez seja só uma certa ingenuidade por parte de uma professora esperançosa. Hobsbawn, ao falar sobre os jovens do final do século XX, relata o que para ele, seria um dos fenômenos mais estranhos que se poderia observar:

---

<sup>42</sup> Quando digo “vazios de passado”, me refiro ao vínculo quase nulo que alunos do Ensino Médio mostram ter com a história recente, seja de seu país ou do mundo. Em certa ocasião, ao perguntar quem era Gabeira e o que havia acontecido com ele durante a ditadura, alunos se lembraram de sua ligação com a liberação da maconha, e até mesmo sobre o uso da cueca de crochê; porém, poucos sabiam de sua participação no sequestro do embaixador norte americano Charles Elbrick.

“os jovens, homens e mulheres deste fim do século crescem numa espécie de presente sem nenhuma relação orgânica com o passado do tempo no qual vivem, isto é, esses jovens vivem um “presente permanente”, não criando uma ligação com o passado, cabendo à escola o papel de estimular e tentar criar essa ligação. Não tenho a ilusão de que essa seja uma tarefa fácil de ser executada, pois a relação professor / aluno é uma das mais complexas, e quando a HTP é somada à equação, a questão se torna ainda mais complicada: *“O abismo invisível entre professores e alunos é uma das barreiras mais difíceis de superar quando nos ocupamos da história recente. A defasagem das gerações e as formas diferentes pelas quais os acontecimentos nos envolvem tornam necessária um trabalho que às vezes costuma ser penoso”*. (HOBSBAWN, 2010, p. 45)

Para alunos do Ensino Médio se pensa uma história que precisa atender às necessidades que são próprias desse segmento (aprovação no ENEM, apoio na construção de argumentos para a redação, reflexão sobre o passado para uma melhor compreensão de presente etc.), porém, é preciso que o professor entenda que faz parte sua alçada (e não só do professor de Sociologia), trazer à tona questões da atualidade: (...) *“deve o professor de História do Ensino Médio discorrer acerca de problemas contemporâneos, ministrando o estudo histórico das ações e das relações humanas sob a perspectiva do tempo presente”* (PASSALI, 2015, p.88). Porém, nós professores de História do Ensino Médio não conseguimos problematizar o presente em nossas aulas, seja pelo tempo escasso, ou pela não compreensão da importância dessa “missão” por nossa parte.

(...) “a compreensão da História como ciência em construção e a identificação das principais questões que, no presente, os afligem permitem aos alunos perceber quais relações fazem parte de seu cotidiano, posicionando-os criticamente diante desses fatos. Ademais, a problematização sobre o tempo presente em sala de aula possibilita que os alunos repensem a deturpação e a desinformação da realidade patrocinada pelos meios de comunicação”. (PASSALI, 2015. P. 88-89)

O que o professor de História tem enfrentando é uma descrença geral em relação ao seu trabalho. O intuito da revista aqui apresentada como produto final para essa dissertação foi apresentar aos alunos como devemos tratar os assuntos pelos quais vamos debater / descobrir. Além de fornecer um arcabouço para que o aluno possa confrontar com os discursos que recebe de outros.

### **CAPÍTULO 03: “REVISTA HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE: PARA O ALUNO DO ENSINO MÉDIO” – JUSTIFICANDO A ESCOLHA DO PRODUTO FINAL**

Esse capítulo se propõe a dissertar sobre a construção do produto final; quais foram os desafios e entraves para a elaboração da revista, e de que maneira professores podem fazer uso dela para a construção de uma aula com mais sentido, se aproximando dos interesses dos alunos, assim como o mundo que os cerca.

A proposta de se fazer uma revista pedagógica como produto final para a dissertação, nasceu como uma forma de se aproveitar uma especialização em Editoração que eu havia feito em 2016<sup>43</sup>. Muito envolvida com o mercado do livro, principalmente do que diz respeito a auto publicação de romances para a Amazon<sup>44</sup>, a revista se apresentava como um meio termo em ambas as minhas formações, que sempre caminharam de forma paralela, me ajudando a pensar de que maneira essa segunda formação poderia cooperar para a minha prática em sala de aula.

Por ser a leitura uma parte importante de minha vida, tanto pessoal quanto profissional, sempre fui uma grande incentivadora da prática para com os meus alunos. Sempre me interessei em saber quais temas estavam na ordem do dia, para poder indicar (ou orientar) as melhores leituras possíveis para esses jovens. Com a clara intenção de não só fazê-los ler mais, também incentivava a escrita como parte desse trabalho, compreendendo assim como tais alunos se encontravam quando o assunto era leitura, escrita e interpretação. Os livros, nesse caso, se apresentavam como fontes, documentos a serem criticados, e que exigiam de mim como professora enxergar o tipo de diálogo que se estabelecia entre meus alunos e aquilo que eles liam. Por isso, minha escolha inicial para o produto foi pensar na construção de um livro, onde eles passariam de leitores para escritores. No entanto, por estar interessada nas novas mídias e linguagens utilizadas pelos jovens, optei pela construção de uma revista, que servisse como um instrumento pedagógico para o professor, e que pudesse ser pensada pelos alunos como um canal de comunicação entre eles e o mundo ao qual eles vivem, refletindo a partir de temas aos quais eles podem ser confrontados em um futuro próximo na hora de fazerem ENEM,

---

<sup>43</sup> A especialização a qual me refiro é uma pós-graduação lato sensu em Editoração, realizada na Universidade particular Cândido Mendes, entre os anos de 2014 e 2016.

<sup>44</sup> A chegada da Amazon ao cenário editorial brasileiro inaugurou um novo jeito de pessoas se auto publicarem e conseguirem construir uma carreira de escritor no Brasil. Com royalties de até 70%, a empresa criou uma maneira mais acessível e lucrativa para que textos dos mais variados tipos passassem a ser lidos por um valor acessível, seja através do aplicativo de leitura da empresa; ou do aparelho kindle, usado exclusivamente para leitura, e que pode ser comprado pelo valor mínimo de R\$ 349,00.

mas não somente nele, mas em outras esferas de suas vidas, dando a eles ferramentas para compreender um pouco mais sobre seu próprio universo e sobre a nossa caótica sociedade.

### **3.1 Uma revista interativa: um diálogo com as novas mídias e as demandas da juventude**

Durante o tempo em que estive assistindo as aulas do mestrado, tive a oportunidade de encontrar ex-alunos na mesma universidade, agora como estudantes de graduação, tentando se encaixar nesse mundo de estudos, leituras, debates e cervejas quentes. Esse contato, mesmo que breve, me fez refletir sobre as questões que os adolescentes e jovens acabam passando antes de entrarem finalmente no curso universitário. Já no Ensino Fundamental, crianças e pré-adolescentes são incentivados entre si a ter pelo menos um perfil em uma rede social. A comunicação passou a ser basicamente através dessas redes, o que levou os assuntos a serem diluídos em pequenas frases, áudios curtos e vídeos editados. Essa nova forma de se comunicar e se expressar pegou professores desprevenidos, pois muitos de nós ainda não conseguem enxergar todo o potencial que se pode retirar de tal contexto. Para nossos alunos, a Internet não é somente um território conhecido, mas também um segundo lar.

No nosso caso, mesmo dominando alguns espaços com certa destreza, a Internet ainda é uma terra desconhecida, onde cada passo é dado com certa cautela, pois nunca será nossa casa, apesar de vivermos nela já a algum tempo. (...) o ciberespaço ainda é um país estrangeiro para parte significativa dos historiadores que, em lugar de nativos, são antes imigrantes digitais e, por mais que se esforcem para dominar a linguagem, sempre falarão com certo sotaque. (MAYNARD. 2016. P. 79).

O interesse em trazer a revista para a realidade dos alunos, pode mostrar o potencial de uma mídia “antiga” com as novas mídias, construindo e fazendo parte de um guia para nossos alunos, trazendo à tona parte do que a Internet tem de melhor: informação<sup>45</sup>. Para nós professores, saber usar e aprender sobre as redes sociais do momento, tendem a mostrar como nossos alunos adolescentes estão aprendendo sobre a sociedade como um todo, mas também acabam por influenciá-los a condensar informações, sempre os deixando no raso, no que diz respeito aos temas que chamam a

---

<sup>45</sup> Sabemos que somente ter acesso à informação não faz de nossos alunos cidadãos conscientes e críticos, no entanto, com uma proposta pedagógica acertada e consciente, acredito que se possa realizar essa tarefa com mais qualidade. A leitura que fiz do livro de Martha Nussbaum, “Sem fins lucrativos”, me fez questionar sobre os caminhos que a educação básica precisa rever para conseguir melhor contribuir para a vida de nossos alunos.

atenção deles. Maynard apresenta a dimensão da banalidade e do olhar para o presente contínuo, ao analisar as palavras de Marc Zuckerberg, um dos fundadores do Facebook, que diz “*um esquilo morrendo na porta da tua casa pode ser mais importante para os seus interesses agora do que pessoas morrendo na África*”. (apud PARIER, 2011, p. 01). Esse olhar para o agora faz com que esses jovens percam a dimensão dos acontecimentos da atualidade, não entendendo que a compreensão dos fatos necessita de mais informações do passado, seja ele recente e / ou não.

A internet tem proporcionado aos alunos e professores uma consulta rápida sobre todos os assuntos, trazendo uma facilidade que a minha geração só alcançou na faculdade, quando pensamos principalmente nas classes mais baixas. Meus colegas e eu ainda visitamos bibliotecas públicas para fazer nossas pesquisas escolares, isso quando a biblioteca da escola não conseguia cumprir com a demanda exigida pelo professor. Hoje, o aluno consegue investigar / pesquisar quase que no mesmo instante, se estiver (e na maioria das vezes, está) munido de um celular.

(...) “É, muitas vezes inimaginável compreender o fato de que não existia o Google, o celular ou o WhatsApp no tempo de infância das mães ou avós, mas especialmente operar com a plausibilidade envolvida na ideia de que outros modos comunicativos eram possíveis em virtude da existência de outras sociabilidades e de que a vida se organizava com base nesse sentido de urgência” (MIRANDA, 2013, p. 40).

Miranda (2013) e Canclini (2008) concordam ao dizer que os jovens / adolescentes de hoje estão diante de um cenário de saturação do instante presente, isso em termos de intensidade e de fugacidade: (...) “*o jovem, hoje, faz uma atividade escolar ao mesmo tempo em que envia mensagens pelo smartphone, navega na internet, ouve música e conversa com dez pessoas simultaneamente nas redes sociais*”. (CANCLINI, 2008, citado por MIRANDA, 2013, p. 60).

No final de 2015, os estudantes secundaristas ocuparam várias escolas públicas no território brasileiro, e em sua grande maioria, possuíam uma série de reivindicações muito ajuizadas, onde o acesso a uma Educação de qualidade estava no epicentro de toda a situação. Naquele momento, vídeos e postagens em várias redes sociais se espalhavam com rapidez, e eram feitos quase que integralmente pelos próprios alunos, que implementaram uma narrativa própria, fazendo com que suas vozes fossem ouvidas. Mas o que tal situação tem a ver com a construção de uma revista pedagógica de História? De que maneira o uso das mídias sociais poderia contribuir para uma narrativa mais consistente e que representasse de fato os jovens que participavam das ocupações?

Os vídeos e postagens feitos durante as ocupações mostravam jovens comprometidos com aqueles espaços e com a escola. Alguns professores se mostraram

surpresos com tamanho comprometimento e esforço, relatando ver um comportamento que jamais tinham visto antes, com alunos ora conhecidos por uma falta de interesse abissal, agora eram vistos organizando mutirões para limpeza e manutenção da escola, assim como se mostravam os mais interessados nas atividades organizadas para eles e por eles: debates, rodas de discussão, clubes de leitura, etc. O que se percebe é que, pela primeira vez, esses alunos estavam participando ativamente das atividades da escola, pois sentiam que era a primeira vez que eram ouvidos, não só dentro da escola, como fora dela. Ao longo de todo o processo que se levou a pensar em um novo ensino médio, *“uma ideia central esteve presente em todas as etapas, a de que a mudança fundamental a ser estabelecida era a de garantir ao estudante de ensino médio maior protagonismo na definição de sua trajetória, com foco em seu projeto de vida durante o ensino médio e para além da educação básica”*, (DESCHAMPS, Eduardo. 2018). As ocupações trouxeram um maior entendimento daquilo que nossos alunos entendiam sobre o papel da escola, e daquilo que eles precisavam que a escola se tornasse. Nesse contexto, repensar as aulas de história e a sua relevância para a construção / conscientização dos alunos, demonstra a urgência de se pensar em uma escola diferente e melhor para esses jovens.

O que pude perceber ao longo do meu tempo como professora, é que os alunos se engajam com mais facilidade e participação quando sente que ele é parte integrante e responsável pela própria aprendizagem. Exatamente por isso, a execução e montagem da revista os coloca numa posição de destaque, onde a pesquisa, debate, leitura e troca de ideias, pudesse acontecer antes e durante a elaboração da tarefa. O que se torna primordial para o ensino de história como um todo, é a historicidade da cultura histórica: como diferentes atores da sociedade lidam com o passado e com que finalidade produzem história. Aqui, cabe ao professor promover a problematização das narrativas presentes no cotidiano dos alunos como um todo, pois nunca se sabe o que a aula pode gerar nesse ínterim: (...) *“Práticas educadoras cotidianas, nem sempre tratadas com a devida intencionalidade pedagógica e conceptualização quanto ao seu sentido formador, uma vez que esse segue sendo um aspecto predominantemente invisibilizado e pouco valorizado na formação dos professores em geral.”* (MIRANDA, 2013, p. 37).

A finalização da revista não consegue mensurar como foi todo o trajeto para se chegar até ela. Creio que o caminho foi mais enriquecedor, pois as discussões e conversas que tivemos acabaram por ser o mais interessante e, guardada as devidas proporções, foram tão importantes quando a conclusão do projeto. Pretendo explicar com mais detalhes a frente.

### 3.2 História do tempo presente e ENEM: uma justificativa para a construção da revista

Pensar em Ensino Médio é necessariamente pensar em ENEM? Essa pergunta eu me fiz depois de uma aula que tive no mestrado, depois de uma afirmação feita por uma colega. Sempre foi um questionamento meu se as aulas que eu ministrava seriam suficientes para levar a um pensamento mais crítico aos alunos. Levou certo tempo para que eu deixasse de pensar a aula de história como uma possibilidade de se fazer justiça, mas isso sempre acabava surgindo durante as aulas. Tanto que o ENEM passou a ocupar durante um tempo, um lugar secundário, visto que a minha maior preocupação era fazer a aula ter sentido para os alunos.

Longe de perder de vista a importância e o papel desempenhado pelo ENEM na vida desses jovens, é preciso também compreender que essa é uma avaliação que surge juntamente com o avanço de um pensamento utilitarista e mercantilista no sistema educacional mundial, que está sempre submetido crescentes pressões pela concorrência e pela rentabilidade. A escola “ideal” nesta lógica seria a “escola utilitarista”, estruturada com uma lógica de mercado<sup>46</sup>.

Sempre foi minha intenção que meus estudos se voltassem para os temas sensíveis da atualidade. Esses temas chegam até os nossos alunos a todo momento, em diversos canais que eles têm acesso, principalmente as redes sociais, e exatamente por isso que professores precisam estar atentos, para ajuda-los na construção de um olhar crítico. Professores de História acabam sendo aqueles que, juntamente com os outros professores de humanidades, que trazem esses temas para suas aulas, aproveitando a efervescência que o presente pode causar para os debates em sala de aula. O maior desafio para o professor, nesse caso, é:

(...) elaborar e viver uma educação pluricultural. Uma educação que prepare para o diálogo com os “outros”, aqueles que historicamente foram considerados minorias e ditos sem história, inferiores, sem cultura e tantos outros adjetivos que os desqualificariam. (PAIM; PEREIRA. 2018. P. 14)

Percebendo uma enorme urgência em trabalhar os temas sensíveis com nossos alunos, uma maneira encontrada para isso foi repensar, refazer e desconstruir as questões das provas de Ciências Humanas do ENEM<sup>47</sup>. Ao escolher questões onde a História do

---

<sup>46</sup> Sabe-se que o nível de educação tem efeitos econômicos, ideia concebida desde o século XIX, que via a educação como algo que possui uma função utilitária, relacionada ao bem-estar, à prosperidade e ao serviço dos interesses individuais. O aluno é visto como “capital humano”, e os estudos passam a ser vistos como algo que precisa ser orientado para a aquisição de conhecimento e de competência para a vida.

<sup>47</sup> Durante as aulas do mestrado, a colega e amiga Anna Luiza Portugal, me chamou a atenção para a importância de não se deixar de lado a resolução das questões do ENEM. Em muitos casos, principalmente envolvendo nossos alunos da escola pública, o ENEM é o único caminho de ascensão social. Trabalhar

tempo presente se fizesse presente, minha intenção era fazer com que os alunos buscassem informações sobre o tema da questão que ele havia resolvido anteriormente, desconstruindo-a para construí-la novamente, sob uma nova ótica.

Durante as pesquisas que fiz, descobrir que os temas sensíveis como possibilidade pesquisa e estudo no ensino de história, surgem com a apropriação por parte da História de conceitos nascidos na Psicanálise, principalmente no que diz respeito às experiências traumáticas das Grandes Guerras, o que explicaria o olhar eurocêntrico sobre tais temáticas. Surge assim uma oportunidade de se fazer um trabalho decolonial, onde os temas ganham um olhar da juventude brasileira da atualidade.

Segundo Giovanna Santana e Patrícia Magalhães Pinheiro, incluir temas sensíveis no currículo escolha se justifica, principalmente, por ser uma tentativa de criar meios para que nossos jovens alunos possam exercitar a alteridade e a empatia.

(...) Mediante a persistência das violências do racismo, do machismo e do fascismo, junto a suas implicações como o feminicídio, a homofobia, a transfobia e a constante dizimação de povos afrodescendentes, ameríndios, manifestações de ódio relacionadas tanto à classe quanto a posicionamentos políticos, torna-se urgente rever as formas de educação escolar no Brasil com o objetivo de ampliar práticas educacionais que despertem em um contexto amplamente individualista a consciência e o respeito diante do Outro” (...) (SANTANA; PINHEIRO, 2018. P. 24).

É preciso ter em mente que, quando tais temas surgem em nossa sociedade, e se discute sobre eles em nossas aulas, mais movimentos de âmbito conservador aparecem, tentando a todo custo afasta-los das escolas<sup>48</sup>. Nesse contexto, entende-se que, tratar temas sensíveis no âmbito educacional, é pensá-los com problemas políticos que devem ser incluídos no currículo<sup>49</sup>. Além de todas as propostas até aqui expostas, é importante fazer nossos alunos perceberem e refletirem sobre “o passado que não passa”; ou seja, o passado que se recusa a ir embora. Ao instrumentalizar os temas sensíveis e a HTP no ensino de história, se faz necessário uma abordagem que seja transnacional, que leve em consideração as experiências violentas e traumáticas vivenciadas por outras culturas, para

---

com os temas das questões pode ser algo de extrema relevância, como bem me lembrou Anna Luiza, mas a resolução da prova não pode ser colocada em segundo plano ou apenas como parte secundária da execução de um projeto pedagógico de história, mas sim como algo que tenha peso e importância para o aluno e para a aula.

<sup>48</sup> Em meio a polarização política ocorrida no Brasil em 2016, renasce em meio a miríades de acontecimentos, o Movimento Escola Sem Partido (PSP), que tinha surgiu originalmente em 2004, criado pelo procurador de justiça Miguel Nagig, que teria como intuito impedir a instrumentalização do ensino para fins político-ideológicos.

<sup>49</sup> Não é intenção dessa dissertação fazer uma análise sobre currículo no ensino de História, porém, é preciso lembrar que, segundo Manuel Luiz Salgado Guimarães (2009), ainda existe uma enorme defasagem entre o conhecimento produzido nas universidades e a história ensinada na Educação básica. Essa defasagem dificultaria a construção de uma ponte pedagógica entre os conhecimentos e assuntos da atualidade, deixando a cabo do professor incluir os chamados temas sensíveis em suas aulas.



assim criar condições para que nossos alunos possam fazer as comparações que acharem necessárias.

Mesmo não sendo uma atribuição direta do professor de história, os temas que são pedidos para a realização da redação no ENEM podem (e devem) contribuir para a aula de história. Exigindo dos jovens uma única estrutura de textos – a dissertativo-argumentativa –, a redação geralmente é composta por uma frase-tema, que tem um problema da sociedade brasileira, apoiado com textos de notícias, pesquisas acadêmicas, charges, quadrinhos, etc. Em mais de vinte anos de ENEM, o pedido de redação já abordou os mais variados temas e áreas de conhecimento: área tecnológica, meio ambiente, direitos humanos, igualdade racial, etc. Os candidatos precisam escrever o texto de acordo com os padrões estabelecidos pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), e são avaliadas de acordo com cinco competências exigidas<sup>50</sup>, com cada uma dessas exigências valendo duzentos pontos.

Ao dar o pontapé inicial para a elaboração da revista, fiz uma análise das provas de Ciências Humanas do ENEM de 2019 a 2009. Essa análise tinha como intenção fazer uma seleção de questões onde a História do tempo presente estivesse inserida, onde os temas propostos fossem desdobrados em pesquisas, debates, análises e tudo que pudesse contribuir para uma melhor assimilação sobre os conteúdos das questões e também para um melhor desempenho das questões. Os temas / questões selecionadas para a construção dessa revista serão escolhidas através de um sorteio, e trabalhadas previamente com os alunos<sup>51</sup>. Cada tema seria desdobrado através de uma pesquisa, e os alunos discutiriam entre si de que maneira aquele tema será tratado na revista.

Cabe aqui fazer uma análise sobre o ENEM e seus objetivos junto a nossa juventude, que tem tentado ingressar nas universidades públicas brasileiras, ainda sem compreender o que tal prova significa de fato, e porque uma camada desses jovens não consegue a tão sonhada vaga universitária. O sociólogo Christian Laval, militante contrário a globalização liberal da educação e as tentativas de mercantilização do ensino

---

<sup>50</sup> As competências exigidas para a realização da redação do ENEM são de suma importância para os professores das áreas de humanidades, pois ajudam no amadurecimento da criticidade dos alunos. As competências são cinco: demonstrar domínio da modalidade escritora formal da língua portuguesa; compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa; selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista; demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação; e elaborar proposta de intervenção para o problema abordado que respeite os direitos humanos.

<sup>51</sup> Ainda nesse capítulo, descrevo as sequências didáticas e a maneira que as questões e os temas foram trabalhados com os alunos. Como o ensino médio também é uma preparação para o ENEM, ao longo dos anos letivos as questões já seriam trabalhadas por eles. Nesse caso, a proposta tem como intenção selecionar as questões onde o tempo presente aparece e propor pesquisas e debates sobre os temas, gerando desdobramentos que levarão a elaboração do artigo para a revista.

pelo mundo capitalista, fez um estudo sobre a influência de instituições como FMI, Banco Mundial e a Organização Mundial do Comércio nos rumos que as políticas nacionais de educação tem tomado pelo mundo afora. No caso do Brasil, o Exame Nacional do Ensino Médio precisa ser visto sob essa ótica, pois diante do avanço do pensamento uniliterarista e mercantilista no sistema de educação, vemos crescer ainda mais as pressões pela concorrência, competitividade e pela rentabilidade. Gerar essas pressões sobre esses jovens, faz com que as escolhas pelas carreiras passem a ser baseadas pelo interesse do mercado. Para entender na prática o significado disso para nossos alunos, ele fala que estamos vivendo um momento hiperautoritário do neoliberalismo, que se apresenta não só como uma estratégia de transformação da sociedade, mas também um como sistema bem-sucedido de poder<sup>52</sup>. Ele recusa a formulação de “*momento neofascista*” por achar que o fascismo possui uma singularidade histórica, mas ele não nega que sentimentos fascistas se manifestam no Brasil pós-Bolsonaro, mas que não podemos perder de vista que o neoliberalismo conseguiu capturar e explorar todas as formas de reação e ressentimento que ele mesmo ajudou a construir. Segundo as políticas neoliberais, é preciso tornar a escola mais eficiente e competente, melhorando o seu desempenho, fazendo com que a sociedade alcance a igualdade – um objetivo progressista. O neoliberalismo defende que se o indivíduo levar suas aptidões o mais longe possível, poderemos alcançar a igualdade. Nesse contexto, o ENEM se apresenta como um instrumento para estimular a concorrência e a competição entre os alunos, levando-os a fazer testes, simulados e avaliações sistemáticas, também fazendo com que professores e escolas passem a competir entre si. Ou seja, para que escola e aluno obtenham um melhor desempenho, é preciso estimular sempre a competição, colocando os pais como responsáveis diretos na educação dos seus filhos, pois é deles o dinheiro que será investido na educação desses filhos. Os neoliberais chamam isso de “soberania do consumidor”. Nesse panorama apresentado, estudos feitos na Europa e nos Estados Unidos demonstram que isso conduz a uma segregação escolar generalizada e sistêmica, que causa uma queda do nível de educação no conjunto da população escolar. Fica evidenciado que o objetivo proposto não é alcançado, e acaba aumentando ainda mais as desigualdades existentes entre as crianças e as famílias.

No caso dessa pesquisa, os alunos que contribuíram para a realização do nosso produto se consideram de classe média. São filhos de trabalhadores que podem oferecer

---

<sup>52</sup> TV Boitempo. Christian Laval: Bolsonaro, Trump e o neoliberalismo hiperautoritário [dublado]. Youtube, 19 de novembro de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ma5zIS19gho>>

uma escola particular com valores de mensalidade medianos<sup>53</sup>, assim como curso de inglês, informática, música... Pais que podem pagar um curso pré-vestibular, se o ensino médio não for o suficiente para que eles consigam uma vaga na universidade pública, que é o principal objetivo da maioria deles.

### **3.3 Construindo juntos: como o processo de construção da revista pode ser benéfico para alunos e professores.**

Para a elaboração do modelo de revista que apresentamos nessa dissertação, foram selecionados temas onde a História do tempo presente pudesse ser identificada. Essa decisão foi durante a elaboração do projeto de pesquisa, pois ao fazer uma análise preliminar das provas de Ciências Humanas, quis optar por temas que fossem mais facilmente acessíveis no presente para esses alunos. Uma das propostas era que os temas se desdobrassem e ganhassem mais corpo nas mãos dos alunos, possibilitando um maior ganho intelectual por parte deles. Na tabela abaixo (tabela 01), apresentamos o número total de questões das provas de 2019 a 2009 e o número de questões onde a história do tempo presente aparece. Essa triagem inicial não visava apenas as questões de história, mas também as de Sociologia, Filosofia e Geografia.

O leitor mais atento dessa dissertação e da revista proposta para o produto final, perceberá que escolhemos um percurso mais simples, onde a elaboração da atividade gira em torno das aulas de História, porém, existe um potencial maior para uma atividade interdisciplinar, onde outras disciplinas podem ser envolvidas, com um ganho pedagógico bem significativo. Deixaremos essa possibilidade em aberto para quem optar por se aventurar nesse caminho.

Abaixo colocamos uma tabela com as provas que foram trabalhadas por nós para a realização desse projeto, assim como o número de questões totais da prova, e as questões onde a HTP estivesse presente<sup>54</sup>. Adianto que não deixamos de fora as questões que, a princípio, não seriam incumbência da disciplina história, pois por serem da área de humanidades, acabam sendo questões multidisciplinares, que poderiam (e podem) ser trabalhadas por professores de Geografia, Sociologia, Filosofia, etc.

---

<sup>53</sup> O valor da mensalidade na escola que trabalhei durante a elaboração da atividade aqui exposta, variava entre R\$ 499,00 e R\$ 1.299,00. Essa variação se dava, segundo a direção da escola, porque haviam alunos que recebiam bolsa com descontos de até 80%. A escola está localizada em Laranjeiras, e costuma atender o público de bairros ao redor.

<sup>54</sup> Ainda durante a construção do projeto de pesquisa e depois do exame de qualificação, decidi por manter essa dualidade com que trato a História do tempo presente, tratando-a não só como um evento, mas sim como um problema a ser resolvido. Por isso o incentivo maior para que os alunos pesquisem sobre os temas, apresentando assim uma questão procedimental.

## Relação das Provas de Ciências Humanas (ENEM) entre o período de 2019 a 2009

Tabela 01

<b>Ano</b>	<b>Nº total de questões</b>	<b>Nº de questões onde a História do tempo presente aparece</b>
<b>2019 (Caderno Azul)</b>	45	13
<b>2018 (Caderno azul)</b>	45	11
<b>2017 (Caderno azul)</b>	45	9
<b>2016 (Caderno azul)</b>	45	15
<b>2015 (Caderno azul)</b>	45	12
<b>2014 (Caderno azul)</b>	45	10
<b>2013 (Caderno azul)</b>	45	9
<b>2012 (Caderno azul)</b>	45	7
<b>2011 (Caderno azul)</b>	45	12
<b>2010 (Caderno azul)</b>	45	8
<b>2009 (Caderno azul)</b>	45	10

Sugere-se um sorteio onde os temas das questões serão apresentados aos alunos, para que os mesmos possam se familiarizar com eles e pensa-los fora da caixa, que nesse caso, é o ENEM. As questões / temas trabalhados com os alunos, de acordo com a proposta apresentada pela nossa sequência didática, são as seguintes<sup>55</sup>:

<sup>55</sup> Na sequência didática proposta nessa dissertação, todas as questões apresentadas na tabela 01 foram trabalhadas com todos os alunos. Leitura, interpretação e resolução foram executadas pelos estudantes,

Seleção de questões onde a HTP pode ser trabalhada

Tabela 02 - Prova Ciências Humanas 2019

<b>Questão 62</b>	Discriminação contra as religiões de matrizes africanas
<b>Questão 66</b>	SUS
<b>Questão 70</b>	Grupos quilombolas e a questão da terra
<b>Questão 71</b>	Padrões estéticos
<b>Questão 76</b>	Regimes totalitários
<b>Questão 82</b>	Construção de Brasília
<b>Questão 83</b>	Mundo globalizado
<b>Questão 84</b>	Declaração universal dos direitos humanos
<b>Questão 85</b>	Cultura popular
<b>Questão 87</b>	Trabalho escravo na atualidade
<b>Questão 88</b>	Bônus demográfico
<b>Questão 90</b>	A questão da fome no mundo

---

tendo o professor como mediador. Para a construção da revista aqui apresentada, os temas foram selecionados a partir de um sorteio, que deixo apenas como uma sugestão para os colegas que se propuserem a realizar a atividade.

Tabela 03

Prova Ciências Humanas 2018

<b>Questão 50</b>	Movimentos por igualdade civil nos EUA
<b>Questão 55</b>	Guerra Fria / Relação URSS e Cuba
<b>Questão 58</b>	Governo João Goulart / Projetos reformistas / Comício Central do Brasil
<b>Questão 60</b>	A questão dos refugiados
<b>Questão 61</b>	Programas do PSD e UDN (década de 50 e 60)
<b>Questão 62</b>	Árabes X Palestinos: a situação demográfica de Israel
<b>Questão 69</b>	Distensão política no Brasil ditatorial (1979)
<b>Questão 70</b>	Exposição nos meios de comunicação
<b>Questão 80</b>	África (Moçambique) – Questões culturais
<b>Questão 81</b>	Ressignificação da ideia de “fronteira”
<b>Questão 86</b>	Agricultura ecológica e produção orgânica de alimentos – marginalizado pela agenda do país.

Tabela 04

Prova Ciências Humanas 2017

<b>Questão 47</b>	Declaração dos Direitos Humanos / ONU / Execução de judeus e eslavos presos em campos de concentração nazista.
<b>Questão 50</b>	Constituição de 1988: a questão indígena (art. 231)
<b>Questão 58</b>	Populações multiétnicas / migração universalização dos direitos / diversidade
<b>Questão 60</b>	Desenvolvimento / Expansão das liberdades individuais / Cidadania / Ascensão econômica
<b>Questão 74</b>	Participação da mulher no processo de decisões políticas no Brasil
<b>Questão 75</b>	Criação do Estado da Palestina
<b>Questão 83</b>	Apoio da Igreja no Golpe de 1964
<b>Questão 89</b>	Consumo / Publicidade
<b>Questão 90</b>	Estética de resistência (Zuzu Angel)

Tabela 05

Prova Ciências Humanas 2016

<b>Questão 02</b>	Redemocratização: continuidades e rupturas em relação a conjuntura histórica anterior
<b>Questão 07</b>	Estereótipos de gênero – papel da mulher na sociedade atual
<b>Questão 13</b>	Operação Condor
<b>Questão 14</b>	Estado Novo / Justiça do Trabalho
<b>Questão 15</b>	Indústria Cultural
<b>Questão 18</b>	Conferência de Quioto
<b>Questão 19</b>	Dependência dos países periféricos dos recursos enviados pelos imigrantes
<b>Questão 22</b>	Revolução Islâmica / Memória / Uso do véu
<b>Questão 24</b>	Democracia deliberativa e Democracia ativista
<b>Questão 27</b>	Estado Novo / Proibição de vistos judeus (1935)
<b>Questão 31</b>	Questão dos refugiados na Hungria (2015)
<b>Questão 33</b>	Regime do Apartheid
<b>Questão 38</b>	Transformações no Brasil de 1950 / 1960
<b>Questão 42</b>	Uso da Internet
<b>Questão 44</b>	Novas ruralidades



Tabela 06

Prova Ciências Humanas 2015

<b>Questão 07</b>	Modelo econômico chinês / Socialismo
<b>Questão 09</b>	Pan-africanismo
<b>Questão 18</b>	Estado Novo / Justiça Eleitoral (1932) / Regime Democrático
<b>Questão 19</b>	Regime Militar Brasileiro: captação de financiamento
<b>Questão 21</b>	Segurança de dados – reação de países contra a espionagem dos EUA
<b>Questão 24</b>	Fascismo / participação da África na Segunda Guerra
<b>Questão 25</b>	Fim do Regime Militar / Redemocratização
<b>Questão 35</b>	Guerra do Afeganistão / Exercício de alteridade
<b>Questão 38</b>	Tecnologia da informação / organização em rede
<b>Questão 39</b>	Redes Sociais / Selfies – prática identitária autorreferente
<b>Questão 42</b>	Igualdade de gênero
<b>Questão 44</b>	Patrimônio histórico

Tabela 07

Prova Ciências Humanas 2014

<b>Questão 05</b>	Tecnologia e organização do trabalho / ideia do progresso
<b>Questão 07</b>	Distribuição desigual da produção – insatisfação do trabalhador rural
<b>Questão 10</b>	Fuga dos cérebros – exportação de mão de obra qualificada
<b>Questão 17</b>	Constituição de 1988 / Direitos Sociais
<b>Questão 21</b>	Estado Novo / FNB (1937) / Direitos históricos para os negros
<b>Questão 28</b>	Comissão Nacional Verdade (CNV) – Violação dos Direitos Humanos
<b>Questão 30</b>	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro- brasileira e africana
<b>Questão 33</b>	Conservadorismo brasileiro
<b>Questão 41</b>	Meios de comunicação – mobilização política / Revolução Iraniana
<b>Questão 42</b>	Ditadura de 1964 / Defesa da Democracia

Tabela 08

Prova Ciências Humanas 2013

<b>Questão 20</b>	Bipartidarismo no Brasil pós-64
<b>Questão 21</b>	Questão da Palestina (“Google muda tratamento de territórios palestinos”)
<b>Questão 25</b>	Internet / Meios de comunicação / Vida Social sem internet?
<b>Questão 30</b>	Questão da terra / agronegócio / Reforma agrária
<b>Questão 31</b>	África do Sul / Apartheid / Segregação racial / universalização da cidadania
<b>Questão 35</b>	Reivindicações políticas da juventude
<b>Questão 38</b>	Recuperação da herança cultural africana
<b>Questão 39</b>	Política desenvolvimentalista de JK
<b>Questão 45</b>	Cidadania – ampliação da noção de cidadania (ampliação dos direitos LGBT’s)

Tabela 09

Prova Ciências Humanas 2012

<b>Questão 04</b>	Autoritarismo militar / Nazismo / Capitão América
<b>Questão 06</b>	Direitos civis da população negra dos EUA
<b>Questão 15</b>	Morte de Vladimir Herzog
<b>Questão 22</b>	Movimentos de contestação da guerra (maio de 1968 e Campanha contra a Guerra do Vietnã)
<b>Questão 27</b>	Mulheres quebradeiras de coco-babaçu (Maranhão)
<b>Questão 41</b>	Estado Novo (1937-1945) / Trabalhadores X Patrões
<b>Questão 45</b>	Espaço rural brasileiro / expansão das terras agrícolas, manutenção das desigualdades sociais

Tabela 10

## Prova Ciências Humanas 2011

<b>Questão 01</b>	Movimentos políticos no norte da África e nas Ilhas do Golfo Pérsico / ideias revolucionárias
<b>Questão 03</b>	Movimentos dos cara-pintadas (início dos anos de 1990) / Impeachment do Collor
<b>Questão 18</b>	Movimentos Sociais no campo (Década de 1990)
<b>Questão 20</b>	Lei contra a tortura no Brasil (1997)
<b>Questão 21</b>	Democracia
<b>Questão 23</b>	Acidente nuclear em Chernobyl
<b>Questão 27</b>	Uso da TV – impacto no âmbito do crime e da violência / vulnerabilidade das crianças
<b>Questão 32</b>	Lei 10.639, 09/01/2003 – Obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura afro-brasileira
<b>Questão 39</b>	Presença econômica da China no século XXI
<b>Questão 41</b>	Regime Democrático no Brasil e sua consolidação
<b>Questão 42</b>	UNE – O que a esquerda e a direita pensavam sobre essa organização?
<b>Questão 45</b>	Fuga dos cérebros

Tabela 11

## Prova Ciências Humanas 2010

<b>Questão 29</b>	História da política (autoritarismo excludente e democracia incompleta)
<b>Questão 33</b>	Período que antecede o Golpe militar de 1964 (modelo desenvolvimentista)
<b>Questão 35</b>	“Opinião” de Zé Ketti – papel exercido pela MPB no contexto do regime militar
<b>Questão 36</b>	Chegada da televisão no Brasil (1950) / Veículo a favor da Democracia
<b>Questão 37</b>	Meio de comunicação – Internet
<b>Questão 41</b>	Homofobia
<b>Questão 42</b>	Ditadura Chilena (1970)
<b>Questão 45</b>	Democracia e Despotismo

Tabela 12

Prova Ciências Humanas 2009

<b>Questão 51</b>	Regimes totalitários e atuação de movimentos juvenis para a sustentação do poder
<b>Questão 53</b>	Movimentos Sociais de 1968
<b>Questão 55</b>	Mundo pós-guerra
<b>Questão 56</b>	Democracia estadunidense
<b>Questão 71</b>	Mundo fordista – cidades globais
<b>Questão 72</b>	Tecnologia da informação
<b>Questão 75</b>	Movimento migratório no Brasil
<b>Questão 77</b>	Movimentos pela reforma agrária
<b>Questão 79</b>	Direitos humanos
<b>Questão 89</b>	Criação da cidade de Brasília

Os temas selecionados para a revista aqui apresentada foram escolhidos a partir de um sorteio, onde cada prova de Ciências humanas, de 2019 até 2009, foram escolhidas duas questões, que seriam exploradas de acordo com a proposta presente na sequência didática. Já com os temas escolhidos, os alunos iniciam o processo de pesquisa / entendimento sobre o tema, que virá a gerar o tipo de abordagem que ele gostaria de fazer na revista. Preferiu-se nessa etapa deixar os alunos o mais confortável possível, para que eles trabalhassem o tema da forma que achassem ficaria melhor na revista, sempre com a supervisão / mediação do professor.

**Temas selecionados para a revista “HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE  
PARA O ENSINO MÉDIO”**

<b>2019</b>	Discriminação contra as religiões de matrizes africanas (questão 62)
	SUS (questão 66)
<b>2018</b>	A questão dos refugiados (questão 60)
	Exposição dos meios de comunicação (questão 70)
<b>2017</b>	Participação da mulher no processo de decisões políticas no Brasil (questão 74)
	Consumo e Publicidade (questão 89)
<b>2016</b>	Regime do Apartheid (questão 33)
	Uso da Internet (questão 42)
<b>2015</b>	Fascismo (questão 24)
	Redes sociais / Selfies (questão 39)
<b>2014</b>	Constituição de 1988 / Direitos Sociais (questão 17)
	Comissão Nacional da Verdade (questão 28)
<b>2013</b>	Reivindicações políticas da juventude (questão 35)
	Cidadania (ampliação dos direitos LGBT's (questão 45)
<b>2012</b>	Nazismo e sua representação nas histórias em quadrinhos (questão 04)
	Vladimir Herzog (questão 15)
<b>2011</b>	Caras Pintadas (questão 03)
	Acidente Nuclear em Chernobyl (questão 23)
<b>2010</b>	Papel da música na ditadura militar brasileira (questão 35)
	Homofobia (questão 56)
<b>2009</b>	Democracia estadunidense (questão 56)
	Direitos humanos (questão 79)



As questões selecionadas foram o primeiro passo para os alunos iniciarem a pesquisa para a elaboração de seus artigos. O desdobramento é livre, porém, com a orientação do professor. A princípio se pensou em dividir os artigos da revista de acordo com uma revista comum, onde haveriam sessões com matéria de capa, música, resenha, etc. Mesmo que essa ideia original não tenha sido completamente descartada, optou-se por mais liberdade para os alunos, observando como eles lidam com o tema e como resolvem abordá-lo. Optou-se por seguir a ordem das questões / temas apresentado acima, mas cada professor é livre para organizar o sumário de sua revista de acordo com o que for mais conveniente.

Decide colocar aqui as questões que foram analisadas por nós em sala de aula, mostrando a correção e a discussão que se seguiu sobre ela. Essas discussões foram importantes porque delas se originou os temas a serem pesquisados para as colunas das revistas. Aqui, alunos perceberam que tinham a oportunidade saber mais sobre aquele tema, e entende-lo sob uma perspectiva nova. A resolução em sim era um apoio para a realização de provas que viriam a ser feitas no futuro. Mas o debate que se seguia, ajudava a ampliar a visão de mundo que esses jovens tinham.

**Questão 62**

A maior parte das agressões e manifestações discriminatórias contra as religiões de matrizes africanas ocorrem em locais públicos (57%). É na rua, na via pública, que tiveram lugar mais de 2/3 das agressões, geralmente em locais próximos às casas de culto dessas religiões. O transporte público também é apontado como um local em que os adeptos das religiões de matrizes africanas são discriminados, geralmente quando se encontram paramentados por conta dos preceitos religiosos.

REGO, L. F.; FONSECA, D. P. R.; GIACOMINI, S. M.  
Cartografia social de terreiros no Rio de Janeiro.  
Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014.

As práticas descritas no texto são incompatíveis com a dinâmica de uma sociedade laica e democrática porque

- A** asseguram as expressões multiculturais.
- B** promovem a diversidade de etnias.
- C** falseiam os dogmas teológicos.
- D** estimulam os rituais sincréticos.
- E** restringem a liberdade de credo.

Figura 1: questão 62 da prova de Ciências Humanas do ENEM de 2019 / Gabarito: Letra E.

Na questão acima, o tema trabalhado será “*Discriminação contra as religiões de matrizes africanas*”. Mesmo sendo uma questão pertencente a componente curricular de

Sociologia, o tema aparece em inúmeras ocasiões nas aulas de história, e por isso podem (e devem) ser trabalhadas por nós. Durante a elaboração dessa pesquisa, optou-se por trabalhar todas as questões de ciências humanas que poderiam ser identificadas na história do tempo presente. O objetivo é fazer com que o aluno reflita o tema e adquira as aptidões necessárias para responder a questão, e que pense em possíveis desdobramentos para criar o artigo da revista. Isso é o que se espera em todas as questões resolvidas por eles.

Nessa questão espera-se que os alunos reflitam sobre a liberdade de credo, entendendo que ela só é eficaz se outros direitos correspondentes forem garantidos. Entre esses direitos podemos citar o direito de ir e vir, o direito à segurança, a liberdade de pensamento. Quanto tais direitos não são garantidos, a liberdade de credo também não ocorre. Aqui, alunos relataram sobre casos de discriminação religiosa que eles haviam presenciado em suas famílias, assim como notícias que haviam lido ou assistido na TV. Alunos evangélicos e católicos também relataram sobre preconceitos vividos por eles, o que foi identificado por outros alunos como uma tentativa de diminuir as vivências de pessoas que religião de matrizes africanas. Ficou decidido pesquisar sobre o significado de intolerância religiosa e sobre líderes religiosos de relevância para o candomblé.

**Questão 66**

A criação do Sistema Único de Saúde (SUS) como uma política para todos constitui-se uma das mais importantes conquistas da sociedade brasileira no século XX. O SUS deve ser valorizado e defendido como um marco para a cidadania e o avanço civilizatório. A democracia envolve um modelo de Estado no qual políticas protegem os cidadãos e reduzem as desigualdades. O SUS é uma diretriz que fortalece a cidadania e contribui para assegurar o exercício de direitos, o pluralismo político e o bem-estar como valores de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, conforme prevê a Constituição Federal de 1988.

RIZZOTO, M. L. F. et al. Justiça social, democracia com direitos sociais e saúde: a luta do Cebes. *Revista Saúde em Debate*, n. 116, jan.-mar. 2018 (adaptado).

Segundo o texto, duas características da concepção da política pública analisada são:

- A** Paternalismo e filantropia.
- B** Liberalismo e meritocracia.
- C** Universalismo e igualitarismo.
- D** Nacionalismo e individualismo.
- E** Revolucionarismo e coparticipação.

Figura 2: questão 66 da prova de Ciências Humanas do ENEM de 2019. / Gabarito: Letra C.

Outra questão pertencente a grade curricular de Sociologia, que agora menciona a Constituição de 1988. Nossa constituição reconhece o direito de acesso universal à saúde a toda a população, através do Sistema Único de Saúde (SUS). O texto faz menção à redução das desigualdades no âmbito das políticas públicas em contextos democráticos. Na revista consta um artigo contando um pouco sobre a história do SUS e seu papel desempenhado ao longo de sua existência. Nesse caso, a proposta do artigo era estimular uma pesquisa / análise sobre o surgimento e história do SUS, além de suas reais atribuições. Os alunos decidiram falar sobre o surgimento do SUS, seus criadores e as atribuições que o SUS têm junto a população brasileira.

**QUESTÃO 60**

Em Beirute, no Líbano, quando perguntado sobre onde se encontram os refugiados sírios, a resposta do homem é imediata: "em todos os lugares e em lugar nenhum". Andando ao acaso, não é raro ver, sob um prédio ou num canto de calçada, ao abrigo do vento, uma família refugiada em volta de uma refeição frugal posta sobre jornais como se fossem guardanapos. Também se vê de vez em quando uma tenda com a sigla ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados), erguida em um dos raros terrenos vagos da capital.

JABER, H. Quem realmente acolhe os refugiados? *Le Monde Diplomatique Brasil*, out. 2015 (adaptado).

O cenário descrito aponta para uma crise humanitária que é explicada pelo processo de

- A** migração massiva de pessoas atingidas por catástrofe natural.
- B** hibridização cultural de grupos caracterizados por homogeneidade social.
- C** desmobilização voluntária de militantes cooptados por seitas extremistas.
- D** peregrinação religiosa de fiéis orientados por lideranças fundamentalistas.
- E** desterritorialização forçada de populações afetadas por conflitos armados.

Figura 3: questão 60 da prova de Ciências Humanas do ENEM de 2018 / Gabarito: Letra E.

A questão acima faz parte do eixo curricular de Geografia e História, e disserta sobre o Líbano, país que mais tem recebido refugiados da Síria, país que vive uma guerra civil desde 2011, guerra essa que começou com movimentos pacíficos e evoluiu para uma guerra de muita violência, o que fez com que o país se tornasse um dos maiores emissores de refugiados do planeta. Esse tema acabou se tornando o principal da revista, o que levou

a um desdobramento maior de debate e análise. Sendo a matéria principal, o número de páginas dedicadas ao tema acabou se mostrando maior, o que motivou a contribuição de outros grupos de alunos para a realização dessa matéria. Alunos buscaram vídeos no Youtube sobre o tema, assim como as matérias iniciais que aparecem na busca do Google. Acredito que foi um dos temas mais pesquisados e debatidos entre eles. Algumas “miniaulas” foram dadas por eles e para eles.

**QUESTÃO 70**

A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social acarretou, no modo de definir toda realização humana, uma evidente degradação do *ser* para o *ter*. A fase atual, em que a vida social está totalmente tomada pelos resultados da economia, leva a um deslizamento generalizado do *ter* para o *parecer*, do qual todo *ter* efetivo deve extrair seu prestígio imediato e sua função última. Ao mesmo tempo, toda realidade individual tornou-se social, diretamente dependente da força social, moldada por ela.

DEBORO, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

Uma manifestação contemporânea do fenômeno descrito no texto é o(a)

- A valorização dos conhecimentos acumulados.
- B exposição nos meios de comunicação.
- C aprofundamento da vivência espiritual.
- D fortalecimento das relações interpessoais.
- E reconhecimento na esfera artística.

Figura 4: questão 70 da prova de Ciências Humanas do ENEM de 2018 / Gabarito: Letra B.

Ao pensarmos no momento que estamos vivenciando, temos que lembrar do termo “sociedade do espetáculo”, que tem como definição o conjunto de relações mediadas pelo uso da imagem. A grande exposição nos meios de comunicação que temos visto na atualidade, vide Facebook, Instagram, TikTok e demais redes sociais, temos evidenciado um marco das sociedades contemporâneas. A opção B se mostra um tema passível de ser trabalhado com mais profundidade em sala de aula, dando origem a um artigo da revista proposta nessa dissertação. Aqui coube a reflexão sobre o tempo que as pessoas dedicam as redes sociais e as preocupações e anseios trazidos pelo uso dos smartphones. Também se falou sobre o cyberbullying e o assédio sofrido através das redes. Alguns relatos sobre a experiência pessoal dos alunos também serviram como motivação para a pesquisa.



**QUESTÃO 74**

A participação da mulher no processo de decisão política ainda é extremamente limitada em praticamente todos os países, independentemente do regime econômico e social e da estrutura institucional vigente em cada um deles. É fato público e notório, além de empiricamente comprovado, que as mulheres estão em geral sub-representadas nos órgãos do poder, pois a proporção não corresponde jamais ao peso relativo dessa parte da população.

TABAK, F. *Mulheres públicas: participação política e poder*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2002.

No âmbito do Poder Legislativo brasileiro, a tentativa de reverter esse quadro de sub-representação tem envolvido a implementação, pelo Estado, de

- A** leis de combate à violência doméstica.
- B** cotas de gênero nas candidaturas partidárias.
- C** programas de mobilização política nas escolas.
- D** propagandas de incentivo ao voto consciente.
- E** apoio financeiro às lideranças femininas.

Figura 5: questão 74 da prova de Ciências Humanas do ENEM de 2017 / Gabarito: Letra B

Aqui podemos ver a questão das políticas públicas que implementaram cotas de gênero sobre a participação política feminina, que tinha como intenção aumentar a representatividade e estimular a participação das mulheres em espaços em que elas foram historicamente alijadas. Na revista, optou-se por falar de mulheres que possuem ou possuíram cargos públicos no Brasil, explicitando os preconceitos e violências vividos por elas. Optou-se por falar sobre a participação política das mulheres no Brasil, e um artigo sobre Marielle Franco, assim como um vídeo no Youtube sobre machismo estrutural e representatividade feminina na política, uma sugestão de uma aluna.

**QUESTÃO 89**

O comércio soube extrair um bom proveito da interatividade própria do meio tecnológico. A possibilidade de se obter um alto desenho do perfil de interesses do usuário, que deverá levar às últimas consequências o princípio da oferta como isca para o desejo consumista, foi o principal deles.

SANTAELLA, L. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003 (adaptado).

Do ponto de vista comercial, o avanço das novas tecnologias, indicado no texto, está associado à

- A** atuação dos consumidores como fiscalizadores da produção.
- B** exigência de consumidores conscientes de seus direitos.
- C** relação direta entre fabricantes e consumidores.
- D** individualização das mensagens publicitárias.
- E** manutenção das preferências de consumo.

Figura 6: questão 89 da prova de Ciências Humanas do ENEM de 2017 / Gabarito: LETRA D

A questão trata do avanço tecnológico que auxiliou a formação de um perfil que identificasse as preferências individuais de cada pessoa, direcionando as propagandas ideias para aquele indivíduo, promovendo o consumo de maneira específica. Aqui os alunos estão mais familiarizados, pois sabem que as redes sociais parecem ler nossos pensamentos. Quem nunca foi “perseguido” porque ele produto que pesquisou e que teima em aparecer em nossa timeline a todo momento? O algoritmo trabalhando a todo vapor. Como também foi um tema de redação, o grupo de alunos decidiu falar sobre o poder da propaganda para conquistar mentes a todo momento na internet. Um artigo um pouco tímido, mas que levou posicionamentos que eles debateram com bastante afinco nas aulas.

**QUESTÃO 33**



Disponível em: [www.imageforum-diffusion.afp.com](http://www.imageforum-diffusion.afp.com). Acesso em: 6 jan. 2016.

O regime do *Apartheid* adotado de 1948 a 1994 na África do Sul fundamentava-se em ações estatais de segregacionismo racial. Na imagem, fuzileiros navais fazem valer a “lei do passe” que regulamentava o(a)

- Ⓐ concentração fundiária, impedindo os negros de tomar posse legítima do uso da terra.
- Ⓑ boicote econômico, proibindo os negros de consumir produtos ingleses sem resistência armada.
- Ⓒ sincretismo religioso, vetando os ritos sagrados dos negros nas cerimônias oficiais do Estado.
- Ⓓ controle sobre a movimentação, desautorizando os negros a transitar em determinadas áreas das cidades.
- Ⓔ exclusão do mercado de trabalho, negando à população negra o acesso aos bens de consumo.

Figura 7: Questão 33 da prova de Ciências Humanas do ENEM de 2016 / Gabarito: LETRA D

Mesmo após conseguir sua independência, depois de ser por vários anos colônia da Holanda e da Inglaterra, a África do Sul não conseguiu se livrar da visão etnocêntrica trazida pelos europeus. A chamada “Lei do passe” proibia a circulação de pessoas negras (que eram a maioria do país) em localidades que eram frequentadas por pessoas brancas. O tema nos ajuda a pensar sobre racismo, sobre violência policial contra jovens e adolescentes negros, e as pequenas e diárias violências que esses mesmos jovens sofrem. Para essa questão, alunos resolveram explicar o que era o Apartheid e falar sobre a vida de Nelson Mandela. Alguns alunos o compararam ao ex presidente Luis Inácio Lula da Silva, por terem sido presos sem de fato terem cometido algum crime. Um grupo de alunos discordou e o debate ficou um pouco mais acalorado aqui. Decidi por encerrar a questão, para que eles se concentrassem na pesquisa que iriam fazer.

**QUESTÃO 42**

Não estou mais pensando como costumava pensar. Percebo isso de modo mais acentuado quando estou lendo. Mergulhar num livro, ou num longo artigo, costumava ser fácil. Isso raramente ocorre atualmente. Agora minha atenção começa a divagar depois de duas ou três páginas. Creio que sei o que está acontecendo. Por mais de uma década venho passando mais tempo *on-line*, procurando e surfando e algumas vezes acrescentando informação à grande biblioteca da internet. A internet tem sido uma dádiva para um escritor como eu. Pesquisas que antes exigiam dias de procura em jornais ou na biblioteca agora podem ser feitas em minutos. Como disse o teórico da comunicação Marshall McLuhan nos anos 60, a mídia não é apenas um canal passivo para o tráfego de informação. Ela fornece a matéria, mas também molda o processo de pensamento. E o que a *net* parece fazer é pulverizar minha capacidade de concentração e contemplação.

CARR, N. Is Google making us stupid? Disponível em: [www.theatlantic.com](http://www.theatlantic.com). Acesso em: 17 fev. 2013 (adaptado).

Em relação à internet, a perspectiva defendida pelo autor ressalta um paradoxo que se caracteriza por

- A** associar uma experiência superficial à abundância de informações.
- B** condicionar uma capacidade individual à desorganização da rede.
- C** agregar uma tendência contemporânea à aceleração do tempo.
- D** aproximar uma mídia inovadora à passividade da recepção.
- E** equiparar uma ferramenta digital à tecnologia analógica.

Figura 8: Questão 42 da prova de Ciências Humanas do ENEM de 2016 / Gabarito: Letra A



Essa questão trouxe à tona o objetivo primordial da pesquisa que deu origem a essa dissertação e ao produto proposto. Em nossa sociedade atual, o homem acaba sendo condicionado àquilo que lê<sup>56</sup>, ao mesmo tempo que recebe uma quantidade absurda de informação. O que se percebe é o pouco que ele absorve, mostrando assim um paradoxo em conviver em um momento onde existe uma abundância de dados e informações, porém, nota-se o quão superficial é o que se realmente aprende. Os alunos optaram por apresentar os dados de uso da Internet no Brasil.

**QUESTÃO 24** ◇◇◇◇◇

A participação da África na Segunda Guerra Mundial deve ser apreciada sob a ótica da escolha entre vários demônios. O seu engajamento não foi um processo de colaboração com o imperialismo, mas uma luta contra uma forma de hegemonia ainda mais perigosa.

MAZRUI, A. "Procurai primeiramente o reino do político...". In: MAZRUI, A.; WONDJU, C. (Org.). *História geral da África: África desde 1925*. Brasília: Unesco, 2010.

Para o autor, a "forma de hegemonia" e uma de suas características que explicam o engajamento dos africanos no processo analisado foram:

- A** Comunismo / rejeição da democracia liberal.
- B** Capitalismo / devastação do ambiente natural.
- C** Fascismo / adoção do determinismo biológico.
- D** Socialismo / planificação da economia nacional.
- E** Colonialismo / imposição da missão civilizatória.

Figura 9: Questão 24 da prova de Ciências Humanas do ENEM de 2015 / Gabarito: LETRA C

As discussões e debates sobre o Fascismo fomenta um bom ponto de partida para a aula, já que é um tema considerado ainda vigente. Durante a Segunda Grande Guerra, a África precisou escolher entre os exploradores imperialistas europeus e o movimento nazifascista. Naquele momento, se preferiu apoiar o Imperialismo, que seria o menos pior que o nazi-fascismo. O grupo de alunos optou por sair um pouco do tema original proposto nessa questão, e indicou filmes onde a temática tivesse como pano de fundo o nazi-fascismo. Uma aluna sugeriu incluir a indicação de um livro de ficção, o que foi acatado pelo grupo todo.

<sup>56</sup> Segundo dados da agência Brasil, o brasileiro lê em média cinco livros por ano, sendo que 2,4 livros não são lidos em sua totalidade. Apenas 2,5 livros são lidos por inteiro. 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró Livro em parceria com o Itaú Cultural.



**QUESTÃO 39** ◆◆◆◆

Na sociedade contemporânea, onde as relações sociais tendem a reger-se por imagens midiáticas, a imagem de um indivíduo, principalmente na indústria do espetáculo, pode agregar valor econômico na medida de seu incremento técnico: amplitude do espelhamento e da atenção pública. Aparecer é então mais do que ser; o sujeito é famoso porque é falado. Nesse âmbito, a lógica circulatória do mercado, ao mesmo tempo que acena democraticamente para as massas com supostos "ganhos distributivos" (a informação ilimitada, a quebra das supostas hierarquias culturais), afeta a velha cultura disseminada na esfera pública. A participação nas redes sociais, a obsessão dos *selfies*, tanto falar e ser falado quanto ser visto são índices do desejo de "espelhamento".

SCORE, M. Disponível em: <http://alias.estadao.com.br>. Acesso em: 9 fev. 2015 (adaptado).

A crítica contida no texto sobre a sociedade contemporânea enfatiza

- A a prática identitária autorreferente.
- B a dinâmica política democratizante.
- C a produção instantânea de notícias.
- D os processos difusores de informações.
- E os mecanismos de convergência tecnológica.

◆◆◆◆

Figura 10: Questão 39 da prova de Ciências Humanas do ENEM de 2015 / Gabarito: LETRA A

Outro tema bem atual: o ato de tirar selfies, que “surge” ao mesmo tempo que o surgimento das redes sociais. Percebe-se o aumento do individualismo do indivíduo, que passa a “valorizar” a si mesmo com mais ênfase. Aqui os alunos foram buscar a origem das selfies, pesquisando sobre as primeiras pessoas que resolveram tirar fotos de si mesmo. Um bom debate sobre a questão individualista e sobre o que se quer mostrar nas redes sociais. Aqui sugeri aos alunos que buscassem a primeira selfie de fato documentada, e procurassem matérias sobre a famosa selfie tirada no Oscar de 2019, tirada pela apresentadora Ellen Degeneres.

**QUESTÃO 17**

TODO BRASILEIRO TEM DIREITO À MORADIA... AGORA LÊ AQUELE PEDAÇO BONITO QUE FALA DE COMIDA, SAÚDE...



PAIVA, M. Disponível em: [www.redes.unb.br](http://www.redes.unb.br). Acesso em: 25 maio 2014.

A discussão levantada na charge, publicada logo após a promulgação da Constituição de 1988, faz referência ao seguinte conjunto de direitos:

- A Cíveis, como o direito à vida, à liberdade de expressão e à propriedade.
- B Sociais, como direito à educação, ao trabalho e à proteção à maternidade e à infância.
- C Difusos, como direito à paz, ao desenvolvimento sustentável e ao meio ambiente saudável.
- D Coletivos, como direito à organização sindical, à participação partidária e à expressão religiosa.
- E Políticos, como o direito de votar e ser votado, à soberania popular e à participação democrática.

Figura 11: Questão 17 da prova de Ciências Humanas do ENEM de 2014 / Gabarito? LETRA B

A chamada Constituição cidadã traz para os brasileiros uma série de direitos sociais, que foi vista por muitos como uma medida compensatória, pois havíamos vivenciado anos de regime militar anteriormente. Porém, a Constituição de 1988 aponta para um momento único da história, onde pela primeira vez, conseguimos ver uma força social jamais vista anteriormente. Em um artigo mais simples, os alunos enumeram os direitos sociais do cidadão, uma imagem de Ulisses Guimarães segurando a primeira constituição e uma imagem da primeira constituição sozinha.

**QUESTÃO 28**

A Comissão Nacional da Verdade (CNV) reuniu representantes de comissões estaduais e de várias instituições para apresentar um balanço dos trabalhos feitos e assinar termos de cooperação com quatro organizações. O coordenador da CNV estima que, até o momento, a comissão examinou, "por baixo", cerca de 30 milhões de páginas de documentos e fez centenas de entrevistas.

Disponível em: [www.fb.com.br](http://www.fb.com.br). Acesso em: 2 mar. 2013 (adaptado).

A notícia descreve uma iniciativa do Estado que resultou da ação de diversos movimentos sociais no Brasil diante de eventos ocorridos entre 1964 e 1988. O objetivo dessa iniciativa é

- A anular a anistia concedida aos chefes militares.
- B rever as condenações judiciais aos presos políticos.
- C perdoar os crimes atribuídos aos militantes esquerdistas.
- D comprovar o apoio da sociedade aos golpistas anticomunistas.
- E esclarecer as circunstâncias de violações aos direitos humanos.

Figura 12: Questão 28 da prova de Ciências Humanas do ENEM de 2014 / Gabarito: Letra E

Mesmo não tendo o poder de julgar e / ou condenar os investigados, a Comissão Nacional da Verdade se propôs a inquirir e expor os crimes e agentes da Ditadura Militar. Graças a Lei da Anistia, os violadores de crimes de direitos humanos saíram impunes, não podendo ser condenados. A proposta é realmente expor crimes e criminosos, deixando essa investigação exposta para a posteridade. No artigo os alunos optaram por explicar o que era a tal comissão e fizeram pequenas notas sobre o início da Ditadura e o Ato institucional número 05. Outro tema que gerou algumas discussões mais acaloradas durante a aula, que precisou de uma intervenção por parte da professora.

**QUESTÃO 35**

Rua Preciados, seis da tarde. Ao longe, a massa humana que abarrota a Praça Puerta Del Sol, em Madrid, se levanta. Um grupo de garotas, ao ver a cena, corre em direção à multidão. Milhares de pessoas fazem ressoar o *slogan*: "Que não, que não, que não nos representem". Um garoto fala pelo megafone: "Demandamos submeter a referendo o resgate bancário".

RODRÍGUEZ, O. Puerta Del Sol, o grande alto-falante. *Brasil de Fato*. São Paulo, 26 maio-1 jun. 2011 (adaptado).

Em 2011, o acampamento dos Indignados espanhóis expressou todo o descontentamento político da juventude europeia. Que proposta sintetiza o conjunto de reivindicações políticas destes jovens?

- A Voto universal.
- B Democracia direta.
- C Pluralidade partidária.
- D Autonomia legislativa.
- E Imunidade parlamentar.

Figura 13: Questão 35 da prova de Ciências Humanas do ENEM de 2013 / Gabarito: LETRA B

A crise vivenciada por muitos países em 2008, levou a uma decadência política e econômica, que levou ao surgimento de medidas autoritárias em alguns países europeus, entre eles a Espanha, que foi assolada por reivindicações por parte da população mais jovem, que pedia o direito de opinar, através de plebiscitos e referendos, sustentando assim a valorização da Democracia. Aqui o debate que se fez presente foi melhor do que o artigo incluso na revista. Alunos sugeriram falar sobre o que interessava aos jovens hoje, o que interpretei como as chamadas demandas da juventude. Se falou sobre o papel que os jovens têm para conduzir (ou não) as questões importantes do Brasil, se lembrou sobre as ocupações escolares, e também sobre os jovens buscando entender mais sobre política. Um artigo com bastante potencial, mas que acabou não desabrochando.

**QUESTÃO 45**

Tenho 44 anos e presenciei uma transformação impressionante na condição de homens e mulheres gays nos Estados Unidos. Quando nasci, relações homossexuais eram ilegais em todos os Estados Unidos, menos Illinois. Gays e lésbicas não podiam trabalhar no governo federal. Não havia nenhum político abertamente gay. Alguns homossexuais não assumidos ocupavam posições de poder, mas a tendência era eles tornarem as coisas ainda piores para seus semelhantes.

ROSS, A. Na máquina do tempo. *Época*, ed. 766, 28 jan. 2013.

A dimensão política da transformação sugerida no texto teve como condição necessária a

- A ampliação da noção de cidadania.
- B reformulação de concepções religiosas.
- C manutenção de ideologias conservadoras.
- D implantação de cotas nas listas partidárias.
- E alteração da composição étnica da população.

Figura 14: Questão 45 da prova de Ciências Humanas de 2013 / Gabarito: Letra A

Em 2013 é possível ver com mais força e representatividade, personalidades do cenário LGBTQIA+ apresentando suas opiniões e visões de mundo, assim como tem exigido mais reconhecimento e garantia de direitos iguais. Essa luta ainda persiste nos dias de hoje, e exigem de nós professores um olhar sensível e de maior conhecimento. Aqui, dois alunos pediram para trocar de grupo, pois haviam se identificado com o tema. Eles optaram por falar um pouco sobre direitos LGBTQIA+ e indicar alguns youtubers que falam sobre questões que interessam a comunidade.



QUESTÃO 04



Disponível em: <http://quadro-e-quadro.blogspot.com>. Acesso em: 27 jan. 2012.

Com sua entrada no universo dos gibis, o Capitão chegaria para apaziguar a agonia, o autoritarismo militar e combater a tirania. Claro que, em tempos de guerra, um gíbi de um herói com uma bandeira americana no peito aplicando um sopapo no Führer só poderia ganhar destaque, e o sucesso não demoraria muito a chegar.

COSTA, C. Capitão América, o primeiro vingador: crítica. Disponível em: [www.revistadar.com.br](http://www.revistadar.com.br). Acesso em: 27 jan. 2012 (adaptado).

A capa da primeira edição norte-americana da revista do Capitão América demonstra sua associação com a participação dos Estados Unidos na luta contra

- A a Tríplice Aliança, na Primeira Guerra Mundial.
- B os regimes totalitários, na Segunda Guerra Mundial.
- C o poder soviético, durante a Guerra Fria.
- D o movimento comunista, na Guerra do Vietnã.
- E o terrorismo internacional, após 11 de setembro

Figura 15: Questão 04 da prova de Ciências Humanas do ENEM de 2012 / Gabarito: Letra B

Talvez um dos temas que desperta mais atenção dos alunos é história em quadrinhos de super-heróis, principalmente quando se pode discutir sobre história e política em meio as aulas. Primeira e Segunda Guerra são temas sempre bem apreciados pelos alunos, e quando mesclados com ficção, geram uma excelente aula. Com o crescimento do número de filmes e seriados sobre super-heróis, acreditei que geraria um artigo mais voltado para isso, mas os alunos optaram por falar sobre histórias em quadrinhos mesmo, mostrando, além do Capitão América, outras histórias onde o nazi-fascismo fosse mencionado.

**QUESTÃO 15**

Diante dessas inconsistências e de outras que ainda preocupam a opinião pública, nós, jornalistas, estamos encaminhando este documento ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo, para que o entregue à Justiça; e da Justiça esperamos a realização de novas diligências capazes de levar à completa elucidação desses fatos e de outros que porventura vierem a ser levantados.

Em nome da verdade. In: O Estado de São Paulo, 3 fev. 1976. Apud: FILHO, I. A. Brasil, 500 anos em documentos. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

A morte do jornalista Vladimir Herzog, ocorrida durante o regime militar, em 1975, levou a medidas como o abaixo-assinado feito por profissionais da imprensa de São Paulo. A análise dessa medida tomada indica a


- A certeza do cumprimento das leis.
- B superação do governo de exceção.
- C violência dos terroristas de esquerda.
- D punição dos torturadores da polícia.
- E expectativa da investigação dos culpados.

Figura 16: Questão 15 da prova Ciências Humanas do ENEM de 2012 / Gabarito: Letra E

A morte do jornalista Vladimir Herzog inaugurou um momento de grande mobilização no Brasil, pois sabia-se que seu suposto suicídio havia sido forjado por membros do DOI-CODI (Destacamento de Operações de Informação – Centro de Operações de Defesa Interna), o que gerou uma onda de revoltas entre jornalistas brasileiros. Nesse artigo, optou-se por falar um pouco sobre sua história e recomendar dois livros que falam sobre sua trajetória de vida.

QUESTAO 03

**Movimento dos Caras-Pintadas**



Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br>. Acesso em: 17 abr. 2010 (adaptado).

O movimento representado na imagem, do início dos anos de 1990, arrebatou milhares de jovens no Brasil.

Nesse contexto, a juventude, movida por um forte sentimento cívico,

- A aliou-se aos partidos de oposição e organizou a campanha Diretas Já.
- B manifestou-se contra a corrupção e pressionou pela aprovação da Lei da Ficha Limpa.
- C engajou-se nos protestos relâmpago e utilizou a internet para agendar suas manifestações.
- D espelhou-se no movimento estudantil de 1968 e protagonizou ações revolucionárias armadas.
- E tornou-se porta-voz da sociedade e influenciou no processo de *impeachment* do então presidente Collor.

Figura 17: Questão 03 da prova de Ciências Humanas do ENEM de 2011 / Gabarito: Letra E

Estimular uma pesquisa sobre o Impeachment do ex presidente Collor leva nossos alunos a refletir sobre as motivações que levaram ao golpe da presidente Dilma Rousseff. O papel desempenhado pela juventude em 1990, também serve para que eles comparem e pensem sobre a militância de hoje. Excelente tema não só para um artigo, mas também para um debate. Nesse tema, os alunos optaram por escrever um artigo simples, falando sobre o movimento dos cara-pintadas.





**Questão 35**

**Opinião**

Podem me prender  
Podem me bater  
Podem até deixar-me sem comer  
Que eu não mudo de opinião.  
Aqui do morro eu não saio não  
Aqui do morro eu não saio não.

Se não tem água  
Eu furo um poço

Se não tem carne  
Eu compro um osso e ponho na sopa  
E deixa andar, deixa andar...

Falem de mim  
Quem quiser falar  
Aqui eu não pago aluguel  
Se eu morrer amanhã seu doutor,  
Estou pertinho do céu

Zé Keti. Opinião. Disponível em: <http://www.mpbnet.com.br>.  
Acesso em: 28 abr.2010.

Essa música fez parte de um importante espetáculo teatral que estreou no ano de 1964, no Rio de Janeiro. O papel exercido pela Música Popular Brasileira (MPB) nesse contexto, evidenciado pela letra de música citada, foi o de

- A entretenimento para os grupos intelectuais.
- B valorização do progresso econômico do país.
- C crítica à passividade dos setores populares.
- D denúncia da situação social e política do país.
- E mobilização dos setores que apoiavam a Ditadura Militar.

Figura 19: Questão 35 da prova de Ciências Humanas do ENEM de 2010 / Gabarito: LETRA D

A música sempre teve um papel de destaque em minhas aulas, principalmente nas aulas sobre Ditadura. Intérpretes como Gilberto Gil, Chico Buarque, Elis Regina, Geraldo Vandré, Milton Nascimento foram representantes dessa “música protesto”, e tais canções ajudam alunos a entender o que se enfrentava no período. Uma pessoa do grupo sugeriu procurar vídeos sobre análise de canções desse período. Eles encontraram o Pipocando Música, onde o cantor Júnior Lima e o apresentador Bruno Bock falam sobre músicas que haviam sido censuradas durante a Ditadura.

**Questão 41**

"Pecado nefando" era expressão correntemente utilizada pelos inquisidores para a sodomia. Nefandus: o que não pode ser dito. A Assembleia de clérigos reunida em Salvador, em 1707, considerou a sodomia "tão péssimo e horrendo crime", tão contrário à lei da natureza, que "era indigno de ser nomeado" e, por isso mesmo, nefando.

NOVAIS, F.; MELLO E SOUZA, L. História da Vida Privada no Brasil. V. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 (adaptado).

O número de homossexuais assassinados no Brasil bateu o recorde histórico em 2009. De acordo com o Relatório Anual de Assassinato de Homossexuais (LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis), nesse ano foram registrados 195 mortos por motivação homofóbica no País.

Disponível em: [www.alemnanoticia.com.br/ultimas\\_noticias.php?codnoticia=3871](http://www.alemnanoticia.com.br/ultimas_noticias.php?codnoticia=3871). Acesso em: 29 abr. 2010 (adaptado).

A homofobia é a rejeição e menosprezo à orientação sexual do outro e, muitas vezes, expressa-se sob a forma de comportamentos violentos. Os textos indicam que as condenações públicas, perseguições e assassinatos de homossexuais no país estão associadas

A à baixa representatividade política de grupos organizados que defendem os direitos de cidadania dos homossexuais.

B à falência da democracia no país, que torna impeditiva a divulgação de estatísticas relacionadas à violência contra homossexuais.

C à Constituição de 1988, que exclui do tecido social os homossexuais, além de impedi-los de exercer seus direitos políticos.

D a um passado histórico marcado pela demonização do corpo e por formas recorrentes de tabus e intolerância.

E a uma política eugênica desenvolvida pelo Estado, justificada a partir dos posicionamentos de correntes filosófico-científicas.

Figura 20: Questão 41 da prova de Ciências Humanas do ENEM de 2010 / Gabarito: Letra D

Em 2010 já se possuía um debate importante sobre homofobia e os direitos LGBT's (agora LGBTQIA+). Historicamente, os corpos LGBT's sempre foram demonizados, e essa demonização ainda se mantém e se manifesta através de grupos conservadores, que hoje estão mais presentes do que nunca nas redes sociais e nas esferas públicas. Porém, a força do movimento e de seus apoiadores, tem mostrado uma reação muito positiva, gerando nomes do cenário LGBTQIA+ que ocupam um espaço importante de diálogo e luta. Aqui, os alunos optaram por explicar o que é homofobia e colocar um dado sobre as mortes de pessoas da comunidade LGBTQIA+.

**Questão 56**

Na democracia estado-unidense, os cidadãos são incluídos na sociedade pelo exercício pleno dos direitos políticos e também pela ideia geral de direito de propriedade. Compete ao governo garantir que esse direito não seja violado. Como consequência, mesmo aqueles que possuem uma pequena propriedade sentem-se cidadãos de pleno direito.

Na tradição política dos EUA, uma forma de incluir socialmente os cidadãos é

- A submeter o indivíduo à proteção do governo.
- B hierarquizar os indivíduos segundo suas posses.
- C estimular a formação de propriedades comunais.
- D vincular democracia e possibilidades econômicas individuais.
- E defender a obrigação de que todos os indivíduos tenham propriedades.

Figura 21: Questão 56 da prova de Ciências Humanas do ENEM de 2009 / Gabarito: Letra D

Falar sobre os Estados Unidos nunca sai de moda para o professor de História. Falar sobre a política norte-americana pode não estar na ordem do dia na programação das aulas de História, mas ajuda nossos alunos a entender o paradoxo criado pelo país que defende arduamente o direito à propriedade privada e o capitalismo de caráter mundial, visto que nunca se viu um desemprego e uma desigualdade social tão acentuada na terra do Tio Sam, sem deixar de estimular o consumo desenfreado. Aqui os alunos escolheram fazer uma resenha sobre o documentário “Virando a mesa do poder”.



**Questão 79**

Entre 2004 e 2008, pelo menos 8 mil brasileiros foram libertados de fazendas onde trabalhavam como se fossem escravos. O governo criou uma lista em que ficaram expostos os nomes dos fazendeiros flagrados pela fiscalização. No Norte, Nordeste e Centro-Oeste, regiões que mais sofrem com a fraqueza do poder público, o bloqueio dos canais de financiamento agrícola para tais fazendeiros tem sido a principal arma de combate a esse problema, mas os governos ainda sofrem com a falta de informações, provocada pelas distâncias e pelo poder intimidador dos proprietários. Organizações não governamentais e grupos como a Pastoral da Terra têm agido corajosamente, acionando as autoridades públicas e ministrando aulas sobre direitos sociais e trabalhistas.

"Plano Nacional para Erradicação do Trabalho Escravo". Disponível em: <http://www.mte.gov.br>. Acesso em: 17 mar. 2009 (adaptado).

Nos lugares mencionados no texto, o papel dos grupos de defesa dos direitos humanos tem sido fundamental, porque eles

- A negociam com os fazendeiros o reajuste dos honorários e a redução da carga horária de trabalho.
- B defendem os direitos dos consumidores junto aos armazéns e mercados das fazendas e carvoarias.
- C substituem as autoridades policiais e jurídicas na resolução dos conflitos entre patrões e empregados.
- D encaminham denúncias ao Ministério Público e promovem ações de conscientização dos trabalhadores.
- E fortalecem a administração pública ao ministrarem aulas aos seus servidores.

Figura 22: Questão 79 da prova de Ciências Humanas do ENEM de 2009 / Gabarito: Letra D

Sendo o trabalho escravo algo ainda a ser combatido, o papel desempenhado por movimentos sociais organizados no campo, acabam se tornando algo que fortalece as futuras gerações a identificar e denunciar tal crime. Aqui o debate fica em torno de como a escravidão ainda é um mal que assola o Brasil. Quanto mais conhecimento esses grupos tiverem sobre seus direitos e sobre seus papéis na sociedade, mais elementos terão para denunciar os grupos que ainda escravizam. Aqui os alunos optaram por explicar o que caracterizava o trabalho escravo nos dias de hoje. Foi interessante ver que alguns alunos não sabiam que era possível ter escravos nos dias atuais e iniciaram uma breve discussão sobre ações para denunciar e evitar que isso acontecesse. A discussão em si foi melhor do que o artigo feito, que se mostrou muito simples e pequeno, dado a proporção da pesquisa que foi feita. Mas a avaliação como um todo foi boa.

A análise das questões acabou tomando uma parte considerável das aulas, principalmente depois que os alunos chegavam com suas pesquisas e anotações. Isso me mostrou a importância da avaliação continuada, e de como o professor e os alunos precisam estar atentos ao processo como um todo. O tempo de discussão e análise das

questões aqui propostas acabou variando. Anotei algumas considerações e dúvidas expressas pelos alunos durante a análise / debate, e percebi que as dúvidas e opiniões estavam quase sempre amparadas em um “achismo”.

#### Temas de Redação do ENEM (2019 – 2009)

##### **Temas de Redações do ENEM**

<b>2019</b>	Democratização do acesso ao cinema no Brasil
<b>2018</b>	Manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados na internet
<b>2017</b>	Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil
<b>2016</b>	Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil
<b>2015</b>	A persistência da violência contra a mulher no Brasil
<b>2014</b>	Publicidade infantil em questão no Brasil
<b>2013</b>	Efeitos da implantação da Lei Seca no Brasil
<b>2012</b>	O movimento migratório para o Brasil no século XXI
<b>2011</b>	Viver em rede no século XXI: os limites entre o público e o privado
<b>2010</b>	O trabalho na construção da dignidade humana
<b>2009</b>	O indivíduo frente à ética nacional

Incluir os temas de redação do ENEM na revista foi uma sugestão que a princípio acatei. Os temas já tinham sido trabalhados em algum momento pelos alunos, que haviam

escrito redações sobre os temas nas aulas de Redação e / ou Língua Portuguesa<sup>57</sup>, e seriam mencionados ou / e nos artigos propostos pelos alunos, e em um mural de humanidades, que faríamos em paralelo com a atividade de análise e construção da revista. Porém, com a pandemia, esses planos acabaram não acontecendo. Em um futuro próximo, já com essa experiência, pretendo fazer não só o mural, mas uma revista um pouco diferente dessa apresentada para a dissertação. Mas os ganhos pedagógicos dessa atividade, eu considero imensamente satisfatórios.

### **3.4 Colocando a mão na massa: a revista toma forma!**

A edição da revista em si se mostrou um desafio para mim, que não tinha passado ainda por essa experiência. Trabalhar um texto corrido de um romance, um livro de não-ficção e / ou biografia é algo complementemente diferente de se editar uma revista, que exige um olhar diferenciado, principalmente quando se trata de uma revista para fins pedagógicos. O espaço que cada artigo / matéria teve que ser revisto e adaptado durante o processo, e foi realmente a tarefa que me trouxe mais dificuldades. O aplicativo Canva, em sua versão paga, permite que formemos uma equipe, onde todos podem editar a revista juntos, acrescentando seus textos e imagens, conforme suas pesquisas e conclusões fossem avançando. Essa ideia foi abortada logo no início porque, conforme alguns alunos mesmo citaram, se algum grupo mexesse no trabalho do outro, poderíamos perder o trabalho do colega, nos obrigando a reorganizar tudo novamente. Então, resolvi ficar com a versão gratuita, que já conseguia cumprir com aquilo que eu precisava para a atividade. Pedi para que os alunos enviassem os textos para um e-mail que eu forneci, para facilitar a leitura e depois a inserção dos textos e imagens no esqueleto da revista que eu havia deixado pronto no Canva. Essa estratégia, apesar de alguns percalços, se tornou a melhor opção, visto que eu tinha os textos e imagens guardados, e pude ir acompanhando diariamente, a montagem da revista.

Durante a elaboração projeto para a defesa, passei por algumas experiências para decidir enfim como essa revista seria montada. Em um primeiro momento, pensei em contratar uma designer para montar a revista para mim, o que a deixaria com um ar mais profissional. Entrei com uma amiga escritora e jornalista, que possui experiência com

---

<sup>57</sup> Existia um projeto entre os professores de Redação e Língua Portuguesa onde eles se revezavam com as correções de redação, para que os alunos tivessem duas opiniões sobre como eles estavam tratando os temas de redação propostos no ENEM. Esse foi um dos motivos que desanimou os alunos a falar novamente sobre esses temas. Tínhamos combinado de fazer um mural de notícias sobre esses temas, porém, a pandemia impediu que essa atividade acontecesse.

Designer e Photoshop e ela montou alguns exemplos de capa a meu pedido; exemplos esses que apresento abaixo.

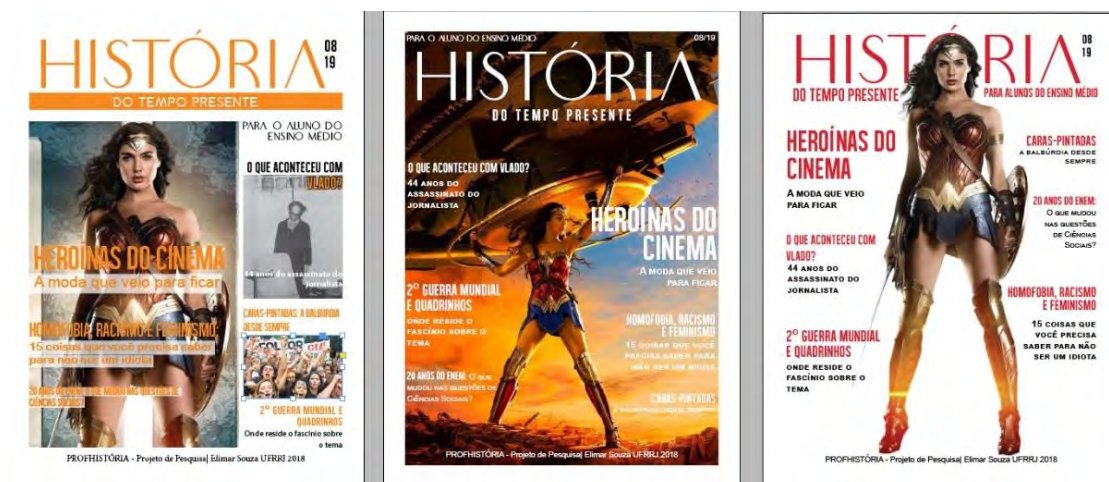


Figura 23: Exemplos de capas para a revista sobre a História do tempo presente para alunos do Ensino Médio, feitas pela jornalista e escritora Lucy Vargas, amiga da mestrand.

Usando a Mulher Maravilha como matéria principal no exemplo da figura 23, alguns artigos fictícios foram colocados já na capa, mostrando que matérias poderiam ser trabalhadas com os alunos e de que maneira o seu público-alvo (jovens do ensino médio), poderiam se interessar pelo conteúdo que a revista teria. Algumas propostas de artigos se mantiveram no produto final que apresento para essa dissertação, já que tais propostas eram oriundas de questões de Ciências humanas do ENEM, e foram sorteadas para a elaboração da revista. Outras foram criadas para dar corpo a ideia, e podem ser aproveitadas em um futuro próximo, fazendo algumas alterações no projeto original. Mas o que se concluiu é que, visualmente, tornar a história atraente para um público jovem e em idade escolar, é preciso passar por aquilo que eles estão consumindo e o que está sendo discutido / debatido nas redes sociais como um todo. O aluno busca essa informação, e costuma fixar aquilo que ele considera mais interessante. A revista aqui, se coloca como uma opção para atrair nossos alunos para a história disciplinar, ou seja, aquela que é aprendida da escola.





Figura 24: Exemplos de capas para a revista História do tempo presente, feitas pela mestranda.

No exemplo da figura 24, vemos algumas opções de capa feitas por mim, ainda com uma figura feminina como exemplo. Da esquerda para a direita, vemos a primeira capa com a Capitã Marvel como exemplo, em uma capa mais simples e sem as matérias / artigos propostos. No segundo exemplo, usando novamente a Mulher maravilha como imagem principal, houve uma tentativa de se colocar as matérias, deixando mais informações visíveis. Aqui a capa não ficou visualmente interessante, já que exigia um conhecimento um pouco maior de designer, algo que eu não possuía no momento em que essa capa foi feita. No terceiro e último exemplo dessa figura, usei novamente a Capitã Marvel, também um exemplo mais simples e sem muitas informações. Ao mostrar esses exemplos para uma turma de terceiro ano do Ensino Médio, a escolha decaiu para as capas da figura 24, algo que eu já desconfiava que aconteceria. Mas em todos os casos, as matérias fictícias chamaram a atenção dos alunos de forma positiva, algo que atribuo as imagens escolhidas para as capas.



## Nota do Editor

A urgência em ter uma revista destinada a História do Tempo Presente aos alunos do Ensino Médio se fez mais do que necessária. Em tempos sombrios, educadores precisam criar instrumentos para fortalecer nossa juventude, levando a construção de um pensamento crítico e possibilidade de conhecer mais de nossa própria história.

A revista HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE para alunos do Ensino Médio é uma ferramenta para professores e alunos, onde a reflexão se torna a principal arma para um Brasil livre do Fascismo e do conservadorismo. A proposta é que ela se torne, primeiramente uma revista digital de fácil circulação entre estudantes do Ensino Médio, principalmente, mas que possa ser lida por públicos das mais diversas idades. A única arma realmente eficaz contra a ignorância é a Educação.

**Prof<sup>a</sup> Elimar Souza**  
MESTRANDA DE ENSINO DE HISTÓRIA  
UFRRJ

**Que tipo de reflexões nossos alunos precisam fazer em tempos sombrios?**

**PROFHISTÓRIA**

página | 01

Figura 25: Exemplo para a nota do editor da proposta de revista pedagógica para essa dissertação.

Essa nota do editor foi montada no Canva, logo no início da escrita dessa dissertação, e demonstra os temas que estavam (e ainda estão) se apresentando para nós professores e que exigiam de nós colocações pontuais para os debates que se seguiriam em sala de aula. São assuntos que não saíram da sala de aula, e devem permanecer por um bom tempo ainda.

<h1>Sumário</h1>	
	<p><b>03 NOTA DA EDITORA</b> A emergência de uma revista de História do Tempo Presente para jovens no Ensino Médio</p>
	<p><b>04 HEROÍNAS NA TELA</b> Personagens femininas ganham força no cinema, servindo de exemplo para nossas garotas Por Janine Barbosa</p>
	<p><b>07 2ª GUERRA E QUADRINHOS</b> Porque o fascínio pelo tema Por Rômulo Nobrega</p>
	<p><b>10 HOMOFOBIA, RACISMO E FEMINISMO</b> 15 coisas que você precisa saber para não ser considerado um Idiota Por Vanessa de Oliveira</p>
	<p><b>12 20 ANOS DE ENEM</b> O que mudou nas questões de Ciências Humanas. Por Ricardo Jacob</p>
	<p><b>17 SERENA WILLIAMS RAINHA, O RESTO NADINHA</b> Porque mulheres negras em posição de destaque incomodam tanto Por Tuanny Lamelirão</p>

Figura 26: Primeira parte do exemplo de Sumário para a revista pedagógica. Os artigos são fictícios e os nomes são de colegas de turma do mestrado / turma 2018

A proposta do sumário foi uma pequena homenagem para os colegas com quem cursei o mestrado. Apresentei algumas opções de artigos para serem trabalhados com os alunos. Cada tema apresentado no sumário tem relação com alguma atividade que realizei, seja como professora ou já como aluna do mestrado.



**18 MEMÓRIA DE DESAPARECIDOS**  
Quem foi Stuart Edgar Angel Jones?  
Por Thiago Carvalhaes

**19 10 FILMES PARA VER ANTES DO ENEM**  
Uma lista de filmes para chegar no dia da prova pronto para o que der e vier.  
Por André Belizário

**21 HISTÓRIA E SOCIOLOGIA**  
A importância de se ler a obra de Jesse Souza no Ensino Médio.  
Por Anna Lulza Portugal

**23 A GENTE INDICA**  
Cinco livros sobre negritude que você precisa ler  
Por Saulo Vinicius

**25 CINCO PERGUNTAS PARA...**  
Angelita Paiva entrevista Marcia Tiburi

**26 DIÁLOGOS COM PROFESSOR**  
Os professores Alessandro Araújo e Moisés Pires conversam sobre os desafios de lecionar História em tempos sombrios.

**28 ESTUDAR HISTÓRIA AINDA FAZ SENTIDO?**  
A Doutora Rebeca Gontijo responde a pergunta para alunos e professores da Educação Básica.





página | 03

Essa experiência se mostrou importante e decisiva para a escolha em definitivo da revista, pois ela conseguiu materializar alguns pontos que eu considero importantes em sala de aula: a pesquisa, a escrita e a valorização intelectual dos alunos. A análise das questões e os debates que seguiram depois, mostraram para mim algumas lacunas de conhecimento dos alunos, algo que alguns deles puderam perceber de imediato. Já outros, ancoradas na igreja e na família, mostraram certa dificuldade em perceber a importância

da pesquisa e no exercício de ouvir o outro, algo que foi preciso considerar durante a elaboração da revista.

Na sequência didática proposta nessa dissertação, trabalhamos a resolução das provas de Ciências humanas do ENEM, destacando as questões onde a História do tempo presente pudesse ser trabalhada, e posteriormente, o desenvolvimento das atividades de pesquisa, debate e construção dos artigos para a montagem da revista

### **3.5 Sequência Didática: como professores de história podem construir sua própria revista com os alunos**

Fazer uma sequência didática se torna imprescindível para a construção da revista proposta nesta dissertação. Mas longe de achar que tal sequência é o modelo ideal de construção da mesma, caso outros colegas tenham interesse de fazer a atividade com seus alunos. O que propomos aqui é uma dentre tantas possibilidades que o professor de História pode experimentar, sozinho com sua disciplina, ou em parceria com outros colegas, montando assim um projeto interdisciplinar.

Apesar da grande importância da sequência didática para o professor, muitos acreditam que se trata de “mais trabalho para o professor”. Segundo José Carlos Libâneo (1990), o trabalho do professor seria uma atividade consciente e sistemática, sempre ligada às concepções sociais e a experiência de vida dos alunos, e é daí que reside a importância de tal instrumento, que vai sendo construído e adaptado de acordo com aquilo que nossos alunos precisam e pleiteiam.

Sequência didática, para Antoni Zabala (2010) seria “*Uma série ordenada e articulada de atividades que forma unidades didáticas*”, ou seja, seria através dela que o professor conseguiria que a aprendizagem acontecesse, através de conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais<sup>58</sup>. O conceito de sequência didática que mais se encaixa com aquilo que acredito é a de Joaquim Dolz (2004) que diz: “*O trabalho com sequências didáticas permite a elaboração de contextos de produção de forma precisa, por meio de atividades e exercícios múltiplos e variados com a finalidade de oferecer aos alunos noções, técnicas e instrumentos que desenvolvam suas capacidades de expressão oral e escrita em diversas situações de comunicação*”. (DOLZ, 2004. P. 47)

---

<sup>58</sup> Os chamados conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais estão vinculados aos quatro pilares da educação que, segundo os eixos temáticos dos PCNS, são compostos pelos seguintes saberes: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. Sabemos que esse é um tema que exige muito mais do que uma simples referência pode oferecer, porém, deixo evidenciado aqui que o assunto exige muito mais do que essa dissertação alcança.

Para a elaboração dessa sequência didática, seguimos algumas orientações indicados por Zabala, que nos orienta a fazer algumas perguntas sobre as atividades propostas. Na sequência didática proposta, existem atividades:

- 1) que permitem avaliar quais conhecimentos prévios os alunos possuem sobre o (s) assunto (s) que o professor trará?
- 2) significativas e funcionais para os alunos?
- 3) adequadas ao nível de desenvolvimento de cada aluno?
- 4) que representem um desafio que o aluno possa alcançar?
- 5) que leve em conta aquilo que ele sabe fazer, permitindo a ele avançar?
- 6) que provoque um conflito cognitivo e que promova a atividade mental do aluno, necessário para que ele faça ligações entre aquilo que é novo e os seus conhecimentos prévios?
- 7) que gerem uma atividade motivadora em relação à aprendizagem de novos conteúdos?
- 8) que estimulem a autoestima e o autoconceito em relação à aquilo que se propõe?
- 9) que ajudem o aluno a se tornar cada vez mais autônomo em suas aprendizagens?
- 10) que lhe ajudem a entender e decifrar o mundo que o rodeia, criticando-o, se assim achar necessário.

Ao pensar na construção da revista, além de todo o conteúdo proposto, que já geraria por si só bastante trabalho para envolver sua elaboração. Existem alguns programas gratuitos e de fácil manuseio, onde tanto professor e alunos podem mutualmente montar a revista, deixando-a pronta para impressão, quanto sua versão on-line.

Nossa sequência didática foi pensada como uma atividade somente para a disciplina História, tendo como principal objetivo norteador as provas de Ciências Humanas do ENEM. Com a intenção de se chegar o mais próximo daquilo que escolas do Rio de Janeiro<sup>59</sup> pedem para nós professores, a sequência didática será aqui apresentada em um formato esquemático, descrevendo tema central, conteúdos trabalhados, o tempo necessário para a execução da mesma, assim como o material (recursos) necessário, a metodologia, as atividades propostas e os instrumentos avaliativos das mesmas.

---

<sup>59</sup> Por ser visto por muitas escolas (particulares e públicas) como o início de uma jornada para a universidade, o Ensino Médio acaba exigindo um olhar diferenciado, pois além de todas as atribuições que o segmento exige, não se pode esquecer que o ENEM está no horizonte de expectativas dos alunos.

Sequência Didática  
Ciências Humanas, ENEM, História do tempo presente  
Educação Básica  
Série: 3º ano do Ensino Médio

**Tema:** Decifrando e analisando as provas de Ciências Humanas do Enem.

**Conteúdos a serem trabalhados:** As questões de Ciências Humanas das provas do ENEM (2009-2019), assim como os temas dessas questões que foquem na História do tempo presente.

**Tempo necessário para a execução da Sequência Didática:** em média 12 aulas (cada aula corresponde a dois tempos de 50 minutos)

**Material necessário:** Celular com internet, o aplicativo CANVA instalado no celular (ou no notebook), caderno, canetas, lápis, borracha, folhas brancas A4, canetinhas coloridas, lápis de cor, lápis de cera, etc.

**Metodologia:** Aulas expositivas (quando necessárias), simulados com questões selecionadas, seminários, debates, montagem de uma revista pedagógicas voltada para História do tempo presente, construção de um mural, etc<sup>60</sup>.

.....

**Aulas 01 e 02**

**Organização da turma:** Sugere-se que os alunos se organizem em uma roda em um primeiro momento, para ouvir / discutir a execução da (s) atividades (s) que virão a seguir.

**Introdução:** A aula introdutória será sobre a história do ENEM e seus objetivos. Apresentar uma breve comparação entre as provas de Ciências Humanas das mais antigas

---

<sup>60</sup> No quesito “metodologia”, o professor é livre para fazer as escolhas que achar mais convenientes para seus alunos. Longe de ser uma proposta engessada, essa sequência de didática se apresenta muito mais como uma possibilidade pedagógica, que pode e deve ser adaptada de acordo com as questões que permeiam cada alunado. No nosso caso, a proposta de se fazer um mural acabou não acontecendo, mas é algo que pretendo fazer em outra oportunidade.

para os mais novos, mostrando as diferenças e as permanências da prova ao longo do seu tempo de existência.

**Desenvolvimento:** Os alunos receberão questões das provas dos anos de 2009 e 2010, questões essas que correspondem ao recorte histórico que ainda pode ser “tocado” pelo momento atual. Os alunos deveriam, não só resolverem as questões propostas, como também analisá-las criticamente. Para tal tarefa, sugerimos que eles se dividissem em grupos de 3, 4 ou / e 5 alunos. A sugestão é fazer com que os alunos não somente falem sobre o tema da questão, mas que também pesquisem sobre o assunto.

**Conclusão:** Os alunos devem escrever um pequeno relatório sobre cada questão, dizendo o que lhes chamou mais atenção, o que eles encontraram em suas pesquisas e qual foi a média de erros e acertos de cada grupo. O relatório pode ser concluído em casa e entregue na próxima aula.

**Avaliação:** A professora avalia o processo e as discussões geradas pela análise das questões e os relatórios feitos pelos alunos. A princípio, o planejamento inicial foi pensado para uma aula de dois tempos de 50 minutos cada, porém, o debate que se seguiu acabou por consumir mais tempo, algo que considerei positivo, pois me deu ferramentas para pensar no processo de construção da revista com mais atenção. As aulas seguintes já foram pensadas para serem “duplicadas”, uma mudança no que seria o planejamento inicial dessa sequência didática.

---

### Aula 03 e 04

**Organização da Turma:** Alunos são organizados em grupos de 3, 4 ou/e 5, de acordo com o que o professor achar que for conveniente e proveitoso para a sua turma, como também de acordo com os pedidos feitos por eles. Essa organização se dará conforme os alunos mostrarem a dinâmica que criarem para a execução das pesquisas que fizerem.

**Introdução:** Durante essas aulas o professor analisará as questões das provas anteriores feitas pelos alunos, assim como as impressões gerais que os mesmos tiveram delas. Parte da aula será dedicada a discutir, de maneira breve, os temas apresentados nas questões das provas de 2009 e 2010. Os alunos também serão incentivados a falar sobre suas



dúvidas e dificuldades na elaboração das questões, assim como as pesquisas que fizeram sobre os temas de cada questão.

**Desenvolvimento:** Os alunos continuaram a fazer a atividade da aula anterior, porém agora com as questões das provas de 2011 e 2012. Além de resolverem as questões, devem fazer uma análise crítica das mesmas.

**Conclusão:** Como lição de casa, os alunos devem responder as questões das provas de 2013, 2014 e 2015, fazendo uma avaliação das mesmas, juntamente com um relatório. Dessa vez, a atividade será individual.

**Avaliação:** A professora avaliará a participação dos alunos na aula sobre suas impressões em relação a elaboração das questões passadas na aula anterior. Mesmo propondo grupos de até três alunos, houveram casos de duplas e até mesmo um individual, depois da entrada de uma aluna durante o ano letivo. Alguns grupos se uniram para discutir os temas e se dividiram na hora de pesquisar / escrever o artigo, algo que avaliei como sendo positivo. A discussão dos temas das questões que, inicialmente, planejei para serem breves, acabaram tomando uma boa parte do tempo da aula. A ideia de fazer um relatório individual vem da necessidade de conhecer um pouco mais sobre as possíveis dificuldades de escrita de cada aluno.

---

## Aula 05 e 06

**Organização da turma:** Nessa aula os alunos ficarão organizados em uma roda e, posteriormente, se dividirão nos grupos que foram criados nas aulas anteriores.

**Introdução:** Os alunos receberão revistas dos mais variados tipos e estilos – Veja, Época, Capricho, Contigo, Superinteressante, Claudia, etc, em suas versões digitais (PDF) e física. O professor recolhe a atividade da aula passada. O professor pede que os alunos analisem as revistas e que visualizem o máximo de revistas que puderem.

**Desenvolvimento:** Os alunos vão discutir entre si as diferenças e semelhanças entre as revistas que foram distribuídas. A proposta é que eles percebam as diferentes maneiras de se falar sobre diversos assuntos. Nessa aula já se pode sugerir que eles pensem nos

temas das questões sendo aplicadas nas diferentes colunas que uma revista construída por eles e para eles<sup>61</sup>.

**Conclusão:** Os alunos deveriam refletir sobre quais matérias e colunas mais chamaram a atenção nas revistas analisadas e quais eles sentiram que poderiam fazer / escrever, tendo como referências as questões das provas anteriores já analisadas e das questões que eles vão analisar e apresentar em forma de seminário para a próxima aula. As questões para esse seminário serão referentes as provas de Ciências Humanas de 2016, 2017 e 2018, com as questões pré-selecionadas pelo professor e que estejam dentro do período histórico delimitado para essa sequência didática (História do tempo presente).

**Avaliação:** Nessa aula, o professor pede para que os alunos façam uma autoavaliação, comparando as revistas com as mídias sociais que eles usam atualmente<sup>62</sup>. Aqui o professor analisa o que os alunos consideram mais atraente e o que chamam a atenção na hora de escolher a mídia social para acompanhar e ter um perfil. Isso ajudará na construção da revista, que pode ser editada em conjunto com os alunos.

---

## Aula 07 e 08

**Organização da turma:** Organizados em uma roda, os alunos dividirão as questões das provas pedidas entre os grupos do Seminário<sup>63</sup>.

**Introdução:** O professor inicia a aula apresentando de maneira mais detalhada possível a construção da revista sobre História do tempo presente, explicando o conceito de HTP e relacionando as questões que eles têm feito com as matérias / colunas que estão presentes na revista.

---

<sup>61</sup> Aqui cabe uma interferência do professor. Durante a análise das revistas, é importante que os alunos entendam que tais revistas possuem uma linha editorial, que vai ditar o posicionamento político que a mesma possui. Isso vai ditar a maneira com que as matérias vão ser noticiadas, a forma como vão tratar determinadas figuras públicas, etc.

<sup>62</sup> Acostumados a textos cada vez mais curtos, como eles definiriam a experiência de ler uma revista com textos mais longos hoje? As novas gerações ainda conseguem se prender com uma mídia que, para muitos, está caindo em desuso? A resposta dessa questão servirá como um possível combustível para a revista que eles pretendem construir.

<sup>63</sup> Essa divisão pode ser feita na aula anterior. Levando em conta que são 35 questões e os alunos precisam falar sobre o tema da questão, as dificuldades em responde-las, e o que encontram sobre a mesma, pode ser que essa atividade se prolongue por mais de uma aula.

**Conclusão:** Os alunos farão um apanhado sobre os temas que mais lhe chamaram a atenção, refletindo sobre as inúmeras possibilidades de se explorar as temáticas das questões feitas por eles. Como atividades para cada, os alunos devem fazer as questões da prova de 2019.

**Avaliação:** A avaliação deve ocorrer durante a apresentação do seminário, e ser feita tanto pelo professor quanto pelos alunos, onde se avaliaria o que eles sabem agora sobre os temas das questões que eles fizeram.

**Desenvolvimento:** Essa aula será dedicada a apresentação dos Seminários sobre as questões das provas de 2016, 2017 e 2018. Eles farão uma exposição sobre os temas das questões e o que eles descobriram a mais sobre tais temas; uma leitura e análise da questão em si; e o desempenho do grupo na elaboração das questões.

**Conclusão:** Os alunos farão um apanhado sobre os temas que mais lhe chamaram a atenção, refletindo sobre as várias possibilidades de explorar os temas das questões feitas por eles. Como atividade para casa, os alunos devem fazer as questões da prova de 2019 e pesquisar os temas das redações do ENEM de 2009 a 2019.

**Avaliação:** A avaliação pode ocorrer durante a apresentação do seminário, e ser feita tanto pelo professor quanto pelos alunos, onde se avaliaria o que eles sabem agora sobre os temas das questões que eles fizeram.

.....

### Aula 09 e 10

**Organização da Turma:** Os alunos podem ficar organizados em círculo.

**Introdução:** Nessa aula a sugestão é para que o professor sorteie dois temas das questões que foram dadas aos alunos ao longo das quatro aulas passadas (incluindo as questões de 2019), para que as matérias / colunas possam enfim serem construídas por eles.

**Desenvolvimento:** Depois do sorteio dos temas e colunas para a revista, os alunos serão divididos em grupos, decidindo como os artigos / colunas serão construídos para a revista.

Ao longo da aula, os alunos serão incentivados a montar um roteiro / esqueleto de suas colunas.

**Conclusão:** Ao longo da aula o professor acompanhará a construção do roteiro / esqueleto, dando aval para que eles deem prosseguimento na construção dos artigos / colunas. O professor pode pedir para a próxima aula o primeiro esboço de seus artigos / colunas. O professor deve incentivar que tais artigos já estejam colocados no “Canva”<sup>64</sup>.

**Avaliação:** O professor avaliará os roteiros que forem feitos durante a aula.

---

## Aula 11

**Organização da turma:** Os alunos serão organizados em grupos de quatro ou cinco alunos.

**Introdução:** Essa aula será destinada a discutir / debater o conteúdo dos artigos / colunas de cada aluno.

**Desenvolvimento:** Os alunos devem trocar informações e dicas sobre os artigos que escreveram. Durante a aula, eles podem ler em voz alta o que já escreveram para ouvirem sugestões dos colegas e do professor.

**Conclusão:** Essa aula já seria uma das últimas para a conclusão da revista. Já com um esboço no “Canva”, se sugere que o professor a apresente no “data show” para os alunos, para que eles possam ter uma ideia de como a revista vai ficar ao ser finalizada.

**Avaliação:** Ao longo da aula, o professor avalia como os alunos estão abordando os temas pesquisados, assim como as sugestões dadas e todo o processo de construção da revista. Para a próxima aula, os alunos precisam trazer a versão final de seus artigos e finalizar a montagem da revista.

---

<sup>64</sup> O professor, juntamente com a equipe editorial formada previamente por ele, iniciará a montagem da revista, já tendo assim o primeiro esboço da mesma. A ideia sempre foi deixar pronto um esqueleto para que os alunos pudessem ir anexando seus textos e imagens.

## **Aula 12**

**Organização da turma:** Os alunos serão organizados em um círculo.

**Introdução:** Nessa aula, o professor pede aos alunos que sinalizem suas impressões sobre o processo que levou a construção da revista.

**Desenvolvimento:** Com a intenção de avaliar a validade da revista para o público adolescente / jovem, professor e alunos vão discutir o quanto a revista pode de fato atingir um público mais jovem, contribuindo para uma melhor compreensão dos temas da História do tempo presente e ajudando a resolver as questões do ENEM.

**Conclusão:** Sendo a última aula, a proposta é fazer uma avaliação da atividade como um todo. Saber o que os alunos mais gostaram e o que menos gostaram, como eles acham que a atividade pode melhorar, etc.

## APONTAMENTOS FINAIS

A presente dissertação e o produto construído durante essa pesquisa tinham como intenção compreender a história do tempo presente sob uma perspectiva mais próxima do Ensino Médio, pensando, analisando e debatendo questões das provas de Ciências Humanas do ENEM que também focassem em temas onde a História do tempo presente estivesse inserida. Ao pensar a História do tempo presente no espaço escolar e o seu impacto junto ao presente dos alunos, pude fazer um balanço sobre como eles compreendem o presente, e como analisam os fatos históricos que estão mais próximos a eles. Ao pensar sobre a HTP, não como um evento, mas sim como um problema a ser resolvido, fez com que eu, como professora, pensasse na instrumentalização que esse trabalho poderia gerar, incentivando alunos a escrever melhor, além de incentivá-los a pesquisar os temas propostos, ampliando o número de fontes acessadas por eles para a construção da revista.

Um dos maiores desafios, apontado inclusive pelo professor Daniel Pinha no exame de qualificação, foi o lidar com a história que eles aprendem na internet. Ao criticar o professor de História, muitos afirmaram que o este não dizia “toda a verdade”, deixando que suas escolhas políticas influenciassem naquilo que eles escolhiam dizer em sala de aula. Sendo parte de uma categoria que deveria dizer apenas a “verdade”, o professor seria uma figura que gera desconfiança, já que não conseguiria deixar de lado suas “convicções políticas”, se deixando influenciar por elas, comprometendo assim o trabalho que realiza junto aos seus alunos. O que a execução da revista mostrou é que para descobrir “verdades”, é preciso entender, debater e pesquisar sobre os temas, fortalecendo e criando argumentos para não cair no “achismo” e no senso comum, algo que acabou por incentivar que eles falassem mais sobre os temas, estimulando também uma pesquisa mais elaborada, na hora de escrever sobre os temas propostos.

Diante disso, esse trabalho teve também como proposta elaborar uma reflexão e uma ação. Reflexão porque me fez pensar sobre outras possibilidades de se estudar para o ENEM, algo que nem sempre foi uma questão para mim, mas passou a fazer parte do meu cotidiano como professora, assim que passei a trabalhar com o Ensino Médio. E ação exatamente por ter feito algo “diferente” aos olhos dos alunos, conseguindo analisar tais provas sob uma nova perspectiva, onde os temas passaram a ser trabalhados dando mais voz e liberdade aos alunos.

Ao desconstruir a prova do ENEM trabalhando com questões onde a HTP estivesse presente, deixando com que os temas sensíveis aparecessem naturalmente

durante os debates e as análises feitas pelos alunos, minha proposta era fazer com que os alunos olhassem também para o presente, se inserindo nos acontecimentos que os cercam, elaborando de maneira mais clara argumentos que poderiam utilizar tanto na vida quanto nas provas que viessem a fazer. Confesso que a utilidade da história para a vida sempre foi o meu foco principal como professora, porém, depois de ouvir uma crítica de uma colega do mestrado (obrigada Ana Luiza!), algo que agradeço profundamente, notei que eu precisava dar maior importância para o ENEM, principalmente para os meus alunos de comunidades mais carentes. A aprovação, na maioria dos casos, significa um vislumbre mais positivo para o futuro, e hoje esse tem sido uma das minhas principais metas.

Creio que um dos pontos altos dessa pesquisa foi exatamente a interação que tive com os adolescentes para a realização da revista. Sendo uma das atividades que pude fazer tendo contato presencial, visto que ainda estávamos (e estamos) vivenciando uma pandemia, acredito que parte da empolgação de alguns alunos se deu por finalmente terem saído de casa, já que muitos ainda estavam impedidos de realizar suas atividades normais. Se a atividade fosse iniciada hoje, eu teria tomado algumas decisões diferentes, como gravar as aulas para uma análise posterior; incluiria outros professores e disciplinas, dando a revista um peso maior; dividiria mais responsabilidades entre os alunos, dentre outros que não incluirei aqui, mas que também poderiam ser úteis para tornar a revista mais útil e prática para os alunos.

A discussão aqui apresentada sobre a História do tempo presente me serviu como uma importante reflexão que levo para a sala de aula, visto que, desde o início do mestrado, tive dúvidas em tratar a HTIP apenas como um tema, e optei por seguir dois caminhos, o temático e o cronológico. Isto porque, ao pensar no produto aqui apresentado, quis que teoria e prática fossem vistos caminhando lado a lado, ajudando o professor a pensar na questão do ensino-aprendizagem. Ao tornar as questões do ENEM em problemas a serem entendidos e resolvidos, os alunos passaram a entender sobre tais assuntos a partir de suas próprias experiências, colocando para os colegas e para o professor um pouco do seu próprio cotidiano. Com isso, as ideias e opiniões do senso comum foram sendo expostas em sala de aula, e ao se tornarem visíveis, puderam ser debatidas e confrontadas.

Na elaboração do referencial teórico, minha maior dificuldade em toda a redação dessa dissertação, ao fazer a escolha de falar sobre a formação da consciência histórica dos alunos, o uso dos trabalhos dos teóricos Jörn Rüsen e Luis Fernando Cerri foram base

para compreender<sup>65</sup> melhor a articulação que eles fazem sobre suas próprias temporalidades, fazendo uso de suas consciências históricas para interpretar o mundo que os rodeia, assim como as provas do ENEM que se tornou um dos principais objetivos, dessa dissertação. Ainda sobre as reflexões feitas sobre consciência histórica, a leitura de dissertações de colegas do programa Profhistória, algo que sugiro aos futuros colegas que se aventurarem no mestrado profissional, muito me ajudaram a pensar sobre como o ensino de história poderia auxiliar nas diretrizes para a criação de aulas que fizessem mais sentido para os alunos.

A intenção que tive com a revista foi mostrar um olhar mais sensível sobre as preocupações dos alunos, apresentando-a como o resultado de suas investigações, pesquisa e opiniões, agora mais fundamentadas.

O objetivo aqui foi fazer uma análise das questões onde a história do tempo presente estivesse inserida, criando assim desdobramentos em cima dos temas abordados, aumentando as opções de assuntos a serem trabalhados / discutidos com os alunos. Os temas sensíveis nesse ínterim ganham destaque nesse contexto, exatamente por exigirem uma maior atenção, tanto por parte de nós professores quanto dos alunos. Essa atividade me ajudou a perceber como os alunos pensavam e sentiam o tempo, assim como se colocavam nesse tempo que eles acreditavam “conhecer muito bem”<sup>66</sup>.

Longe de encerrar as discussões que dei início para essa pesquisa, vejo essa dissertação como um primeiro passo para uma mudança significativa para minha prática docente. Mudança essa que precisa percorrer um longo caminho no presente, para que o futuro que desejo para meus alunos e colegas possa ser mais claro e sem tantos percalços. Um futuro onde o presente seja mais esperançoso do que o atual. E nisso a Educação continua fazendo o seu trabalho.

---

<sup>65</sup> O mais importante da teoria da consciência histórica é justamente apontar a "utilidade" da história. O sentido prático da história é auxiliar nos caminhos de orientação para / na vida; compreensão das possibilidades de escolhas, limites, probabilidades, participação social, lugar de fala... Do jovem, do seu grupo social...

<sup>66</sup> A maioria dos alunos, quando perguntados sobre o tempo em que vivem, acreditam estar bem informados. O que pude notar é que eles sabem das coisas “na superfície”, não se aprofundando em nada realmente. Muitos não sabiam coisas básicas sobre política, história, ciências, etc.



**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ALBIERI, Sara. História Pública e consciência histórica. In: Almeida, Juniele Rabelo de & Rovai, Marta G. de O. Introdução à História Pública. São Paulo: Letras e Vozes, 2011.
- AMADO, Janaína. A culpa nossa de cada dia: ética e história oral. Proj. História; São Paulo, (15), abr. 1997.
- ASSIS, Arthur. A Teoria da História de Jörn Rüsen: uma introdução. Goiânia: Editora UFG, 2010.
- BALANDIER, Georges. [1951]. A Situação Colonial: abordagem teórica. Cadernos Ceru v.25, n. 1, dezembro 2014.
- BARCA, Isabel. Concepções de adolescentes sobre múltiplas explicações em História. In: BARCA, Isabel. Perspectivas em Educação Histórica. Braga: Universidade do Minho, 2001, p. 29-43.
- \_\_\_\_\_. O pensamento histórico dos jovens. Braga: Universidade do Minho, 2000.
- BARROS, José d'Assunção. Os conceitos na história: considerações sobre o anacronismo. *Ler História*, 71. 2017, p. 155-180.
- BARON, W. C. C. Os micro campos da Didática da História: A teoria da história de Jörn Rusen, pesquisas acadêmicas e o ensino da história. *Revista de Teoria da História*, v. 11, p. 15-67, 2014.
- \_\_\_\_\_. Didática da História e consciência história: pesquisa na Pós-graduação brasileira (2001-2009). Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Ponta Grossa, 2012.
- BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença na história. In: AMADO, Janaína; CHAUVEAU, Agnés; TÉTART, Philippe. Questões para a história do presente. São Paulo: EDUSC, 1999.
- BERGAMIN, Fabíola Matte Bergamin. Currículo e Exame Nacional do Ensino Médio: rupturas e permanências na conformação dos saberes históricos escolares. Dissertação de mestrado em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2013, 193 f.
- BERNSTEIN, S.; MILZA, P. Conclusão. In: CHAUVEAU, A.; TÉTARD, P. Questões para a história do presente. Bauru: EDUSC, 1999. p. 127-130.
- BITTENCOURT, Circe. Os confrontos de uma disciplina escolar: da história sagrada à história profana. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 13, n. 25-26, set. 92/ago. 93, p. 193-221.
- BLOCH, Marc. Apologia da História. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

BORGES, Viviane Trindade. As falas gravadas pelos outros: fontes orais, arquivos orais e arquivos sonoros, inquietações da história do tempo presente. *Diálogos – Revista do Departamento de história e do Programa de pós-graduação em história* 16 (2), 2012.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979. 402p.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CABRINI, C. (Org.). *O ensino de história: revisão urgente*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CAIMI, Flávia Eloisa. Fontes históricas na sala de aula: uma possibilidade de produção de conhecimento histórico escolar? *Anos 90, Porto Alegre*, V. 15, n. 28, p. 129-150, dez. 2008.

CÁSSIO, Fernando (org.). *Educação contra a Barbárie: Por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar*. São Paulo: Editora Boitempo, 2019.

CERRI, L. F. Didática da História: uma leitura teórica sobre a História na prática. *Revista de História Regional*, V. 15, p.264-278, 2010.

\_\_\_\_\_. *Ensino de história e consciência história. Implicações didáticas de uma discussão contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

\_\_\_\_\_. *Ensino de história e nação na propaganda do “milagre econômico” – Brasil: 1969-1973*. 2000, 304f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 304f.

\_\_\_\_\_. Os conceitos de consciência história e os desafios da Didática da História. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, PR, v. 6, n.2, p. 93-112, 2001.

\_\_\_\_\_. Saberes históricos diante da avaliação do ensino: notas sobre os conteúdos de história nas provas do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.24, n° 48, 2004, p.213-231.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

CHAUVEAU, A; TÉTARD, Ph (orgs). *Questões para a história do presente*. Bauru: Edusc, 1999.

COLAÇO, Thais Luzia. *Novas perspectivas para a antropologia jurídica na América Latina: o direito e o pensamento decolonial*. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2012.

COSTA, A. J. D. *O ensino de história e suas linguagens*. Curitiba: Ibplex, 2011.

COSTA NETO, Antonio Gomes da. A Denúncia de Cesáire ao Pensamento Decolonial. *Revista EIXO, Brasília – DF*, v. 5, n. 2, julho-dezembro de 2016.

CUESTA FERNANDES, Raimundo. *Clio em las aulas*. Madrid: Akal, 1998.

\_\_\_\_\_. *Sociogénesis de uma disciplina escolar: la Historia*. Barcelona: Ediciones Pomares-Corredor, 1997.

DE CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 135p.

DELGADO, Lucília de Almeida Nevez; FERREIRA, Marieta de M. *História do tempo presente e ensino de História*. *Revista História Hoje*, v. 2, nº 4, p. 19-34, 2013.

DIDI-HUBERMAN. *Diante do tempo: História da arte e anacronismo das imagens*. Trad. Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: UFMG, 2015.

DOSSE, François. *História do tempo presente e historiografia*. *Tempo e Argumento* 4 (1), 05-22, 2012.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. *Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento*. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola*. [Tradução e organização: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro]. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

FÁVERO AREND, Silvia Maria, Fábio Macedo. *Sobre a História do tempo presente: Entrevista com o historiador Henry*. *Tempo e Argumento* [Online], 1.1 (2009): p. 201-216.

FERREIRA, Marieta de M. *História do tempo presente: desafios*. *Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000.

\_\_\_\_\_. *Demandas sociais e história do tempo presente*. In: VARELLA et al. (Org.) *Tempo presente e usos do passado*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2012. 195p.

\_\_\_\_\_.; AMADO, Janaína (Org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996. *História do tempo presente e ensino de História* Dezembro de 2013.

\_\_\_\_\_. ; FRANCO, Renato. *Aprendendo História*. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2013.

\_\_\_\_\_. ; *História, Tempo presente e história oral*. *Topoi*, Rio de Janeiro, dezembro. 2002, pp. 314-332.

FERREIRA, Marieta de M.; DELGADO, Lucília de Almeida. *História do tempo presente e ensino de História*. *Revista Hoje, Revista de História e ensino*, v. 7. n. 13. Jan./jun. 2018.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de Ensino de História*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

- FICO, Carlos. História do tempo presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis: o caso brasileiro. *Varia hist.* [online]. 2012, vol. 28, n. 47.
- FIORUCCI, Rodolfo. Considerações acerca da História do tempo presente. In: *Revista Espaço Acadêmico*. N. 125, outubro de 2011.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FREIRE, Paulo. In: WITTMANN, Lauro Carlos et al. *Conselho escolar como espaço de formação humana: círculo de cultura e qualidade da educação*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. Disponível em: Acesso em: 23 set. 2019.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GINZBURG, Carlo. *Relações de força: história, retórica, prova*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- GONÇALVES, Janice (org.). *História do tempo presente: oralidade – memória – mídia*. Itajaí, SC: Casa Aberta, 2016.
- GRUZINSKI, Serge. O historiador, o macaco e a centaura: a “história cultural” no novo milênio. In: *Estados Avançados*, v. 17, n. 49, São Paulo, p. 321-342, 2003.
- HABERMAS, Jurgen. *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Rio de Janeiro: Vértice, 1990. 351p.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. 2ª ed. Petrópolis: Vozes; 2007.
- HOBSBAWM, Eric J. Não basta a história de identidade. In: \_\_\_\_\_. *Sobre a História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.281-293.
- \_\_\_\_\_. *O presente como História*. In: *Sobre a história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.243-255.
- \_\_\_\_\_. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*, São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. 2.ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. 116p.
- LACOUTURE, Jean. A história imediata. In: LE GOFF, Jacques (org.). *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- LAGROU, Pieter. A História do tempo presente na Europa depois de 1945: como se - constituiu e se desenvolveu um novo campo disciplinar, *Revista Eletrônica Boletim do TEMPO*, Ano 4, N°15, Rio de Janeiro: 2009. Disponível em:

[http://.tempopresente.org/index.php?option=com\\_content&task=view&id=4882&Itemid=147](http://.tempopresente.org/index.php?option=com_content&task=view&id=4882&Itemid=147).

LAGROU, Pieter. Sobre a atualidade da história do tempo presente. In: PÔRTO JR., Gilson (org.). História do tempo presente. Bauru, SP: Edusc, 2007, p. 31-48.

LATTMAN-WELTMAN, Fernando. “História Imediata” da imprensa e da mídia brasileiras: pré-condições e significados. *Jornal da Rede Alfredo de Carvalho*. Ano 1, nº 11, 7 de dez. 2001. Disponível em: [www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/boletins](http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/boletins). Acesso em 7 ago. 2006.

LAVAL, Christian. *A escola não é empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino médio*. São Paulo: Editora Boitempo, 2019.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

LEITE, Lilian Ianke. *História do tempo presente e história da Educação: Reflexões necessárias*.

LIDDINGTON, Jill. O que é História Pública. In: Almeida, Juniele Rabelo de & Rovai, Marta G de O. *Introdução à História Pública*. São Paulo: Letras & Vozes, 2011.

LOPES, Marcos Antônio. Lucien Febvre reformador: notas em torno de O problema da descrença no século XVI. *História da historiografia*. Ouro Preto, n. 10, dez, 2012, p. 229 - 246.

LORAUX, Nicole. O elogio do anacronismo em história. *A tragédia de Atenas: a política entre as trevas e a utopia*. Tradução: Paula Sílvia Rodrigues Coelho da Silva. 1ª ed. São Paulo: Loyola, 2009, p. 137-156 e p. 187 – 204.

LOURENÇO NETO, Sydenham; RAMOS, Vinicius da S.. História do tempo presente, diálogos com a História Pública e com o ensino de História: uma experiência exploratória”. *Aedos*, nº15, v.6, Jul./Dez. 2014.

LOURO, Guacira Lopes. *Mulheres na sala de aula*. In: DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. Sobre tempos digitais: Tempo Presente, História e Internet. In: *História do tempo presente: Oralidade, memória, mídia*. / Janice Gonçalves, organizadora – Itajaí, SC: Casa Aberta, 2016.

MARCHAND, Max. *A afetividade do educador*. (Tradução de Maria Lúcia Spedo Hildorf Barbanti e Antonieta Barini; direção da Coleção Fanny Abromovich). São Paulo: Ed. Summus, 1985.

MARINHO DOS REIS, K. de F., & Feitoza Senra, R. E. . (2021). O Anti-intelectualismo e a espiral do silêncio: a manutenção da ignorância e o medo do isolamento como manipulação política. *Ambiente & Educação*, 26(1), 751–781. Recuperado de <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/12380>

MORIN, Edgar. Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. 3a.ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

MULLER, Helena Isabel. História do tempo presente: algumas reflexões. In: PÔRTO, Gilson Jr. (Org.) História do tempo presente. Bauru (SP): Edusc, 2007. 358p.

NADAI, Elza. O ensino de História no Brasil: trajetória e perspectiva. Revista de História, São Paulo, v. 13, n.25-26, set. 92/ago.93.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. Proj. História, São Paulo, dez. 1993. p. 7-28.

OLIVEIRA, Zeli Alvim de. Saberes e práticas avaliativas no ensino de História: o impacto dos processos seletivos (PAIES e vestibular / UFU) e do ENEM na avaliação da aprendizagem no ensino médio, 2006, 137 f.

PADRÓS, Enrique Serra. Os desafios na produção do conhecimento histórico sob a perspectiva do Tempo presente. Anos 90: revista do programa de pós-graduação em História. Porto Alegre. Vol. 11, nº 19/20 (jan./dez. 2004).

PALASSI FILHO, A. A História do tempo presente em sala de aula: desafios e possibilidades. Revista Educação a Distância, v. 5 n. 2, p. 81-103, 2015.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. A história do tempo presente: do futurismo ao presentismo. Humanidades. Brasília. 58, 56-65, 2011.

PELASSI FILHO, Arlindo. A História do tempo presente em sala de aula: desafios e possibilidades. In: Educ. a Distância, Batatais, v.5, n.2, 2015.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. Estudos Históricos, v.2, n.3, p.3-15, 1989. PROST, Antoine. Doze lições sobre a História. Belo Horizonte: Autêntica, 1996.

PORTO JR, Gilson. História do tempo presente. Bauru, SP: Edusc, 2007.

PUNTES, Jhonny; GAVÍDIA, J.L. Monzant. História e Historiografia: construção de novas tendências teóricas. In: PÔRTO JR, Gilson (org.). História do tempo presente. Bauru, SP: Edusc, 2007, p. 17-30.

RÉMOND, René (org.). Por uma história política. Rio de Janeiro: UFRJ/Fundação Getulio Vargas, 1996.

\_\_\_\_\_. Por que a história política? Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 7, nº 13, 1994.

RIBEIRO, L. D. Tempos atuais e história imediata. In: RIBEIRO, L. D. (Org.). Contrapontos: ensaios de história imediata. Folha da História. Porto Alegre: 1999. p. 184-185.

RIOS, FÁBIO; “Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo”. In: Revista Intratextos, 2013, vol 5, no1, p. 1-22. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/intratextos.2013>.

- RODRIGUES, G. História: uma ciência do presente. In: RIBEIRO, L. D. (Org.).
- ROLLAND, Denis. Internet e história do tempo presente: estratégias de memória e mitologias políticas. *Tempo* 8 (16), 2004.
- RÜSEN, J. El desarrollo de la competencia narrativa em el aprendizaje histórico. Una hipótesis ontogenética relativa a la conciencia moral. *Revista Propuesta Educativa*, Buenos Aires, Año 4, n. 7, p. 27-36. oct. 1992.
- RÜSEN, J. Jörn Rüsen e o ensino de história. (Org. Maria Auxiliadora Schmidt, Isabel Barca e Estevão de Rezende Martins). Curitiba: Ed. UFPR, 2010.
- RÜSEN, Jörn. Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas. Curitiba: W.A. Editores, 2012.
- RÜSEN, Jörn. História Viva: teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: UnB, 2007b.
- RÜSEN, Jörn. Razão histórica: teoria da História: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: UnB, 2001.
- RÜSEN, Jörn. Didática da história: passado, presente e perspectivas. *Práxis educativa* 1 (2), 7-16, 2006.
- RÜSEN, Jörn. Reconstrução do passado: teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica. Brasília: UnB, 2007a.
- RÜSEN, Jörn.. Cultura faz sentido: orientações entre o ontem e o amanhã. (Trad. Nélío Schneider). Petrópolis: Vozes, 2014.
- RÜSEN, Jörn.. Humanismo e didática da história. (Org. Maria Auxiliadora Schmidt, Isabel Barca, Marcelo Fronza e Lucas Pydd Nechi). Curitiba: W.A. Editores, 2015.
- RÜSEN, Jörn.. Teoria da história: uma teoria da história como ciência. (Trad. Estevão de Rezende Martins). Curitiba: Editora UFPR, 2015.
- SANTOS, Márcia P. dos. História e memória: desafios de uma relação teórica. In: OPSIS, vol. 7, nº 9, jul-dez 2007.
- SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.
- \_\_\_\_\_. Tempo presente: notas sobre a mudança de uma cultura. Rio de Janeiro: J. Olympio Ed., 2005. 238p.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Introdução. (org.). História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- SILVA, Daniel Pinha. O lugar do tempo presente na aula de história: limites e possibilidades. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 0, n. 20. Jan./abr. 2017.
- SOARES, Marilda. Consciência história e narrativa histórica: a abordagem de Jörn Rüsen. In: Para entender a história... ISSN 2179-4111. Ano 5, volume dez, Série 02/12, 2014, p. 01-06.

SOUZA, Antônio Cícero Cassiano. Cinema como indústria e arte como mercadoria. Revista Ciência & Luta de Classes, Rio de Janeiro, v. 7, n. 8, p. 38-43, set./dez. 2010.

TEIXEIRA, Francisco Carlos. A história do tempo presente é perpassada pela tensão. Fio Cruz, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <  
<http://www.jornadappghcs.coc.fiocruz.br/index.php/noticias/128-a-historia-do-tempo-presente-e-perpassada-pela-tensao-diz-historiador>>.

PARO, Vitor Henrique. Administração escolar: introdução crítica. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PESTANA, André. Gestão e educação: uma empresa chamada escola. Petrópolis, RJ: Catedral das letras, 2003.

VYGOSTSKY, L. S. Pensamento e Linguagem. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.



ANEXOS

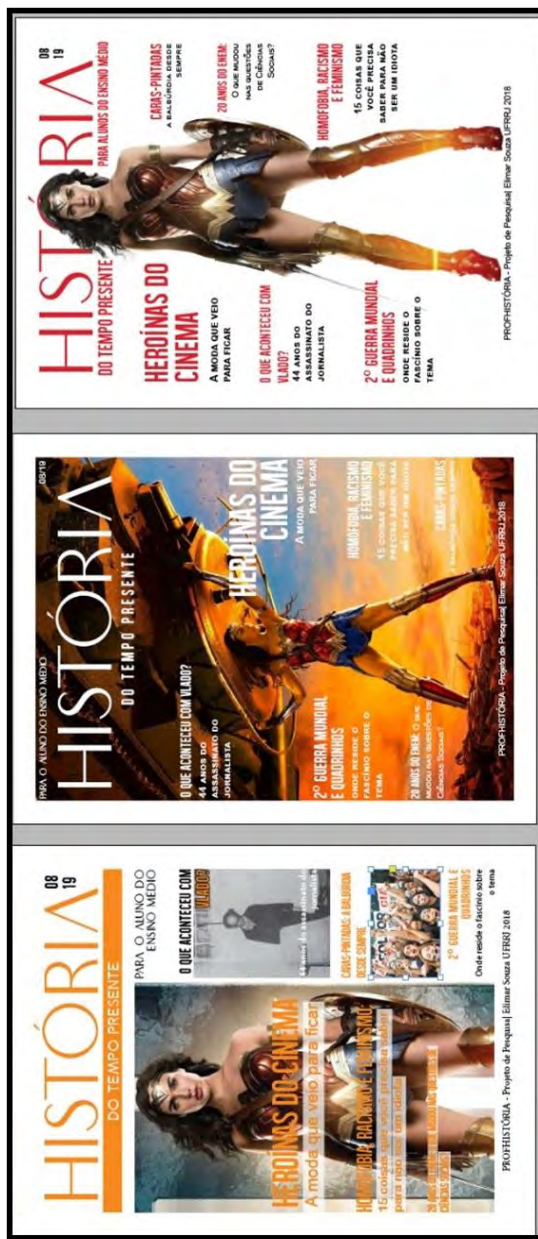


Figura 5 - Modelos de capas para a revista pedagógica feitas pela designer.



Figura 6: Modelo de capa para a revista pedagógica feita pela designer.



Figura 7: modelo de capa feita pela mestranda pelo aplicativo Canva durante a construção do projeto.



# História

Agosto  
2019

## DO TEMPO PRESENTE

Para o aluno do Ensino Médio



Heroínas no Cinema:  
 A moda que veio para ficar

*O que aconteceu com Vlado?*

*44 anos do assassinato do jornalista*



*20 anos de ENEM: O que mudou nas questões de Ciências Sociais?*

2<sup>a</sup> Guerra Mundial e Quadrinhos

*Onde reside o fascínio pelo tema?*

---

Homofobia, Racismo e Feminismo: 15 coisas que você precisa saber para não ser um idiota

---

PROFHISTÓRIA - Projeto de Pesquisa  
Elimar Souza / UFRRJ 2018

Figura 8: Modelo de capa feito pela mestrandia feita durante a construção do projeto pelo aplicativo Canva.



*Figura 9: modelo de capa feito pela mestranda durante a construção do projeto.*





# Nota do Editor

A urgência em ter uma revista destinada a História do Tempo Presente aos alunos do Ensino Médio se fez mais do que necessária. Em tempos sombrios, educadores precisam criar instrumentos para fortalecer nossa juventude, levando a construção de um pensamento crítico e possibilidade de conhecer mais de nossa própria história.

A revista HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE para alunos do Ensino Médio é uma ferramenta para professores e alunos, onde a reflexão se torna a principal arma para um Brasil livre do Fascismo e do conservadorismo. A proposta é que ela se torne, primeiramente uma revista digital de fácil circulação entre estudantes do Ensino Médio, principalmente, mas que possa ser lida por públicos das mais diversas idades. A única arma realmente eficaz contra a ignorância é a Educação.

**Prof<sup>a</sup> Elimar Souza**

MESTRANDA DE ENSINO DE HISTÓRIA  
UFRRJ

**Que tipo de reflexões nossos alunos precisam fazer em tempos sombrios?**

**PROFISTÓRIA**

página | 01

Figura 10: nota do editor feita pela mestranda durante a construção do projeto.

# Sumário



## 03 NOTA DA EDITORA

A emergência de uma revista de História do Tempo Presente para Jovens no Ensino Médio

## 04 HEROÍNAS NA TELA

Personagens femininas ganham força no cinema, servindo de exemplo para nossas garotas

Por Janine Barbosa

## 07 2ª GUERRA E QUADRINHOS

Porque o fascínio pelo tema

Por Rômulo Nóbrega

## 10 HOMOFOBIA, RACISMO E FEMINISMO

15 coisas que você precisa saber para não ser considerado um idiota

Por Vanessa de Oliveira

## 12 20 ANOS DE ENEM

O que mudou nas questões de Ciências Humanas.

Por Ricardo Jacob

## 17 SERENA WILLIAMS RAINHA, O RESTO NADINHA

Porque mulheres negras em posição de destaque incomodam tanto

Por Tuanny Lameirão

PROFISTORIA

página | 02

Figura 11: primeira parte do sumário fictício criado pela mestrandia durante a construção do projeto.



## 18 MEMÓRIA DE DESAPARECIDOS

Quem foi Stuart Edgar Angel Jones?  
Por Thlago Carvalhaes

## 19 10 FILMES PARA VER ANTES DO ENEM

Uma lista de filmes para chegar no dia dia  
da prova pronto para o que der e vier.  
Por André Bellzário

## 21 HISTÓRIA E SOCIOLOGIA

A importância de se ler a obra de Jessé  
Souza no Ensino Médio.  
Por Anna Luíza Portugal

## 23 A GENTE INDICA

Cinco livros sobre negritude que você  
precisa ler  
Por Saulo Vinícius

## 25 CINCO PERGUNTAS PARA...

Angelita Paiva entrevista Marcia Tiburi

## 26 DIÁLOGOS COM PROFESSOR

Os professores Alessandro Araújo e Moisés  
Pires conversam sobre os desafios de  
lecionar História em tempos sombrios.

## 28 ESTUDAR HISTÓRIA AINDA FAZ SENTIDO?

A Doutora Rebeca Gontijo responde a  
pergunta para alunos e professores da  
Educação Básica.



Figura 12: segunda parte do sumário fictício criado pela mestranda.





Figura 13: capa da versão definitiva da revista

**Uma revista para alunos e  
professores**



**PROF HISTÓRIA**

MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA

**UFRRJ**



**UFRRJ**

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL  
DO RIO DE JANEIRO

Revista História do Tempo  
Presente

Vol. 01 / 1ª Edição  
setembro de 2021

Imagem da Capa  
Pixabay - livre de direitos  
autorais

Essa revista é parte do projeto  
de pesquisa para a conclusão  
do Mestrado Profissional em  
Ensino de História pela  
Universidade Federal Rural do  
Rio de Janeiro.

Mestranda:  
Elimar Souza  
e-mail: [elimaruff@gmail.com](mailto:elimaruff@gmail.com)

Orientadora:  
Rebeca Gontijo

Proposta de produto:  
Revista pedagógica de História  
com temas da História do  
tempo presente e temas  
sensíveis.

Revista livre de direitos autorais,  
se utilizada para fins  
educacionais e pedagógicos.

# História

## Do tempo presente



## SUMÁRIO

Editorial -----	03
Intolerância religiosa: porque as religiões de matrizes africanas são as que mais sofrem no Brasil? (T.M. e E.S.) -----	10
Importantes Líderes religiosos do candomblé (J.G. e L.A.)-----	11
História do SUS (R.G., L.A. e C.C.)-----	12
Redes sociais: como se expor menos a elas! (F.N. e P.F.)-----	14
A questão dos refugiado (C.M., E.S. P.P.R. e A.M.) -	16
Mulheres na política (M.S. F.E. e R. A.) -----	20
Consumo e Publicidade (W.M. e F.C.)-----	23
Apartheid (A. N., B. A. e Maria E. P.) -----	24
O crescimento da internet no Brasil (R. R., G. M. e H. D.) -----	26
6 filmes para entender o fascismo (S.B. e C.C.) ---	27
SELFIES (L.V. e M.P.)-----	31
Direitos para todos? (J.B. e D.L.) -----	32
Desenterrando ossos (B.G. M.P. e L.F.) -----	33

**UFRRJ**  
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL  
DO RIO DE JANEIRO

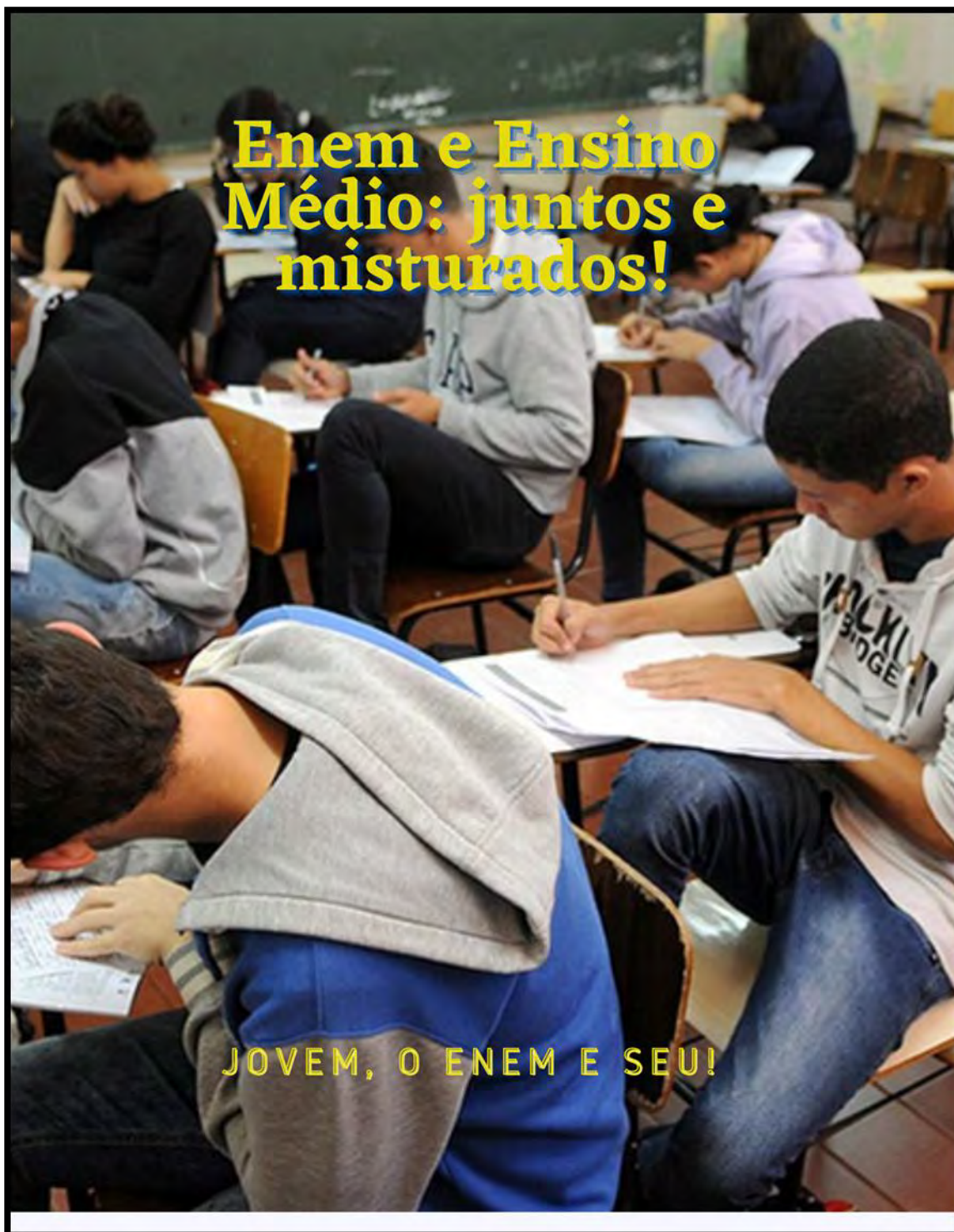


Ditadura Militar Brasileira (M.E.N, P.M. e J. M.) –	34
Demandas da Juventude (B.P., C.S. e M.L.A.) ---	35
Direitos LGBTQI+(H.S, P.B. e J.H.)-----	37
3 youtubers LGBTQI+ para seguir e aprender! (I.F., H.S. e E.P.)-----	38
Quadrinhos combatendo (ou defendendo) o nazismo! (G.R., P.S., A.C.R. e N.A.)-----	39
Vladimir Herzog vive (E.N., A.N, P. I. e F. A.)-----	41
Caras-pintadas: O fim do governo Collor! (J. P. G., P. S. M. e A. P. P. S.) -----	43
Você precisa assistir - Chernobyl (J. P. P. e M. C.)-----	45
6 músicas censuradas pela Ditadura (E. F., R. S. e S. S.) -----	46
O que é Homofobia (P. S., e J. P.) -----	47
Assistindo para aprender: Virando a mesa do poder (E. P.) -----	48
Ainda existe escravidão? (P., H. S. e J. P. A.) -----	49
Orientações para professores -----	55

**UFRRJ**  
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL  
DO RIO DE JANEIRO







**Enem e Ensino  
Médio: juntos e  
misturados!**

**JOVEM, O ENEM É SEU!**

# Mestrado Profissional em Ensino de História

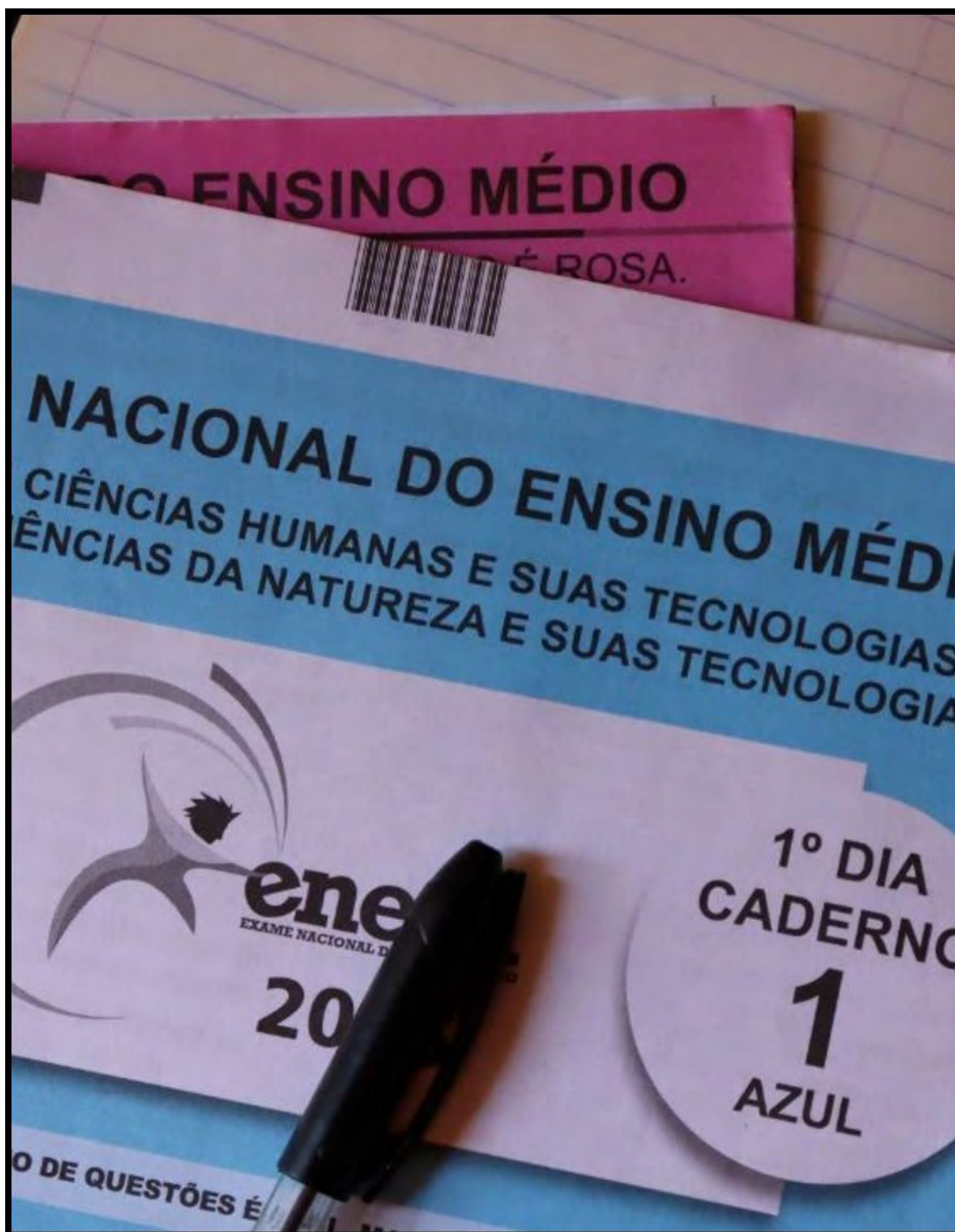
## Editorial

Essa revista nasceu de um grande incômodo. Digo incômodo, pois, como professora da Educação Básica, sinto sempre que estou deixando algo passar. Colegas de História (e não somente eles) sabem bem como é começar uma aula, planejar todos os minutos, tentando aproveitar cada segundo para conseguir aquilo que a que nos propusemos a fazer, e ter seus planos "arruinados". É bem verdade que nem sempre essa ruína é algo ruim, pois ninguém sabe que rumos sua aula pode te levar.

A urgência em ter uma revista destinada a História do Tempo Presente aos alunos do Ensino Médio se fez mais do que necessária. Em tempos sombrios, educadores precisam criar instrumentos para fortalecer nossa juventude, levando à construção de um pensamento crítico e possibilidade de conhecer mais de nossa própria história.

A revista HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE para alunos do Ensino Médio é uma ferramenta para professores e alunos, onde a reflexão se torna a principal arma para um Brasil livre do fascismo e do conservadorismo. A proposta é que ela se torne, uma revista digital de fácil circulação entre estudantes do Ensino Médio, principalmente, mas que possa ser lida por públicos das mais diversas idades. A única arma realmente eficaz contra a ignorância é a Educação.







## Intolerância religiosa: porque as religiões de origem africanas são as que mais sofrem no Brasil?

Por T. M. e E. S.



Entender o que é Intolerância religiosa se faz necessário exatamente para que não se reproduza esse tipo de violência contra nenhuma religião. Mas a escolha de se falar sobre religiões de matrizes africanas é porque são elas que mais sofrem com esse tipo de intolerância.

Notícias sobre terreiros depredados, violência contra pessoas que são dessa religião, preconceito destilado por pessoas públicas e por líderes religiosos de cunho cristão... O que se percebe é que as pessoas que resolvem falar abertamente sobre ser do candomblé, umbanda ou macumba, precisam lidar com um grande preconceito, que, em casos extremos, pode até matar.

### MAS VOCÊ SABE O QUE É?

Intolerância religiosa é um conjunto de ideologias e atitudes ofensivas a crenças e práticas religiosas ou mesmo a quem não segue uma religião. É um crime de ódio que fere a liberdade e a dignidade humana.



## IMPORTANTES LÍDERES RELIGIOSOS DO CANDOMBLÉ

J. G. e L! A.



**MAMETU  
NANGETU**

Mametu é fundadora do terreiro Manso Massumbando Quem Quem Neta, que funciona há 33 anos. Ela se qualifica como "uma mulher de tradição banto, uma mulher de terreiro". Moradora da Bahia, teve ali suas primeiras experiências na militância negra e candomblecista. E uma mulher que se orgulha de manter as tradições vivas, e sempre que tem a chance, contribui para desmistificar o preconceito contra a religião.



**IVANIR DOS  
SANTOS**

Ivanir dos Santos, 67 anos, é mais conhecido por sua luta por direitos civis, com especial atenção às religiões de matriz africana — de que é seguidor e sacerdote —, e por sua atuação na política. Pós-doutor em História Comparada pela UFRJ, se deu de maneira única e intrincada: negro, favelado, filho de prostituta, raptado da mãe aos 7 anos e ex-interno da Funabem.



**MÃE STELLA DE  
OXÓSSI**

Mãe Stella de Oxóssi, Odé Kayode, nascida no dia 2 de Maio de 1925 em Salvador e falecida em 27 de Dezembro de 2018 em Santo Antônio de Jesus, foi a quinta Iyalorixá de um dos terreiros de candomblé mais tradicionais de Bahia, o Ilê Axé Opô Afonjá. Como enfermeira, dedicou boa parte de sua vida à assistência aos mais necessitados, tendo atuado na Secretaria de Saúde Pública da Bahia.



"O Brasil tem normas jurídicas que visam punir a intolerância religiosa. No Brasil, a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, alterada pela Lei nº 9.459, de 15 de maio de 1997, considera crime a prática de discriminação ou preconceito contra religiões."

Fonte: Wikipédia





## HISTÓRIA DO SUS

R. G., L. A.  
e C. C.

A população brasileira, quando precisa de assistência médica e não pode pagar por ela, precisa recorrer ao SUS (Sistema Único de Saúde), que se tornou, graças à Constituição de 1988, uma responsabilidade do Estado brasileiro. A geração mais jovem talvez não saiba a história de sua criação, e nem como os brasileiros mais pobres cuidavam na saúde antes dela. Criada por três sanitaristas - Reinaldo Guimarães, Hesio Cordeiro e João Regazzi -, o SUS tinha como objetivo principal garantir saúde para toda a população. Mesmo tendo muitas dificuldades de gestão, podemos dizer que o SUS é o responsável por salvar vidas de brasileiros a todo momento, e é por isso que não podemos abrir mão dele.



Reinaldo Guimarães, Hesio Cordeiro e João Regazzi, em 1986. — Foto: Arquivo pessoal/Abrasco

## SUS HOJE

O sistema público de saúde é para todos, sem discriminação. Desde a gestação e por toda a vida a atenção integral à saúde é um direito. Descentralizado, municipalizado e participativo com 100 mil conselheiros de saúde.



**SUS** 

**salva vidas diariamente**

**O QUE ESTÁ NO CAMPO DE ATUAÇÃO DO SUS?**

1. Vigilância Sanitária
2. Vigilância Epidemiológica
3. Vacinas e Patentes
4. Centro de transplantes
5. Saneamento Básico
6. Controle de tabagismo
7. Banco de Leite humano
8. Controle e fiscalização de serviços, produtos e substâncias de interesse para a saúde
9. Fiscalização e inspeção de alimentos, água e bebidas para consumo humano

E muito mais... Não compartilhe desinformação. Pesquise sobre o SUS e suas atribuições.

**SUS** 

*Participação social é princípio estratégico do SUS; não é favor!*

**#NãoMexaNoSUS**

**SUS** 

*Único sistema universal de saúde do mundo em um país com mais de 200 milhões de habitantes.*

**#NãoMexaNoSUS**

**SUS** 

*Só com universalidade, integralidade e equidade!*

*Assim manda a Constituição assim tem que ser!*

**#NãoMexaNoSUS**

**SUS** 

*Maior política social do Estado brasileiro.*

*Maior construção das forças democráticas.*

**#NãoMexaNoSUS**

## REDES SOCIAIS: COMO SE EXPOR MENOS A ELAS!

F. N. e P. F.

### EXPOSIÇÃO

O que devemos (ou não) mostrar nas Redes Sociais?

A Internet e as redes sociais trouxeram inúmeras possibilidades para aqueles que gostam e precisam estudar. Com as dificuldades de se cursar uma universidade um pouco mais distante de nossas casas, ter um celular pode realmente mudar nossas vidas. Porém, esses também são lugares onde acabamos nos expondo a cada momento, tirando fotos de onde estamos, de nossas casas, nossas famílias, amigos... O quanto de informações acabamos dando de nós mesmos, que nem sempre serão utilizadas de maneira honesta e com boas intenções. Haters estão a todo momento tornando a vida das pessoas um inferno, e os efeitos psicológicos que isso pode causar são imensos. Ao longo do tempo, é preciso se proteger dessa exposição exagerada, e tentar usar internet e as redes sociais de maneira mais responsável, para que elas nos tragam aquilo que eles tem de melhor: conhecimento e interação.





# A VIDA ESTÁ ONLINE!

Aonde você e seus amigos devem ir mesmo!



## MANUAL DE CONDUTA

Cuidados ao publicar fotos de crianças



### 1. RASTROS DIGITAIS

Questione se a imagem pode afetá-la no futuro e pergunte antes de postar



### 2. PRIVACIDADE DA CONTA

Cheque se o perfil está configurado para proteger as imagens postadas



### 3. REDE DE AMIGOS

Confira se na lista de amigos ou de seguidores há apenas pessoas confiáveis



### 4. FOTO DE PERFIL

Como as fotos do perfil são públicas, ela precisa de cuidado extra

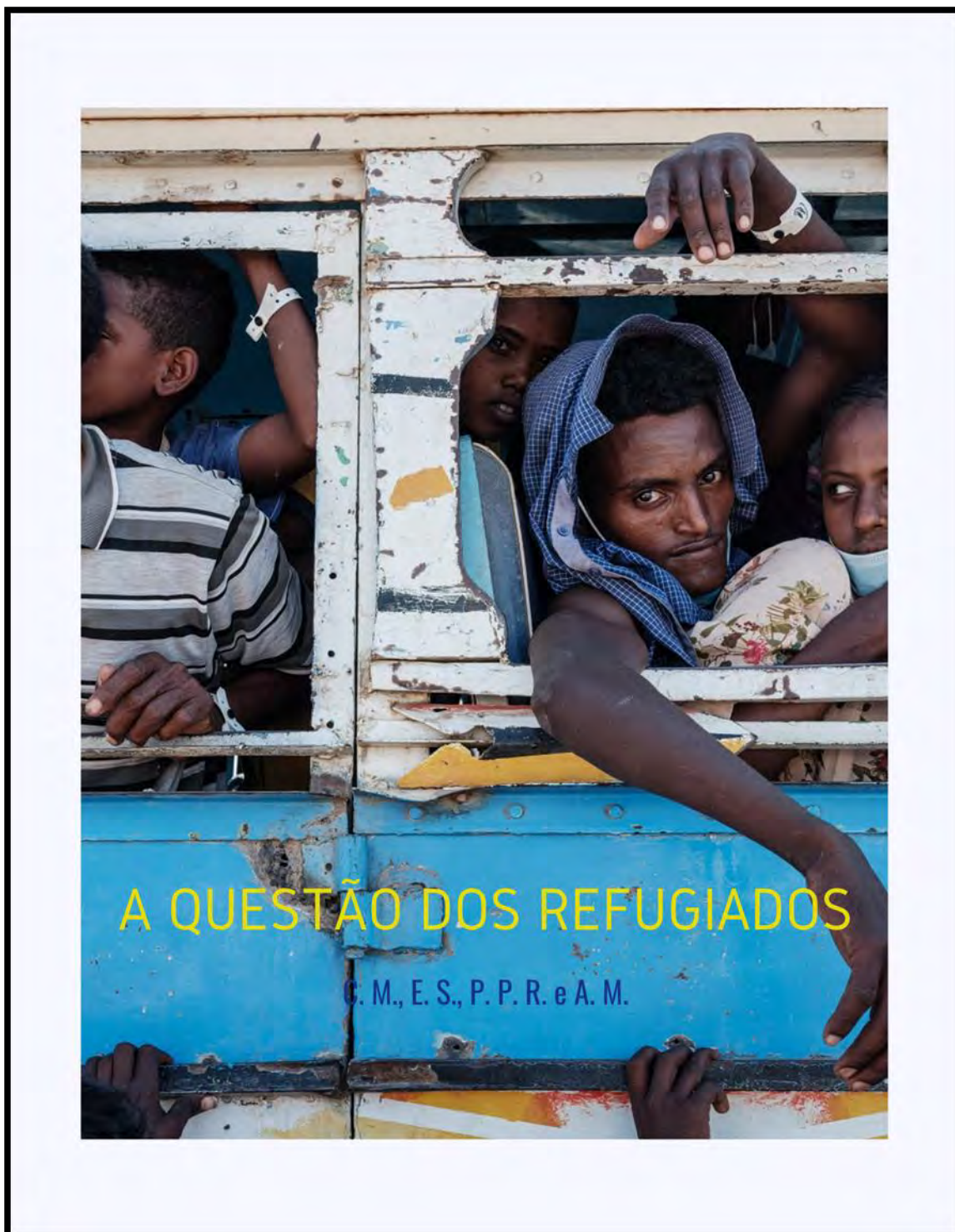


### 5. AUTORIZAÇÃO DOS PAIS

Antes de postar fotos de outras crianças, peça autorização aos pais delas

## É PRECISO TOMAR CUIDADO!

**Cyberbullying / Assédio virtual:** violência praticada com o objetivo de agredir, perseguir, ridicularizar e/ou assediar. 3. Exploração sexual de crianças e adolescentes na Internet: todos os atos de natureza sexual cometidos contra uma criança ou adolescente através do uso da Internet como meio de explorá-los sexualmente.



# A QUESTÃO DOS REFUGIADOS

C. M., E. S., P. P. R. e A. M.



# REFUGIADOS PELO MUNDO



Ao longo da história, povos foram conhecidos por conta de perseguições e preconceitos sofreram uma diáspora pelo mundo. Cenas como essas, eram lidas apenas nos livros de história. Entretanto, em pleno século XXI esses acontecimentos são noticiados na mídia por causa da nova dispersão de refugiados, pois o país de origem deles transmite ao mundo, cenas de guerra.

De acordo com a ONU, países em desenvolvimento, mesmo com poucos recursos, abrigam 86% dos refugiados de todo o mundo. Entretanto, esses países que não possuem recursos necessários para atender com qualidade a população nativa e apresentam um desafio para os seus abrigados, visto que eles não conseguem recursos para se manterem no país e acabam aceitando trabalhos perigosos e mal pagos, na economia informal, por problemas de documentação e concorrência com os habitantes locais.

## Conceitos importantes!

**Refugiado:** pessoa fora de seu país que não pode retornar por causa de perseguição por motivo de raça, religião, nacionalidade, por pertencer a um grupo social ou por opiniões políticas.

**Deslocado interno:** pessoa que, em virtude de conflito armado, violência generalizada, violações a direitos humanos ou desastres, é forçada a deixar o local de residência, mas permanece em seu país.

**Solicitante de asilo:** pessoa que pediu proteção internacional e aguarda a concessão de status de refugiado.





## BRASIL: UM NOVO LAR!



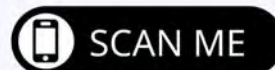
### IMPORTANTE:

O Ministério da Justiça e Segurança Pública, em parceria com o Obmigra (Observatório das Migrações Internacionais), divulgou na 3ª feira (22. jun. 2021) que o Brasil tem 60.000 pessoas reconhecidas como refugiadas.

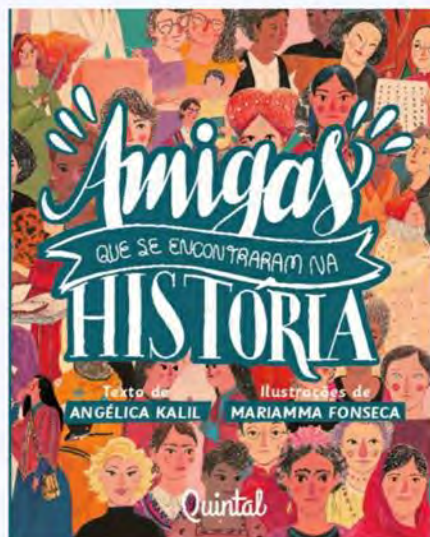
**Para aprender mais sobre mulçumanos brasileiros, siga...**



**Marian Chami**



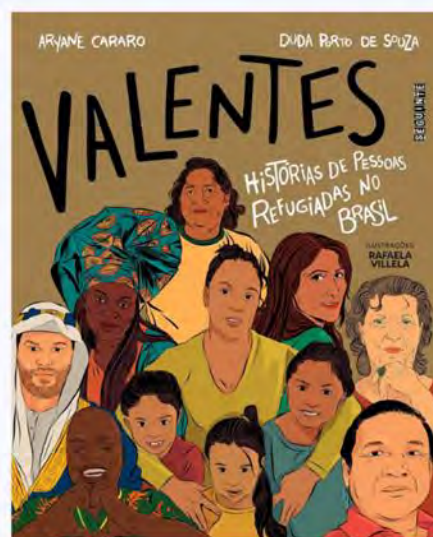
## LENDO PARA APRENDER!



"Amigas que se encontraram na história" é um livro infanto-juvenil sobre a amizade entre mulheres que se destacaram na humanidade em diferentes tempos. A proposta é revelar um vínculo de afeto muitas vezes desconhecido pela maior parte do público e o legado que estas relações deixaram para o mundo.

Compre no site "Minha pequena Feminista"

<https://minhapequenafeminista.com.br/>



Das mesmas autoras de Extraordinárias, Valentes é uma obra de referência sobre o tema do refúgio no Brasil. A questão dos refugiados tem ganhado holofotes pelo mundo inteiro, mas o preconceito, a xenofobia, as fake news e o medo frequentemente atrapalham a discussão.

Compre no site da Editora Companhia das Letras.

<https://www.companhiadasletras.com.br/>



# Mulheres na Política

M. S., F.E., e R. A.

LUGAR DE MULHER É NA POLÍTICA!



Em 2019 se comemorou 85 anos de conquista do sufrágio feminino no país; uma conquista muito importante, pois pela primeira vez, mulheres poderiam fazer uso do voto e mostrar que rumos gostariam para o seu país. Porém, mesmo diante dessa grande conquista, mulheres ainda precisam lutar para conseguir manter seu lugar ao sol na política nacional. Mulheres passam por situações as quais homens nem sonham: falam de sua aparência, sua idade, suas roupas, sua voz, sua postura, sua formação... Ela é questionada em suas atitudes, em suas falas, em suas decisões... Mas e os homens? Será que passam pelos mesmos problemas das mulheres?



# LUTAS E PERDAS!



Vereadora eleita com 46 mil votos pelo PSOL, negra, mãe solteira, 38 anos, socióloga, lésbica, criada no Complexo da Maré. Marielle Francisco da Silva era uma líder política defensora dos direitos humanos. Ela se opunha à violência da Polícia Militar e à intervenção federal nas comunidades cariocas.

Na noite de 14 de março de 2018, ao deixar um evento sobre a atuação de mulheres negras na política, Marielle foi executada com quatro tiros, na rua Joaquim Palhares, no centro da capital fluminense. Os assassinos não levaram nenhum pertence dela, nem do motorista, Anderson Pedro Gomes, do carro em que estavam - ambos foram mortos no local.





# MULHERES EM NÚMEROS



Para entender melhor como funciona o machismo estrutural e como ele afeta a vida das mulheres que resolvem seguir uma vida política, assista ao vídeo do Politize.

<https://www.youtube.com/watch?v=flQydeIJvko>



## CONSUMO & PUBLICIDADE

W.M.eF.C.

Tema de questões do ENEM e de redação do mesmo tema, pensar em consumo é necessariamente pensar nas estratégias que os grandes comércios criam para nos convencer a comprar. A propaganda serve para criar desejos que até então não existiam, mas que se colocam em nossas mentes fracas e frágeis, que começam a criar planos para conseguir o dinheiro e comprar aquilo que a propaganda nos mostrou. Consumimos e não sabemos como. Nosso dinheiro acaba antes mesmo de chegar as nossas mãos, pagando coisas que não são importantes, e que vão perdendo a validade e também o nosso interesse. Vale a pena?

"A propaganda é a alma do negócio ou é o negócio que nos leva a alma?"

"A propaganda não vende só o produto, mas também aquilo que ele representa para o consumidor, considerando o momento social e utilizando de valores que reforçam a ascensão social, o desejo, o prazer, o poder, a sexualidade. ... As redes sociais, nesse sentido, em muito têm ajudado."

Fonte: Promoview







## APARTHEID

A. N., B. A. e M. E. P.

*Como o regime de segregação impactou um continente inteiro e sua relação com o mundo!*

### O que foi o Apartheid?

Refere-se à implantação de uma política de segregação racial desenvolvida na África do Sul, essa foi elaborada pela descendência direta dos pioneiros que colonizaram o continente africano, sobretudo europeu, dos quais se destacam os holandeses, franceses e alemães, denominados de *africânderes*.

Em 1948, o Apartheid (segregação) se tornou oficial, nessa lei todos os itens deixavam explícitos as restrições aos negros, com intuito de favorecer a minoria branca. A lei era baseada no princípio da conservação e pureza cultural, pois julgavam sua raça superior. Dentre as restrições impostas pelos brancos para a população negra, está o não acesso ao voto e também a proibição de se candidatar aos cargos públicos.



Esse contexto de puro preconceito sofreu alterações somente na década de 50, motivadas pelo Congresso Nacional Africano (CNA) e lideradas por Nelson Mandela que promoveu uma ofensiva para ir contra as imposições preconceituosas da minoria branca.

No ano de 1960 foi realizada uma manifestação contra o Apartheid de forma pacífica, no entanto, essa não impediu que 60 negros fossem mortos pela polícia. A notícia da violência praticada contra os negros ganhou o mundo, dessa forma conquistaram o apoio da opinião pública mundial. Em 1973, a Assembleia Geral da ONU (Organização das Nações Unidas), condenou as atitudes que ocorriam na África do Sul e as classificaram como crime.

**LIBERDADE!**







Nelson Rolihlahla Mandela foi um líder sul-africano que lutou contra o regime racista e segregacionista do apartheid, presente na África do Sul entre 1948 e a década de 1990, e se tornou referência mundial na busca por uma sociedade democrática e igualitária.

## O LEGADO DE NELSON MANDELA

Nelson Mandela foi o primeiro presidente negro da história e símbolo da luta anti-apartheid na África do Sul (política que excluía os negros da vida social, política e econômica do país). Foi preso em 1962, e permaneceu na prisão por 27 anos. Graças a uma pressão internacional, em 1990 ele conseguiu sua liberdade, e concorreu democraticamente as eleições para presidente em 1994 e ficou no poder até 1998.



*"As pessoas são ensinadas a odiar e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar, porque o amor é algo mais natural para o coração humano do que seu oposto"*

NELSON MANDELA



## O CRESCIMENTO DA INTERNET NO BRASIL

R. R., G. M. e H. D.

O Brasil está cada vez mais conectado. Uma pesquisa realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2019 mostrou que 82,7% dos domicílios brasileiros possuem acesso à internet, um aumento de 3,6 pontos percentuais em relação a 2018. A pesquisa do IBGE mostra que 12,6 milhões de domicílios ainda não tinham internet. Os motivos apontados foram falta de interesse (32,9%), serviço de acesso caro (26,2%) e o fato de nenhum morador saber usar a internet (25,7%).

Pesquisa recentes mostram que 82,7% dos domicílios brasileiros têm acesso à internet

Difícilmente vemos alguém na rua que não esteja com um celular conectado a internet. As próximas gerações nunca vão saber o que era ter telefone apenas em casa, ou ter que esperar até 00:00 para poder usar a internet. Nossa geração já nasceu em um mundo conectado, e já não sabemos viver seu "dar um google".

### O Brasil na internet

Dados da edição 2018 da pesquisa TIC Domicílios mostram crescimento do acesso no país



### DISPOSITIVO DE ACESSO

Brasileiro continua usando o celular como meio principal para conexão. Computador ficou pra trás, enquanto que TVs subiram. Dados em %



### OS SERVIÇOS MAIS USADOS

Usuários de internet no Brasil deram preferência aos aplicativos de carro e táxi, aos serviços de filmes e séries e aos pedidos de comida online



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa



Infográfico elaborado em 27/08/2019



# 6 FILMES PARA ENTENDER O FASCISMO

S.B.eC.C.





Espanha, 1944. Oficialmente a Guerra Civil já terminou, mas um grupo de rebeldes ainda luta nas montanhas ao norte de Navarra. Ofelia (Ivana Baquero), de 10 anos, muda-se para a região com sua mãe, Carmen (Ariadna Gil). Lá as espera seu novo padrasto, um oficial fascista que luta para exterminar os guerrilheiros da localidade...

Diretor: Guillermo del Toro



Derek (Edward Norton) busca vazão para suas agruras tornando-se líder de uma gangue de racistas. A violência o leva a um assassinato, e ele é condenado pelo crime. Três anos mais tarde, ele sai da prisão e tem que convencer seu irmão (Edward Furlong), que está prestes a assumir a liderança do grupo, a não trilhar o mesmo caminho.

Diretor: Tony Kaye



A história de Oskar Schindler (Liam Neeson), um sujeito oportunista, sedutor, simpático, comerciante no mercado ilegal, mas, acima de tudo, um homem que se relacionava bem com o regime nazista, tanto que era membro do partido (o que não o impediu de ser preso algumas vezes, mas sempre o libertavam rapidamente, em razão dos seus contatos). Conseguiu salvar mais de mil judeus dos campos de concentração graças a sua fortuna.

Diretor: Steven Spielberg



Guido é um judeu numa Itália profundamente antissemita, ocupada por tropas alemãs e imersa na Segunda Guerra Mundial. Para proteger o seu filho, ainda uma criança, Guido usa a imaginação, o humor e a criatividade para que ele não se aperceba da cruel realidade por que passam.

Diretor: Roberto Benigni





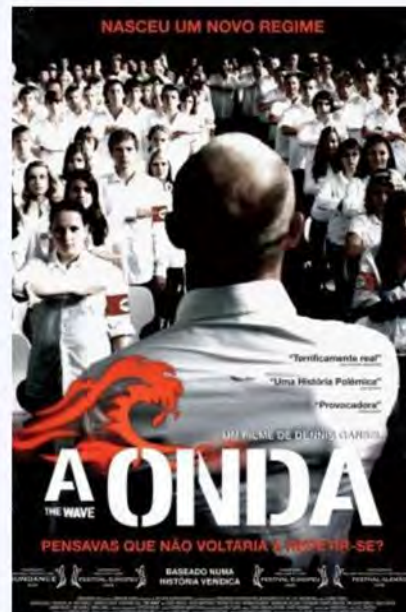
Em uma Inglaterra do futuro, onde está em vigor um regime totalitário, vive Evey Hammond (Natalie Portman). Ela é salva de uma situação de vida ou morte por um homem mascarado, conhecido apenas pelo codinome V (Hugo Weaving), que é extremamente carismático e habilidoso na arte do combate e da destruição.

Diretor: James McTeigue

#### E o livro virou filme!

Baseado no livro de mesmo título, Adolf Hitler acorda em um terreno baldio em Berlim, no ano de 2011, sem memória alguma do que aconteceu depois de 1945. Perdido, ele se vê em uma sociedade completamente diferente, onde não há partido nazista, a guerra e o país é governado por uma mulher. Ele é reconhecido pelas pessoas que acreditam que seja apenas um artista que não consegue sair do seu personagem...

Diretor: David Wnendt



Erainer Wegner, professor de ensino médio, deve ensinar seus alunos sobre autocracia. Devido ao desinteresse deles, propõe um experimento que explique na prática os mecanismos do fascismo e do poder. Wegner se denomina o líder daquele grupo, escolhe o lema "força pela disciplina" e dá ao movimento o nome de A Onda,

Diretor: Dennis Gansel





*Robert Cornelius, em 1839. Acredita-se que esta seja a primeira selfie da história da humanidade.*

O autorretrato é uma prática usada ao extremo, não só por artistas e influencers, mas também por pessoas comuns, que passaram a usar de maneira recorrente smartphones, postando a todo momento fotos suas por todos os lugares onde passa. A prática em si não chega a ser um problema, mas o que observa é que a maioria das das pessoas passa a usar uma série de filtros e editores de imagens, modificando assim sua aparência real. Até que ponto a imagem que postamos de nós mesmos é real? O que essas imagens "auto construídas" dizem a nosso respeito? Estamos vivendo uma realidade alternativa? Diminuir o nariz, aumentar os olhos, colocar um bronzeado falso... Estamos ficando "melhores" ou falseando a realidade? Ao mesmo tempo que se diz para nos aceitarmos como somos, procuramos mudar a imagem que as pessoas tem de nós. Pode parecer uma simples selfie, mas pode esconder uma autodepreciação perigosa, causando danos irreversíveis.

# SELFIE

L. V. e M. P.



A selfie que a apresentadora Ellen DeGeneres fez em fevereiro de 2019 na entrega do Oscar com alguns dos atores mais bem sucedidos do momento, passou a valer mais de US\$ 1 bilhão de dólares. Segundo o grupo Publics, responsável pela suposta ação espontânea da apresentadora, esse valor vem da repercussão e do alcance que a imagem conseguiu logo depois que a foto foi tirada. Todas as pessoas presentes na imagem ganharam um cachê milionário, segundo fontes de Hollywood.





Os direitos humanos são normas que reconhecem e protegem a dignidade de todos os seres humanos. Os direitos humanos regem o modo como os seres humanos individualmente vivem em sociedade e entre si, bem como sua relação com o Estado e as obrigações que o Estado tem em relação a eles.

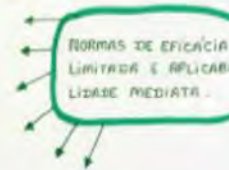


## DIREITOS PARA TODOS?

*J. B. e D. L.*

### DIREITOS SOCIAIS (ART. 6º)

1. EDUCAÇÃO
  2. SAÚDE
  3. TRABALHO
  4. LAZER
  5. SEGURANÇA
  6. PREVIDÊNCIA SOCIAL
  7. PROTEÇÃO À [MATERNIDADE INFÂNCIA]
  8. ASSISTÊNCIA AOS DESAMPARADOS
  9. MORADIA (EMENDA CONSTITUCIONAL 26/2000)
  10. ALIMENTAÇÃO (EMENDA CONSTITUCIONAL 64/2011)
  11. TRANSPORTE (EMENDA CONSTITUCIONAL 90/2011)
- STF → É ROL EXEMPLIFICATIVO.



# DESINTERRANDO OSSOS?

B. G., M. P. e L. F.



No Brasil, o regime militar durou 21 anos: de 1964 a 1985, e durante este período muito desaparecimentos e mortes ocorreram. Entretanto, somente quase 30 anos após a ditadura militar uma Comissão Nacional da Verdade foi instaurada aqui no Brasil.



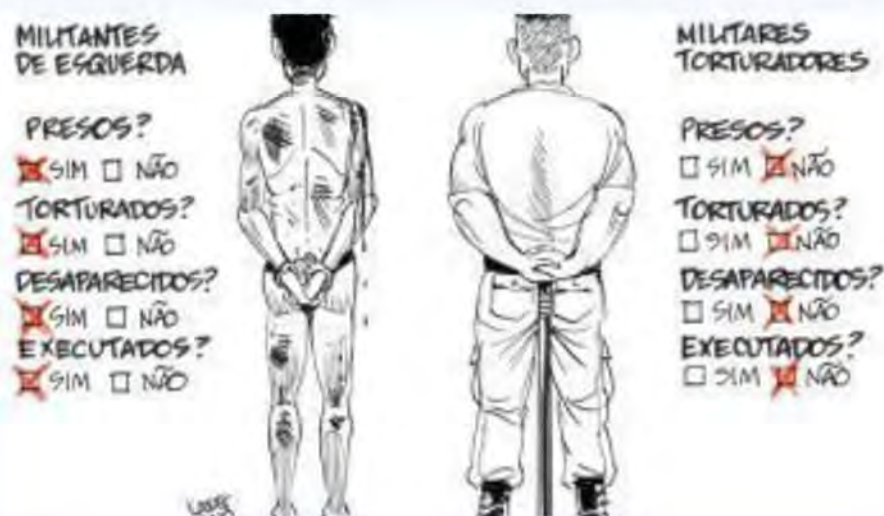
A Comissão Nacional da Verdade foi criada pela Lei 12528/2011 e instituída em 16 de maio de 2012. A CNV tem por finalidade apurar graves violações de Direitos Humanos ocorridas entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988. Embora não tenha a autoridade para julgar e punir os militares acusados de tortura e outros crimes durante a ditadura militar (1964-1985), a Comissão Nacional da Verdade (CNV) reabrirá nesta semana um baú histórico cujos achados serão revirados no Judiciário e na opinião pública.



# DITADURA NUNCA MAIS!

M. E. N., P. M. e J. M.

No dia 31 de março de 1964, tanques do exército foram enviados ao Rio de Janeiro, onde estava o presidente Jango. Três dias depois, João Goulart partiu para o exílio no Uruguai e uma junta militar assumiu o poder do Brasil. ... Assim se inicia a ditadura militar no Brasil, que vai durar até 1985.



O Ato Institucional Número Cinco (AI-5) foi o quinto de dezessete grandes decretos emitidos pela ditadura militar nos anos que se seguiram ao golpe de estado de 1964 no Brasil. ... O AI-5, o mais duro de todos os Atos Institucionais, foi emitido pelo presidente Artur da Costa e Silva em 13 de dezembro de 1968..

# Demandas da Juventude

B. P., C. S. e M. L. A.

O Dia Internacional da Juventude é celebrado anualmente no dia 12 de agosto e tem como principal objetivo focar na educação e conscientização dos jovens sobre a responsabilidade que têm como representantes do futuro do planeta.

A data foi criada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1999 após a Conferência Mundial dos Ministros Responsáveis pelos Jovens, realizada um ano antes em Lisboa, Portugal.

A partir daí, todos os anos a ONU escolhe um tema para ser discutido com os jovens — saúde, educação, emprego, estabilidade social —, além dos desafios que a juventude tem. A ONU considera que os jovens precisam estar na vanguarda das inovações e mudanças globais para que o mundo tenha sucesso no desenvolvimento sustentável das próximas gerações.

O Dia Internacional da Juventude ganhou ainda mais relevância em 2010, período escolhido pelas Nações Unidas como o Ano Internacional da Juventude, sob o tema “Diálogo e Compreensão Mútua”.







# DIREITOS LGBTQI+

H. S., P. B. e J. H.

Os direitos LGBT+ são um conjunto de regras e normas que integram os direitos humanos, visando a proteção de toda a população LGBTQIAP+. Assim, esses direitos buscam garantir todos os direitos fundamentais dessa população, como igualdade, justiça e liberdade, a partir do reconhecimento de valores e princípios como a dignidade da pessoa humana.

**DIA  
INTERNACIONAL  
CONTRA A  
LGBTFOBIA**  
17 MAIO

Instituto  
Modo Partes



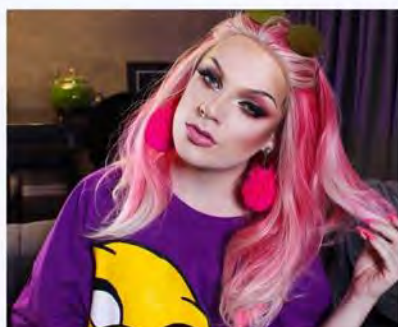


## 3 YOUTUBERS LGBTQI+ PARA SEGUIR E APRENDER!

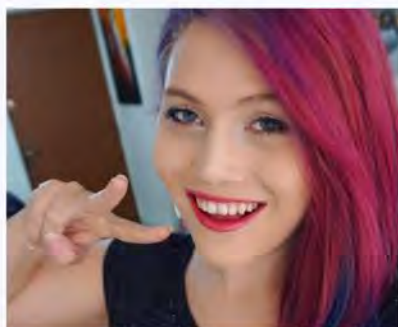
**I. F., H. S. e E. P.**



Spartakus Santiago é formado em comunicação pela UFF. Começou a publicar vídeos em seu canal no YouTube em 2017. Ele usa o espaço para debater temas como racismo e LGBTfobia. O youtuber também é apresentador do canal Futura e colunista do GNT e Mídia Ninja.



Lorelay Fox é uma das Drags mais fofas e querida da Internet, quiçá do Brasil, dona de um jeito calmo e arrastado de falar que lembra muito uma leitora de livros infantis. Lorelay criou a pouco mais de quatro anos o Canal Para Tudo no Youtube, que já é um dos maiores para o público LGBT



Amanda Guimarães, mais conhecida na internet como Mandy Candy, é natural de Gravataí, interior do Rio Grande do Sul. A youtuber comanda o canal Mandy Candy, onde compartilha suas experiências com transição de gênero e curiosidades de sua vida.

## QUADRINHOS COMBATENDO (OU DEFENDENDO) O NAZISMO!

G. R., P. S., A. C. R.  
e N. A.

As histórias em quadrinhos possuem um largo histórico de mostrar acontecimentos históricos em suas páginas. Recontando parte da história mundial, seu público consegue contextualizar importantes acontecimentos e com isso, problematizá-los com certa qualidade. Nessa matéria, vamos falar de algumas histórias em quadrinhos que usaram a Segunda Guerra Mundial e o Nazismo como pano de fundo para suas tramas.



O primeiro gibi do Capitão América, por exemplo, foi publicado em março de 1941. O Capitão América não foi o primeiro super-herói dos gibis norte-americanos (o Super-Homem já havia aparecido em 1938), mas ele foi um dos primeiros a trazer histórias mais engajadas na luta contra o nazismo e inspirou inúmeras imitações. Foi quando se tornaram comuns gibis que traziam capas com os heróis socando ou ridicularizando os ditadores do Eixo: Hitler e seus aliados, Mussolini, ditador italiano, Tojo, primeiro-ministro japonês na época do ataque a Pearl Harbor, e o então imperador japonês Hiroito..



Os primeiros inimigos de Hellboy foram apresentados nos quadrinhos como sendo nazistas. Isto porque, em sua origem, o feiticeiro Rasputin teria enganado os nazistas, dizendo se tratar de seu Projeto Ragna Rok, algo que foi logo descoberto pelo Partido Nazista, obrigando o feiticeiro a colocar Hellboy na linha de frente contra os Nazistas.



Tintim foi acusado de ser garoto propaganda do regime nazista. Criado em 1929, pelo artista Hergé, esse personagem ilustre guardou inúmeros segredos ao longo de sua existência. Seu criador fora conhecido como um grande colaborador do regime nazista, ajudando inclusive vários fugitivos ao longo de sua vida. O artista foi habilidoso em "esconder" as tendências nazistas de seu personagem mais ilustre, mas em algumas ocasiões, as pistas estavam bem na nossa frente.



## VLADIMIR HERZOG VIVE!

E. N., A. N., P. I. e F. A.



Vladimir Herzog, o Vlado, foi jornalista, professor e cineasta brasileiro. Nasceu em 27 de junho de 1937 na cidade de Osijek, na Croácia (na época, parte da Iugoslávia), morou na Itália e emigrou para o Brasil com os pais em 1942. Foi criado em São Paulo e naturalizou-se brasileiro. Estudou Filosofia na Universidade de São Paulo (USP) e iniciou a carreira de jornalista em 1959, no jornal O Estado de S. Paulo. Nessa época, achou que seu nome de batismo, Vlado, não soava bem no Brasil e decidiu passar a assinar como Vladimir. No início da década de 1960, casou-se com Clarice Herzog.

Em 24 de outubro do mesmo ano, foi chamado para prestar esclarecimentos na sede do DOI-Codi sobre suas ligações com o Partido Comunista Brasileiro (PCB). Sofreu torturas e, no dia seguinte, foi morto.

A versão oficial da época, apresentada pelos militares, foi a de que Vladimir Herzog teria se enforcado com um cinto, e divulgaram a foto do suposto enforcamento.

Em 1978 a Justiça brasileira condenou a União pela prisão ilegal, tortura e morte de Vladimir Herzog. Em 1996, a Comissão Especial dos Desaparecidos Políticos reconheceu oficialmente que ele foi assassinado e concedeu uma indenização à sua família, que não a aceitou, por julgar que o Estado brasileiro não deveria encerrar o caso dessa forma.



Adriano K. Esp. - 2014

WWW.PIRIKART.COM.BR

# APRENDENDO MAIS...

Reportagem de Renato Pompeu a respeito dos acontecimentos que conduziram e se seguiram à morte do jornalista Wladimir Herzog nas dependências do DOI-CODI de São Paulo. Uma verdadeira “contribuição para a memória do nosso tempo”, no dizer do jornalista Mino Carta. Um trabalho jornalístico objetivo e comovente – considerado uma das grandes obras do jornalismo brasileiro moderno –, primeiramente publicado pela revista alternativa EX e, agora, transformado em livro.



Em outubro de 1975, o jornalista Wladimir Herzog apareceu morto numa cela do temível Doi-Codi. O laudo oficial dizia que ele havia se enforcado. A farsa do suicídio não foi aceita pela sociedade, que realizou um grande protesto. Vlado, como era conhecido, e Paulo Markun trabalhavam juntos na TV Cultura e, apesar da diferença de idade — o primeiro, 38 anos, e o segundo, 23 —, tornaram-se companheiros também fora das redações. Os dois eram militantes do clandestino Partido Comunista Brasileiro. Markun, que também chegou a ser torturado, toma por base sua própria história desde a militância estudantil até a prisão para reconstituir a trajetória pessoal e profissional de Vlado.



# CARAS-PINTADAS: O FIM DO GOVERNO COLLOR!

J. P. G., P. S. M. e A. P. P. S.

O movimento dos cara-pintadas foi um movimento estudantil surgido em 1992, e que foi um dos responsáveis pela queda do então presidente Fernando Collor de Mello. Jovens pelo Brasil todo foram as ruas mostrar sua insatisfação com o governo corrupto de Fernando Collor. Sendo o primeiro presidente democraticamente eleito depois da Ditadura, ele prometia o fim da corrupção e também prometia caçar os chamados "marajás".



A importância do Caras-Pintadas é resultado da enorme quantidade de jovens estudantes secundaristas e universitários que possibilitaram a caracterização da mobilização como um movimento estudantil. Mais do que isso, o movimento pôde unir diferentes entidades de representatividade da sociedade civil, como a UNE, UBES, Central Única dos Trabalhadores (CUT), Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e a Associação Brasileira de Imprensa (ABI).



Foi dele também a criação do Plano Collor, que prometia recuperar a economia do país, mas conseguiu exatamente o contrário: jogou o Brasil numa crise econômica terrível, e acentuou uma crise política que já mostrava sua cara nesse momento.





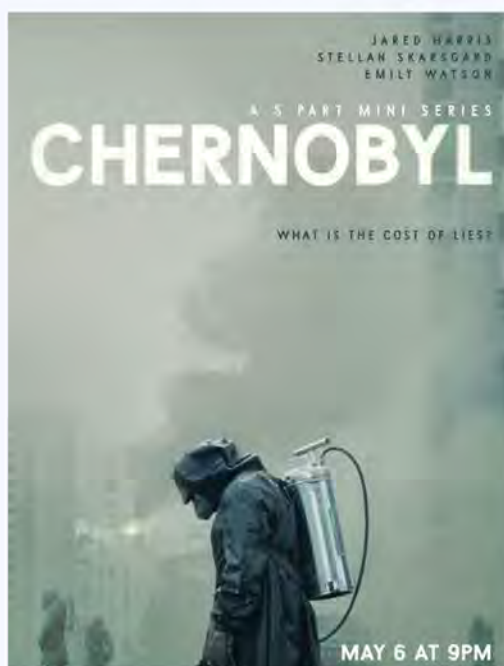
# HISTÓRIA EM REVISTA!



# VOCÊ PRECISA ASSISTIR!

J. P. P. e M. C.

*"Chernobyl conta a história da explosão que aconteceu na Usina Nuclear que dá nome ao título. Em 1986, na Ucrânia, o acidente dizimou dezenas de pessoas e acabou por se tornar o maior desastre nuclear da história. Enquanto o mundo lamentava o ocorrido, o cientista Valery Legasov (Jared Harris), a física Ulana Khomyuk (Emily Watson) e o vice-presidente do Conselho de Ministros Boris Shcherbina (Stellan Skarsgård) tentam descobrir as causas do acidente".*



Com interpretações fortes e uma história difícil de ser esquecida, Chernobyl entrou para a história da TV norte americana. Essa proeza, alcançada com apenas cinco episódios, se dá não somente pela história, que por si só já chama a atenção do público, mas por uma reconstrução de época primorosa e por mostrar o início do fim da URSS. Uma história para todos os amantes da história e por quem gosta de apreciar uma trama eletrizante.

# 6 MÚSICAS CENSURADAS NA DITADURA

E. F., R. S. e S. S.



O canal Pipocando música é um canal derivado do Pipocando, que fala de filmes e seriados. Nesse canal, os apresentadores Junior Lima e Bruno Bock falam sobre música de forma geral, e apresentam as histórias por trás das músicas. Nesse vídeo, eles falam sobre músicas que surgiram durante a Ditadura Militar brasileira e que serviram como protesto para combater os anos de Chumbo.





# O QUE É...?

P. S. e J. P.

## homofobia

Medo patológico em relação à homossexualidade e aos homossexuais, a quem se sente sexual e afetivamente atraído por pessoas do mesmo sexo. Ódio direcionado aos homossexuais, geralmente demonstrado através de violência física ou verbal.



No Brasil, um LGBTQIA+ é morto a cada 26 horas, vítima da violência da homolesbotransfobia no país. Os dados foram divulgados pelo Grupo Gay da Bahia, no ano passado. Presidido por um governo conservador no poder desde 2018, onde o presidente da república afirma diante da Organização das Nações Unidas (ONU) que a base fundamentalista do Brasil é formada pela família tradicional - Homem, mulher e filhos, a homofobia ganha ainda mais força entre aqueles que não respeitam a liberdade individual da sexualidade de cada um.



Fonte: Observatório G

## ASSISTINDO PARA APRENDER...

E. P.



### Sinopse:

"Uma jovem bartender do Bronx, uma mãe de luto em Nevada e uma enfermeira do Missouri se juntam a um movimento de candidatos insurgentes com a intenção de desafiar os poderosos do Congresso Americano. Sem nenhuma experiência política prévia, financiamento de campanha ou parcerias com grandes mídias, elas conseguem realizar uma mudança no cenário político considerada praticamente impossível por opositores."

Você pode assistir o documentário na Netflix.

### Opinião:

E muito importante ver uma mulher latina vencendo. Essa vitória acaba impulsionando tantas outras, que carecem de bons exemplos para seguir em frente. Nesse documentário, a ex garçonete Alexandria Ocasio-Cortez e outras três mulheres, disputam as eleições para um cargo de deputada em 2018. Disputando com homens brancos, que já ocupavam esse lugar e que não pretendiam abrir mão dele facilmente, elas resolvem comprar a briga, lançam suas candidaturas com poucos recursos, mas com vontade de fazer diferente. A única que vence é Alexandria, o que já movimenta algo diferente naquele contexto. Você sentir vontade de entender mais sobre política nos EUA, assim como vai querer que todas as suas amigas assistam também.



# AINDA EXISTE ESCRAVIDÃO?

P. H. S. e J. P. A.

## FATOS SOBRE TRABALHO ESCRAVO NO BRASIL

TRABALHO ANÁLOGO À ESCRAVIDÃO É O NOME DADO A FORMAS DE ESCRAVIDÃO CONTEMPORÂNEA.



ISSO INCLUI, ALÉM DO TRABALHO FORÇADO, SERVIDÃO POR DÍVIDAS, IMPEDIMENTO DE SAIR DO LOCAL DE TRABALHO, JORNADAS EXAUSTIVAS OU EM CONDIÇÕES DEGRADANTES.

AS PENAS VÃO DE MULTA E PRISÃO À EXPROPRIAÇÃO DE TERRA, MAS ESTA ÚLTIMA PUNIÇÃO NUNCA FOI APLICADA.



EMPRESAS ENVOLVIDAS ENTRAM NA "LISTA SUJA" E FICAM IMPEDIDAS DE PEGAR EMPRÉSTIMOS EM BANCOS PÚBLICOS, ENTRE OUTRAS RESTRIÇÕES.

DE 2003 A 2018, FORAM RESGATADOS 45.028 TRABALHADORES EM SITUAÇÃO DE TRABALHO FORÇADO NO BRASIL.



O MAIOR NÚMERO DE CASOS OCORRE EM ÁREAS RURAIS, PRINCIPALMENTE NA PECUÁRIA E NO SETOR SUCROALCOOLEIRO.



AF

Fontes: MPT, Secretaria do Trabalho, CF, Código Penal e OIT.

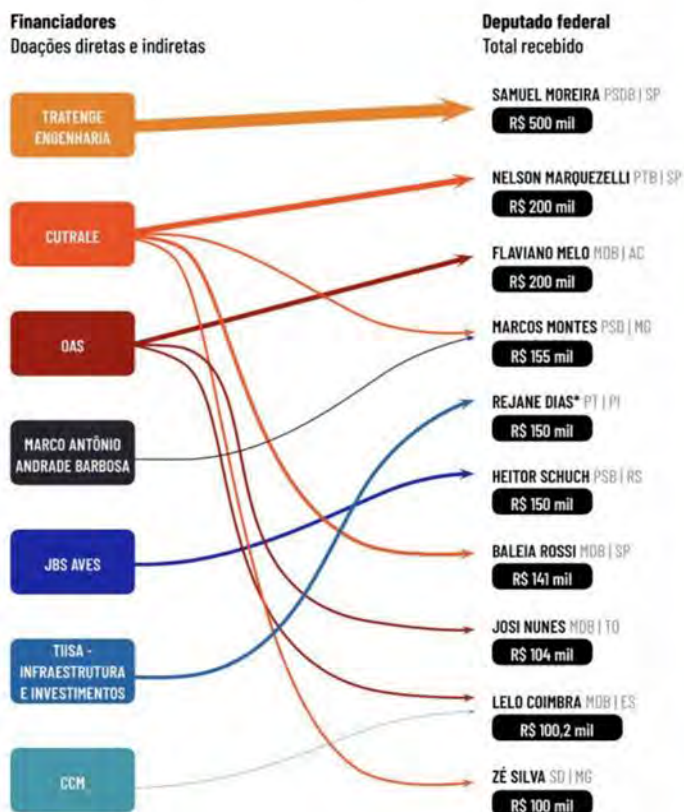
**DENÚNCIAS PODEM SER FEITAS PELO TELEFONE "100".**

O termo trabalho escravo contemporâneo é usado no Brasil para designar a situação em que a pessoa está submetida a trabalho forçado, jornada exaustiva, servidão por dívidas e/ou condições degradantes. Muitos trabalhadores ainda se encontram em situação de escravidão no Brasil. No trabalho doméstico, na atividade agropecuária, na mineração, na construção civil ou na confecção têxtil, ainda existem pessoas que sofrem com atentados contra os seus direitos.



## FINANCIAMENTO SUJO

Os dez deputados federais que mais receberam doações de campanha em 2014 de empresas que entraram na 'Lista Suja' do trabalho escravo



\*A deputada não está no Ruralômetro por ter participado de menos de três votações  
Fontes: TSE e histórico da 'Lista Suja' do trabalho escravo

## RAIO-X QUEM É O TRABALHADOR ESCRAVO CONTEMPORÂNEO

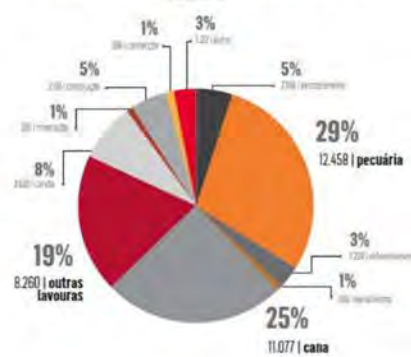


Cerca de **50 mil** trabalhadores resgatados desde 1995



Idade: **83%** têm entre 18 e 44 anos

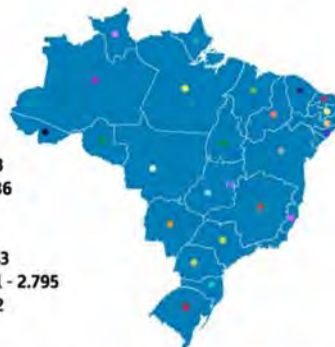
### Trabalhadores libertados entre 2003 e 2014



Escolaridade: **33%** analfabetos e **39%** só chegaram até a quarta série

## Trabalhadores libertados do trabalho escravo entre 1995 a 2018 no Brasil

- Acre - 183
- Alagoas - 860
- Amazonas - 524
- Amapá - 37
- Bahia - 3.342
- Ceará - 604
- Distrito Federal - 33
- Espírito Santo - 1.186
- Goiás - 4.175
- Maranhão - 3.355
- Minas Gerais - 3.843
- Mato Grosso do Sul - 2.795
- Mato Grosso - 6.162
- Pará - 13.378



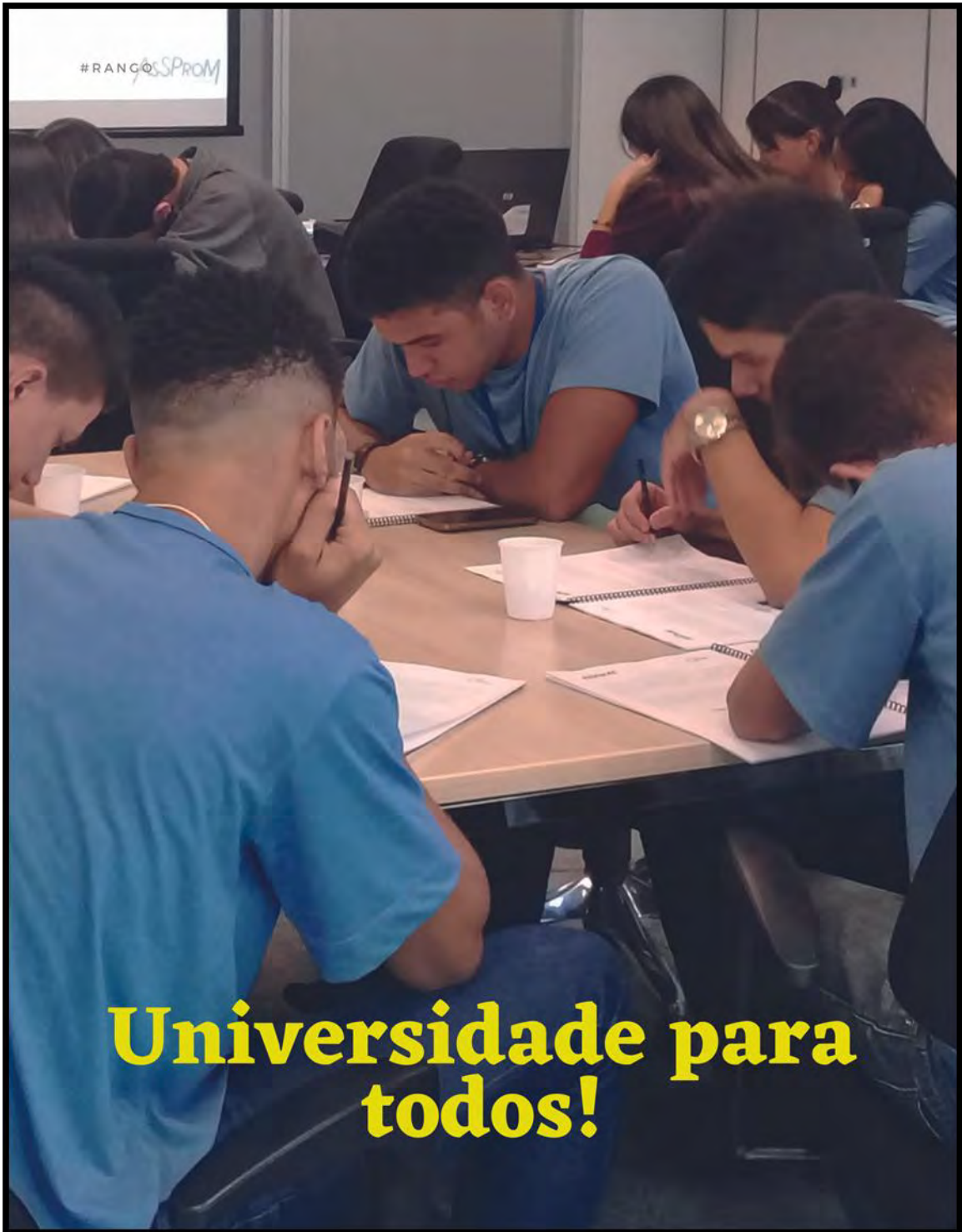
- Paraíba - 48
- Pernambuco - 769
- Piauí - 1.234
- Paraná - 1.441
- Rio de Janeiro - 2.234
- Rio Grande do Norte - 36
- Rondônia - 909
- Roraima - 76
- Rio Grande do Sul - 325
- Santa Catarina - 906
- Sergipe - 40
- São Paulo - 2.061
- Tocantins - 3.053

**Total - 53.609**

Fonte: Comissão Pastoral da Terra







**Universidade para todos!**





# Orientações para professores

## Material complementar para professores de História

A revista em questão tem como objetivo criar uma ponte entre as novas tecnologias, as novas mídias e as mídias "antigas". Chamo a revista de uma mídia antiga, exatamente por saber que nossos alunos buscam muito mais informações na internet do que em pesquisas tradicionais, que eram mais utilizadas antes da popularização de computadores, notebooks, celulares, tablets, etc. Fazer uso de uma ferramenta como o Canva contribui para que professores e alunos possam juntos construir não só uma revista, mas também uma série de outras ferramentas que podem contribuir para um aprendizado mais significativo e com sentido.

Para uma melhor compreensão da proposta dessa revista, sugiro a leitura da dissertação completa.

**NOTA: Por se tratar de um produto para a produção acadêmica, optou-se por colocar apenas as iniciais dos alunos, mantendo assim o seu anonimato.**



## Referências:

<https://pt.wikipedia.org/>

[novaescola.org.br/](https://novaescola.org.br/)

<https://brasilecola.uol.com.br>

<https://www.saude.mg.gov.br/>

<https://medium.com/>

<https://descomplica.com.br/>

<https://www.projetedacao.com.br/>

<https://www.politize.com.br/crise-dos-refugiados/>

<https://www.camara.leg.br/>

<https://www.andes.org.br/>

<https://www.institutomariellefranco.org/>

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/>

<https://www.todamateria.com.br/>

<https://mundoeducacao.uol.com.br/>

<https://www.suapesquisa.com/>

<https://agenciabrasil.ebc.com.br>